revista literária

19

revista literária do corpo discente da ufmg

REVISTA LITERÁRIA DO CORPO DISCENTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Patrocinada pelo Departamento de Assuntos Estudantis do Ministério da Educação.

DEZEMBRO DE 1984/JANEIRO DE 1985 * ANO XVIII * NÚMERO 19

Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais

COMISSÃO DA REVISTA

ANA MARIA DE ALMEIDA

RONALD CLAVER CAMARGO

★

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

As ilustrações da Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, nº 19, foram escolhidas entre as apresentadas pelos seguintes alunos: Fernando Augusto, Irmgard Schanner, Jimmy Leroy, Cláudia Pauliello, Adriano José Esteves, Denise R. Rodrigues, Gina S. Nogueira, Eugênio Pachielli, Maria do Carmo Almeida, Carlos Magno Coelho, Cláudia Diniz Silveira, Magda Rezende de Oliveira, Marisa Vasconcelos Dutra, Domenique Lapouble Correa, Beatriz Menezes, Fernando Cruz, Adriana Silveira, Adriana Leão, Agnaldo Pinho e Lúcio César de Oliveira, da Escola de Belas Artes da UFMG.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

CENTRO DE EXTENSÃO DA FACULDADE DE LETRAS DA UFMG

AV. ANTONIO CARLOS, 6627 — SALA 214 — 2º ANDAR

31270 BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

ÍNDICE

Nota editorial 7

CONCURSO DE CONTOS

Rosas na Catedral — *Antenor Pimenta Madeira* 11
Uma História Incrível — *Antenor Pimenta Madeira* 23
O Fantasma de Raul Tomásio — *Antenor Pimenta Madeira* 28
O Vesúvio — *Maria do Espírito Santo Gontijo* 34
Papairanóico Filhaalcoólica — *Maria do Espírito Santo Gontijo* 35
Rei Midas — *Maria do Espírito Santo Gontijo* 39
Meta-Paixão — *Gracia Regina Gonçalves* 40
De Mensageira Triste para o seu Grande Amor ou El Dia que me Queiras — *Gracia Regina Gonçalves* 47

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

Comuin — *Maurício Lara Camargos* 53
E Bandeiras — *Sérgio Francisco Cruz Fantini* 58
Tobias Luar — *Marcílio França Castro* 60

CONCURSO DE POEMAS

Sandino — General de Homens Livres — *Sérgio Coelho Medeiros* .. 67
Poesias — *Henriette Mourão do Amaral* 77
Trindade — *Rita de Cássia Espeschite Braga* 79
Sem Título — *Rita de Cássia Espeschite Braga* 80
Segunda Mão — *Rita de Cássia Espeschite Braga* 80
Consulta — *Rita de Cássia Espeschite Braga* 81
Chinatown — *Rita de Cássia Espeschite Braga* 82

Trabalhos Escolhidos — Menção Honrosa

Comercial II — *Sérgio Francisco Cruz Fantini* 85
Advertência Muda — *Cássio Barbosa Cruz* 86
A Morte da Rosa — *José Mariano da Cunha Filho* 87
Os Ventos de Minha Infância — *Simone Maria de Souza* 88
A Rede — *Thaís Guimarães* 90

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

Poema Concreto — *José Amâncio Carvalho* 95
Pedra de Amolar — *José Amâncio Carvalho* 96
7 Poemas Idiotas e Uma Canção Cinzenta — *Ronald Claver* 97
As Cinzas da Quarta — *Ronald Claver* 99
Amar é ... — *Carlos Alberto Marques dos Reis* 100
Racha — *Marcus Bacamarte* 101
Sem Título — *Marcus Bacamarte* 102

CONTOS

A Morte de Marcondes ou As Cartas que não Chegaram — *Carlos Herculano Lopes* 105
Página de Corte — *José Narciso Bedran* 108
O Soldadinho de Chumbo — *Duílio Gomes* 117

ENSAIOS

As Manhas do Jabuti no Manifesto Antropófago — *Lauro Belchior Mendes* 129
O Mito em Iracema de José de Alencar — *Ingeborg Scheible-Turchetti* 143
A Bricolagem em Avalovara: (Re) Constituição do Corpo — *Ilza Matias de Sousa* 155

RESENHA

Estatística da Revista Literária 169
Relação de Contos Recebidos 170
Relação de Poesias Recebidas 171
Publicações Recebidas 183
Algumas Críticas à Revista Literária do Corpo Discente da UFMG 185

NOTA EDITORIAL

A Revista Literária do Corpo Discente da Universidade Federal de Minas Gerais traz, em seu 19º número, algumas modificações. De um lado, tem privilegiado a publicação do conjunto de trabalhos premiados no Concurso de Contos e Poesias. Por outro lado, realizou, após o habitual concurso literário, o primeiro Concurso de Ilustração de Textos, dirigido aos alunos da Escola de Belas Artes da UFMG.
Isso explica, de certo modo. o atraso na elaboração deste número.
A Comissão Editorial agradece:

— à Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais, nas pessoas do ex-Reitor Prof. José Henrique Santos e do Magnífico Reitor Prof. Dr. Cid Velloso, a atenção dispensada a essa tradicional Revista;

— à Pró-Reitoria de Extensão, na pessoa do Pró-Reitor, Prof. Thomás Aroldo da Mota Santos, o patrocínio do Concurso de Contos e Poesias;

— ao Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG, na pessoa da Profª Maria Beatriz Nascimento Decat, Coordenadora do CENEX/ FALE, o patrocínio do Concurso de Ilustração de Textos;

— ao Centro de Extensão da Escola de Belas Artes, nas pessoas do Coordenador Prof. José Amâncio de Carvalho e da Secretária Srta. Vera Lúcia do Carmo, a promoção do Concurso de Ilustração;

— aos Professores Valmiki Villela Guimarães, Luiz Cláudio Vieira de Oliveira e Ronald Claver, que compuseram a banca julgadora do 19º Concurso de Contos, Poesia e Ilustração.

De modo especial, agradece ao Técnico em Assuntos Culturais responsável pela assessoria cultural da Revista, Prof. Carlos Alberto Marques dos Reis, a quem deve a organização final da correspondência e dos textos desta edição.

Ana Maria de Almeida

Ronald Claver

RL

revista literária

CONCURSO DE CONTOS

1º Lugar

PSEUDÔNIMO: NOEL

Antenor Pimenta Madeira
Escola de Engenharia

ROSAS NA CATEDRAL

A GISÉLIA

Não era muito grande a casa. Contava três quartos de tamanho médio, um quarto de entulhos, duas salas relativamente amplas e a puxada, onde ficava a cozinha. Quando da construção, muitos anos antes, Papai Isidro ordenou que a fachada fosse adornada de pedras coloridas e malacachetas. Ao lado da cozinha, havia o quarto de entulho, abarrotado de ferramentas, arreios, sacos de aniagem e pedaços de madeira. Dali podia-se chegar à oficina de Papai Isidro, onde a poeira preta e metálica cobria tudo.

Os estalidos secos do metal em brasa e o sussurro do fole deixaram Miércoles enjoada, estava empapada de suor, contorcendo-se na cama. A parteira limpava-lhe a testa, o pescoço, o queixo, com um pano molhado. Respirava asperamente, feito um cachorrinho n'água. De instante a instante, rilhava os dentes e tentava praguejar contra o barulho que Papai Isidro produzia na oficina. Sua voz, entretanto, tinha sumido. Nela, só era palpável a dor. Tranqüilize-se, disse a preta, enquanto abanava um leque junto a seu rosto, o menino não demora a nascer. Uma tacha d'água chiava no fogo; tudo estava preparado: a roupa branca jazia sobre a mesa e a cômoda guardava o enxoval do menino, pois ia nascer um menino, seria um menino. Porque Papai Isidro não parava com aquele terrível clangor? O ferro em brasa parecia ferir suas entranhas, revolvendo-lhe os humores. A preta ordenou que apertasse o lençol entre os

dentes. Mordeu-o furiosamente. Seus braços foram amarrados contra a cabeceira. Uma expressão de dor aflorou daqueles grandes olhos. Tornou-se lívida e um torpor inusitado tirou-lhe os sentidos.

Enquanto trabalhava o metal, Papai Isidro resfolegava feito um burro bravo. Era um homem alto, esquálido, cabelos secos, ar circunspecto, pernas compridas e meio arqueadas. Usava uma camisa aberta, sem colarinho, uma calça de baeta, cerzida nos traseiros; um lenço vermelho, sujo de carvão, caía-lhe do bolso. Tinha o nariz enegrecido e as narinas estavam cobertas de picumã. Seu peito era coberto por uma penugem que outrora fora branca e agora tinha uma cor indefinida, que se aproximava do cinzento. Desde a adolescência aprendera o ofício de ferreiro e tomara-se de amor pela oficina. Entendia a alma do metal. Trabalhava-o com mestria.

Parou de golpear o metal rubro, mergulhou-o n'água morna e sentiu o vapor contra o rosto. Assoou o nariz, e uma plasta escura ficou grudada no lenço. Caminhou até a mesinha, meio vacilante, e pegou com as mãos ásperar a bilha de leite. Seus lábios sugaram avidamente o leite que lhe deixou um bigode branco e cheio de gordura. Passou a costa das mãos contra os lábios, com a fisionomia um pouco azeda. Debruçou-se no peitoril da janelinha, de onde se via o quintal, e ficou a espiar o jacaré, amarrado por uma longa corrente de metal, tomando sol, sonolento, junto do poço. Dali, ouvia o vai-e-vem da parteira. Pensou na pobre Miércoles que se debatia no leito. Já não era uma menina, mas conservava-se angelical e pura. Pobre mulher, disse. Questão de horas, minutos talvez, daria à luz. Ele não tivera coragem de ficar a seu lado, não tinha jeito para essas coisas. Impressionava-se facilmente com os gemidos e resmungos das parturientes. Mastigou sem sentir uma lasca de madeira e foi cuspindo pelo terreiro afora. O jacaré puxou a corrente que o ligava à estaca, com os olhos espantados, contemplando o dono. Papai Isidro jogou-lhe vísceras de galinha. Sua sombra cobriu o jacaré, o vento quente agitou a poeira e levantou as folhas secas espalhadas na plataforma, para frente e para os lados.

— Então bichinho, que tal a comida? Verdadeiro banquete, pode acreditar — tinha certa ansiedade na voz — não gosta de comer sozinho, verdade? Então, depois o Papai Isidro virá comer em sua companhia, não deve ficar triste não. Hoje vai chegar gente nova na casa, Miércoles o aguarda dolorosamente, coitada. Mas ele vem, pois não há de ser ele? Há de se chamar Nabucodonosor. Quero que sejam amigos, e serão, estou certo — puxou a corrente levemente — sei que não gosta da corrente, mas é que não existe outro jeito, seu fujão. Já imaginou se o solto? Adeus, nunca mais o veria. Sem você, eu ficaria muito triste, triste mesmo. Miércoles também. Ela o teme, é verdade, mas no fundo, ela gosta do meu bichinho. Afinal, não conheço nenhum jacaré tão bonzinho.

A preta saiu pela porta da cozinha e caminhou na direção do poço. Tinha as mãos sujas e os olhos radiantes. Era gorducha, já entrada em anos. Levantou ambas as mãos, batendo uma de encontro à outra. Papai Isidro ergueu os olhos, esperando que ela falasse. A mulher estacou, tinha medo do jacaré. Papai Isidro sorriu com os cantos da boca e se aproximou. Ela olhou em volta e aguardou que ele perguntasse:

— Então, como está Miércoles?

— Teve um menino — disse, com pequenos intervalos entre as palavras — é um menino robusto.

Papai Isidro meteu-se porta adentro com a rapidez do relâmpago. Imóvel, a mulher o seguiu com os olhos, senhora de si, contente talvez por conhecer tão bem a ciência de sua profissão. Sentiu um movimento atrás de si. Era o jacaré. Com todas as forças, soltou o mais alto grito que pôde, ao mesmo tempo que se atirou, num salto, a caminho da porta, o coração acelerado, a alma pela boca, e tremores por todo o corpo.

*

Junto da pérgula, entre as ramagens verdes e os canteiros de crisântemos, o pequeno Nabucodonosor perseguia a rã. Saltitante, os olhos estatelados, precisa no movimento de suas patinhas, ela tentou escapar do menino. Mas o verde das rama-

gens não era suficiente para a proteger do caçador. Agora, ele vinha bem armado, as mãos carregadas de pedras, o estilingue no bolso do macacão. O rosto rosado denunciava o mesmo sorriso de Miércoles, as faces soberbas, os olhos grandes, o queixo pronunciado e altivo. Avistou a pobre rã detrás de um pedaço de madeira já em decomposição. De um pulo, ela voou sobre os cogumelos, que eram pequenos guarda-chuvas, onde os duendes costumam se abrigar. Não me escapa, pensou Nabucodonosor. A primeira pedra atirada quebrou uma das patas do anfíbio; a segunda roçou sua pele úmida. Fechou os olhinhos rapidamente e, apesar da fadiga, animada por secretas energias, ela foi deslizando na direção do poço. O menino quase não se conteve de tanto riso, enquanto a rã metia o corpo magoado na água. A princípio, Nabucodonosor hesitou, mas adquiriu uma espécie de confiança, alegre e forte, e jogou-se n'água também. A água da tarde massageou seu estômago. Não sabia nadar, por isso apoiou os pés sobre uma pedra e ficou olhando a rã se afastar. O vento arrepiou os pelos de seus braços. Estendeu-se de costas sobre a superfície lisa; uma sensação de perda o dominou. O sol batia contra seu rosto. Esquecida a rã, sua mão brincou com as pedrinhas redondas e as areias coloridas debaixo da água. Chegou no vento a voz alegre de Papai Isidro. Pensou no rosto do pai coberto de fuligem. Descansou bastante tempo, o sol queimando-lhe o rosto, os cabelos desalinhados, a morna aragem soprando. O mundo estava longe, bem longe, aquele seu mundo de criança. Um tronco de madeira vinha sobre a água, flutuando em sua direção. Afundava e emergia, vindo sempre para junto do menino que, sob o sol, parecia um peixe prateado, as escamas cintilando. Pressentiu que algo o roçava, e isso o despertou, de súbito. Ficou imóvel, perplexo, e o sol impediu que pudesse ver o que fosse. O pedaço de madeira que antes boiava ganhou vida, transformou-se na bocarra que lhe foi consumindo o braço direito. Era o jacaré. Sentiu que a carne cedia facilmente, e o sangue quente tingiu a água da tarde. O fundo do poço o atraía, as pedras eram ímãs e o jacaré o guiava, puxando-lhe o braço dilacerado. Um momento depois, Papai Isidro gritou, enegrecido de carvão, agarrou-lhe primeiro os cabelos,

depois o braço livre e, por fim, desesperado como um galo de briga, juntou todas as forças, apertou-o contra o peito, a cabecinha de peixe metálico apoiada no ombro, o sangue empapando-lhe a camisa. O pequeno Nabucodonosor sentiu que de seu coração brotavam flores frias, embora tão belas quanto as flores e roseiras em volta da pérgula, onde sua mãe, Miércoles, aguava suas tardes, a cantarolar canções monótonas.

Naquela noite, enquanto o pequeno ardia em febre, Papai Isidro esquartejou o jacaré e o queimou em fogo pétreo, ouvindo o fole arquejar, as brasas exalando odores nauseabundos, a cabeça pesada, os lábios retorcidos, ainda mais vermelhos que as brasas. A umidade entrava pela janelinha da oficina e a noite estava fria. O pobre homem viu brutalidade em tudo que o cercava. Chorou com dignidade, orou uma prece atropeladamente, o sangue lhe martelava nas têmporas.

*

Nabucodonosor acabava de completar quinze anos quando, pela primeira vez, matou um homem. Crescera longe de todos; as manhãs e auroras de sua existência passara sozinho, esquivando-se de toda e qualquer companhia, inclusive a de Papai Isidro. Miércoles lera nos livros uma série de coisas e lá aprendera que, por não sei que força misteriosa, um defeito físico faz com que o indivíduo o traduza no aperfeiçoamento de um sentido ou de uma série deles. Achava esquisito, entretanto, que Nabucodonosor tivesse atingido quase a perfeição logo no manejo das armas de fogo. Embora fizesse uso apenas do braço esquerdo, manobrava, com a mesma leveza de movimentos, tanto o revólver quanto a espingarda ou a carabina. Sua arma preferida era o taurus 38. Papai Isidro dera-lhe um; tinha cabo de madrepérola e reluzia sob a luz, untado de óleo, o tambor girando sem dificuldades, o gatilho macio, o cão prestes a detonar a cápsula.

Para ele, contava pouco o nome de quem deveria ser morto. Agarrara-se à profissão de pistoleiro como Papai Isidro, por certo, um dia, deve ter escolhido a de ferreiro. Para Miércoles ficou provado que a predestinação não deve ser tão ignorada como querem alguns. Não sabia como pôde suportar o choque,

no instante em que Nabucodonosor entrou, os olhos frios, e anunciou que matara aquele infeliz.

Ele guardou o dinheiro do crime debaixo do colchão. Deitou-se de costas, sem pensar em nada, fechou os olhos, sentiu um vento tépido a lhe afagar o peito. Aos poucos, no lugar do vazio que se apoderou dele, surgiu a lembrança do homem caindo de borco sobre as capistranas da rua. Lembrava-se de que o tinha examinado detidamente; até sacudiu o cadáver com o intuito de fazê-lo recobrar os sentidos para, então, matá-lo novamente. Não experimentou pasmo nem medo, apenas um comichão na carne, como se alguém lhe fizesse cócegas. Perscrutou o invisível, dormiu e não teve sonho nenhum.

No dia seguinte, abriu largamente as janelas, avistou o sol resplandescente a iluminar o jardim. Miércoles aguava suas roseiras e elas pareceram-lhe maravilhosas, banhadas de sereno. Sorriu para a mãe. Ela, entretanto, baixou os olhos. Nabucodonosor esticou o braço, apanhou uma rosa vermelha que chegava à altura da janela e jogou-a na direção da pérgula. Os olhos da mãe acompanharam a parábola descrita e as pétalas que se espalharam no ar. Ele teve vontade de gritar: sou eu, estou aqui, mãe, não morri, estou vivo! Não tinha medo e as rosas eram vermelhas. Ah, soltou um suspiro, afastando-se da janela.

Tomou o café sem açúcar, sozinho. Não comeu nada; não sentia vontade de ter nada na boca além do café amargo. Espicaçou os bicos do pão entre os dedos e deixou que os pedacinhos fossem caindo sobre o mosaico da toalha. Pensou: o homem é um bípede; o cavalo, quadrúpede; de que me adianta saber isso? Riu de si mesmo. Estava convencido de que nada tinha de filósofo e, por isso, afastou de si a idéia de ficar refletindo como tolo. Filosoficamente sou compassivo, um pobre bêbado, disse. Deu uma boa gargalhada.

Minutos depois, estava no jardim. Miércoles deu-lhe a bênção e continuou a podar uma roseira. Estava silenciosa, melancólica, parecia um espectro. Trajava um vestido cinza, meio machucado pelo tempo e o avental branco tinha manchas de gordura e terra. Olheiras pronunciadas marcavam-lhe o rosto. Terminou a poda. Com a enxada, revolveu um canteiro. Ali plantaria alegretes.

A Turca, uma moça das vizinhanças que começava a se interessar por Nabucodonosor, ia trazer as mudas. Misturou o esterco na terra, encheu o regador e aguou o novo canteiro. Nabucodonosor agachou-se e ficou a triturar torrões de terra com os dedos.

— Não consigo atinar com o que pode estar se passando na sua cabeça.

— A senhora não pode adivinhar — falou num tom de consolo — é que resolvi levar algumas rosas para colocar diante da Mater Dolorosa, na catedral.

*

Desde então, ele, Nabucodonosor, assim que levava a termo alguma empreitada, corria ao jardim, acompanhado por Miércoles ou pela Turca, enchia uma cesta de rosas (preferia as vermelhas), saía de casa alegremente, dobrava a esquina à direita, seguia o grande rio africano que era a Rua Nelson de Sena. O grande rio desembocava na estreita Rua Dep. Nacip Raydan, onde Nabucodonosor caminhava alheio à ordem natural das coisas e das pessoas e nenhuma paixão especial conseguia alcançar seu coração. Por fim, a rua, ou seja, rio, o rio que ele ia seguindo, desaguava na praça em que parecia haver uma eterna luz crespuscular, e essa luz certamente conhecia a dimensão histórica daquela rua estreita (leia-se: rio estreito) que paradoxalmente recebia as águas do caudaloso rio africano, e Nabucodonosor sabia e pensava, enquanto subia os degraus da catedral, que fizera uma travessia surpreendente mas, ao mesmo tempo, reconhecia que tudo não passava de mero expediente. Era justamente neste instante que ele se sentia humano. Entrava na catedral com o passo manso do peregrino que aflui a algum rio porventura sagrado para se purificar em suas águas. A porta é a via de penetração que me resta, mas seria bom atravessar as paredes, dizia consigo. Nessas ocasiões seus olhos começavam a enxergar além das meras imagens, além dos vidros coloridos, das figuras pretéritas pintadas no céu da catedral, e muito além da atmosfera úmida e inerte que havia ali. As rosas depositadas ante a imagem da Mater Dolorosa eram o baluarte invencível contra o dragão medieval que, às vezes, tentava vir à tona em seus lagos mais

ocultos. Ali, longe das paixões potenciais, as águas de seus lagos íntimos eram dominadas por uma inesperada mansietude. Engraçado, meu único braço não é capaz de me tornar mais humano que um cavalo — dizia em silêncio e, ao mesmo tempo, fazia pilhérias mudas com as imagens à sua volta — só a razão me distancia da condição equina.

*

Papai Isidro mantém os olhos baixos, os braços cruzados sobre a mesa. Tem a pele seca, cor de terracota e fumo; cores que se fundem naturalmente e se interpenetram. Não tem coragem sequer de encarar Miércoles, que está diante dele. A voz dela sai como se estivesse sendo forjada a custo, rouca e ferina, tresloucada, santamente áspera e rude.

— Fez como faria qualquer labrego, desatou a correr pelo quintal afora, passou entre as ramagens e arames da cerca, o braço a balançar, mudo e louco, de uma maneira que jamais vi. Correu por um longo tempo e, por fim, meus olhos já ardiam, erguidos contra o sol, quando ele desapareceu na sombra de uma última bananeira. Esperei ainda vê-lo, mesmo quando já não havia em mim sequer uma réstia de esperança ou uma fímbria de luz nas regiões da memória.

Mas voltou. Voltou horas depois, tinha o ar ofegante, alguns cortes que sofrera nas folhas afiadas do mato, a roupa desalinhada e suja, os olhos de louco contido. Transpôs a porta em silêncio, sem deixar transparecer o crepúsculo que talvez o invadisse. Observou-me, resignado e triste. Disse-lhe: «a Turca gostaria de vê-lo. Chora como uma desatinada e espera pelo menos falar umas poucas palavras com você.» Dirigiu-se à cozinha; desastradamente bebeu o café sem açúcar de todos esses anos; o fogo estava meio apagado, soprou uma brasa para acender o cigarro. A mim me pareceu um homem que nada fizera durante vinte e quatro anos, uma massa inerte, um iguana de pedra, uma tartaruga pré-histórica, insignificante, sem vida. Às vezes, de onde estava sentado, olhava-me, entre arrependido e triunfante. Falei umas frases mais a respetio da Turca; ele, porém, não escutou. É provável que não quisesse assim proceder.

Talvez, é até bem provável, afirmo. Mas o certo é que ele não era capaz de ouvir coisa alguma. Pensei: «está aí, como o homem debruçado diante das águas tranqüilas de um lago, contudo, sem perceber seu rosto, pois é noite, é noite escura, e ele talvez nem consiga sentir que o sangue pulsa fortemente em suas veias.» Olhou fixamente as paredes nuas, como se tivesse nelas algum interesse e não aquele menosprezo por tudo, que lhe é tão peculiar. Sorriu diante de mim, e era como se eu ali não me encontrasse, sorriu simplesmente, aquela espécie de sorriso que fica em nossa lembrança para todo o sempre, como se fosse um sinal, um símbolo previamente combinado. Não pude medir quanto tempo ficamos assim. Aliás, eu mal podia dizer se era noite ou dia. Nabucodonosor pôs-se de pé, abriu o armário e lá guardou o revólver, da mesma maneira cautelosa que uma criança esconderia o brinquedo de sua predileção — a voz de Miércoles, como sói acontecer, é triste e quase morre de tão fraca. Papai Isidro tem uma expressão também triste e desolada — colocou no armário também as cápsulas que trazia nos bolsos. Li no rosto dele, subitaneamente, uma carranca de dureza e espanto. Cheguei a pensar que aquela carranca era do Demônio e não o rosto soberbo e frágil de meu filho. Aí, sobre o lavatório, ele notou as rosas que eu colhera para a Turca. Ele disse-me: «as rosas não ficam bem ali». Quando me refiz do tom cavernoso de sua voz, ele já tinha agarrado as rosas. Não pude sofrer mais, não tive forças para suportar tanta vaidade, tanta cegueira. Era demasiado tarde, minha mão já tinha descido duas vezes contra aquele rosto. Dei-lhe outras bofetadas. «Ele está terrivelmente perdido», disse consigo, «foi, desde todo o sempre, uma semente podre.» Daí, desapareceu por encanto. Virou as costas, e sumiu com as rosas, podre Nabucodonosor!

*

No domingo de sua morte, Nabucodonosor atravessou a praça devagar, como se já guardasse ordenadamente na cabeça o número de passos para chegar à catedral. Agia como se estivesse hipnotizado. Sabia que levava as rosas, mas não atinara ainda com o motivo de sua ida à catedral, daquela forma brusca,

aparentemente brusca. Isso parecia longe de sua compreensão e conhecimento. «Assim que eu me encontrar lá dentro, talvez me lembre de quem matei hoje». Continuou caminhando sob a luz dos lampiões. Ainda não eram nove horas. Dir-se-ia, entretanto, que Nabucodonosor talvez levasse rosas a uma namorada, tão plácida era a sua expressão. A luz amarelada e bolorenta inundava o interior da catedral; ele pôde vislumbrá-la de longe, furando as janelas. «Antes, nunca levei rosas, sem que tivesse matado alguém.»

Lembrou-se de uma noite, junto à pérgula, em que ele conversava com a Turca. Para ele, aquela moça esbelta e esguia possuía apenas as virtudes secundárias, faltando-lhe, portanto, as virtudes primárias e suas principais qualidades. Concordava Schopenhauer quando este diz que as aptidões naturais da mulher explicam a humanidade, a piedade e a simpatia que estas dispensam aos desgraçados. «É fraca de razão como todas as outras e nem mesmo aqueles olhos sublimados conseguem fazê-la diferente de uma mula ou uma ratazana.»

A Turca, cujo nome de batismo era Nagibe, possuía cabelos negros e longos, o rosto era oval, muito pálido, embora denunciasse certa altivez; não havia eloqüência alguma naquela voz arrastada. Vestia-se desalinhadamente e tinha uma absoluta necessidade de amar. Essa necessidade lhe era ditada por uma ordem superior, que ela sentia muito próxima da mão e, ao mesmo tempo, tão abstrata quanto o momento que acaba de escoar na ampulheta.

Nabucodonosor sempre ouvira a jovem Nagibe com frieza. Tornava-se frio e áspero como uma pedra quando percebia aquelas sílabas dissonantes dirigidas a ele. Algumas vezes, é verdade, aquela voz sem eloqüência conseguia alcançar, não sem grande dificuldade, o pórtico de uma casa não tão sombria dentro dele. Mas à primeira brisa, a rosa dos ventos girava e o pórtico desaparecia, mantendo-se além do que alcançavam os mapas e as cartas geográficas comuns, e até mesmo o mais descabido conhecimento humano. Nabucodonosor oscilava, feito um pêndulo, entre a Turca e o nada. I love and hate her, pensava consigo (conforme escreveu Shakespeare), num instante imensurável e, de repente,

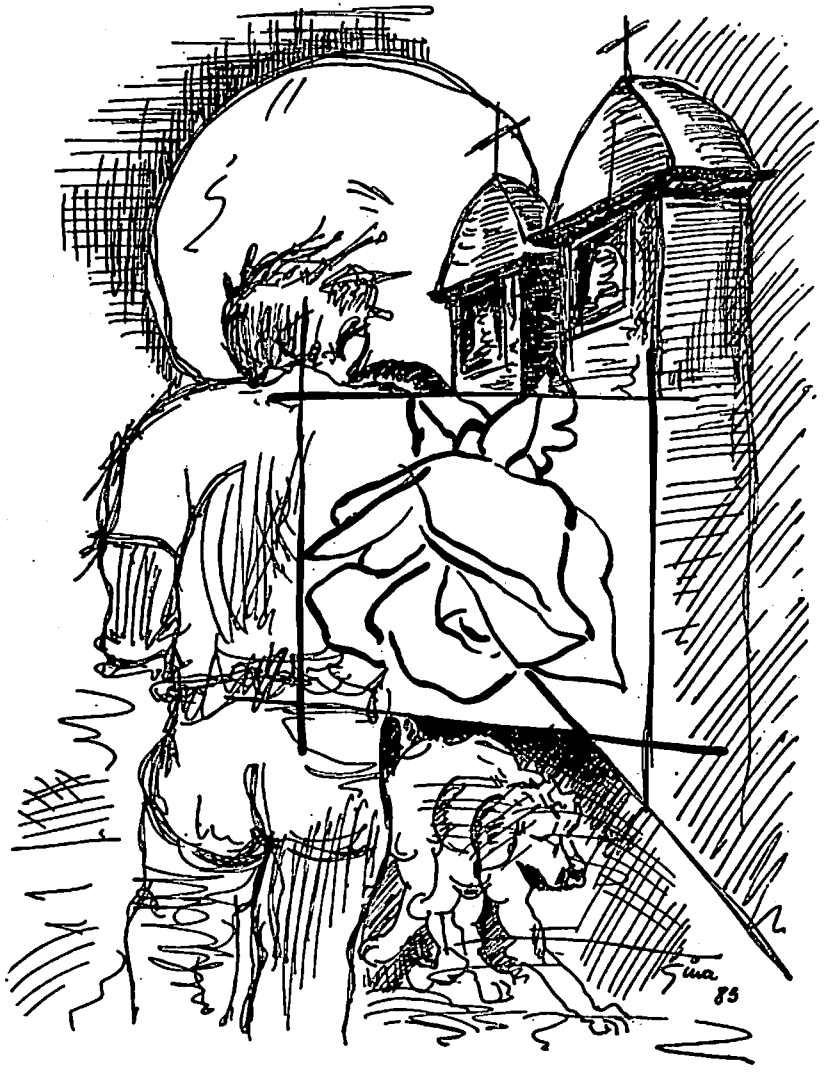
maior que o mundo e tão ínfimo quanto o amanhecer da matéria. Reconhecia que aquele amor teria significado para ele, não agora, mas ao tempo em que a velhice e a descrença fossem as únicas rugas nítidas em suas faces de velho.

A velhice é um enigma, pensou. Apalpou-se e então se lembrou que estava desarmado. «Engraçado, como seria mesmo o primeiro homem que matei? Sei apenas que ventava muito e parecia um dia feito para se matar alguém. Seria ele um desses homens que nos fazem pensar em chuva e lama? Tenho a sensação de chuva e lama nas narinas.» O ruído das botas de couro ressoava no chão e no ar da praça deserta. Longe, os sapos, os grilos e os pirilampos fundiam-se com a noite.

Aconteceu, então, o que ele, Nabucodonosor, certamente não imaginara diferente. No momento em que galgava os primeiros degraus do pórtico, recebeu contra o rosto a investida inicial do pedaço de ferro que antes, com certeza, fora uma tranca ou uma alavanca de deslocar toros de madeira. «Algo quente cobriu-me o olho direito e agora tapa completamente minha visão.» A pesada tranca (ou alavanca de deslocar toros de madeira) afundou-lhe a superfície frágil do crânio. E eram muitos os olhos que espiavam a cena, invisíveis na noite. Talvez Nabucodonosor já soubesse que a praça não era tão deserta quanto a princípio lhe pareceu, nem tampouco a solidão da noite era quebrada apenas pelo ruído ingênuo dos sapos e grilos, e pelas lanterninhas intermitentes dos pirilampos. Sentiu as pedras frias da rua no rosto. «Meu braço está estendido, sozinho, como se não fizesse parte de mim. É uma pena que este sangue quente cubra meus olhos. Gostaria de ver claramente em torno de mim. Ainda bem que não trouxe armas.»

Os olhos já não mais invisíveis espiavam cada vez mais de perto a massa desfigurada e quase inerte, esvaindo-se sobre as pedras nuas. Não havia espanto nem comiseração naqueles olhos. Sequer pasmo, apenas indiferença, nada mais. Antes de dar o derradeiro suspiro, Nabucodonosor compreendeu que as rosas, agora espalhadas pela calçada triste, eram para ele, em seu nome e em sua intenção.

•



UMA HISTÓRIA INCRÍVEL

À GISÉLIA

— Ouço os passos do abominável Jarmiro que, trajando o cavour de cor indefinida, vem empurrar minha cadeira pela porta adentro. São ordens de Isabel. Ela vive no quarto escuro, com os fantasmas dos soldados paraguaios. Não mostra o rosto a ninguém, mas sua voz de vidro moído retumba por toda a casa, dando ordens a Jarmiro. Ele executa suas ordens com um riso de certa malignidade nos lábios. Isabel puxou à mãe; tem o mesmo hábito pelos vestidos negros e sem ajuste certo no corpo, os olhos redondos, as mãos ossudas e a alma impenetrável.

Exigiu que meu banho fosse dado, vivesse eu pelos séculos dos séculos, sempre às quatro e meia da tarde. As mãos gosseiras de Jarmiro arranham-me na tentativa de retirar o limo crepuscular que se gruda irremediavelmente à minha pele. Não adianta nada, e ele sabe disso.

Pelas janelas abertas, os crisântemos e as begônias do pátio parecem travar uma guerra surda contra o perfume do quarto de Isabel. Ali, entre baús repletos de papéis, ela destila, em seus cadinhos secretos, a substância que, aos poucos, irá nos consumindo.

— O seu chá — diz Jarmiro, enquanto deposita o bule esmaltado sobre a mesa. Vem, empurra a cadeira, e suas rodas abrem dois sulcos paralelos sobre o tapete. A fumaça é tênue e cheirosa. Mas procuro ignorar o sabor do líquido que invade meu mundo. Posso ouvir os gemidos de Isabel que crescem, pouco a pouco, até explodirem numa descarga de impropérios. Terá o ataque de nervos, inevitavelmente.

Assim que o sino der a sétima badalada, Jarmiro abrirá a segunda gaveta do armário e entrará no quarto escuro, levando as amarras para atá-la junto à cama. Mas os fantasmas não deixarão que ela fique imóvel por muito tempo. Quando o odiável Jarmiro me trouxer o livro, eles irão desamarrá-la. Suas vozes (a de Isabel e a deles) entoarão uma obscura cantilena. E Jarmiro, como sempre, marcará o compasso, estalando os dedos dentro dos bolsos do cavour, a me olhar, como se visse em mim o unicórnio; ou então Mestre Jonas, recém-saído da baleia.

Há qualquer coisa de mágico quando toco o volume que o odiável criado coloca diante de mim. Peço que aproxime a vela, entretanto, ele não se mexe. São ordens de Isabel. Hoje estou a reler Proust, o primeiro tomo: Du Côté de Chez Swann. A vela não tem consistência para durar muito. Não posso entender que misteriosa substância Jarmiro emprega na confecção de suas velas, além da cera e do pavio. Mesmo o odor é distinto daquele que têm as velas usadas pelo Padre Atanágua. Lembra-me, não sei porque, o incenso nas brasas rubras, elevando-se em fumaça e a despertar recordações tão antigas quanto a vergonha. Já quase extinta, a vela deixa o ambiente da sala com aparência sublimada; meus olhos desprendem-se da página em que me encontro. Já as mãos do criado agarram com ágeis presas caninas o volume.

*

Despertei, há alguns minutos, com a sensação de que minha cabeça estava debaixo da cama. Com efeito, ao abrir os olhos, o quarto em que estava não era o meu. O Cristo sem braços (Jarmiro decepou os braços de madeira, numa tarde lamacenta de outubro) não se encontrava na parede; não pude ver a cadeira-de-rodas ao lado, nem a mesinha, onde fica a bilha d'água. Efetivamente, pensei, minha cabeça está debaixo da cama. Mas estava apenas sonhando. Fiz tal esforço para despertar que, num passem de mágica, cada coisa do quarto voltou ao seu lugar. Minha alma respirou aliviada.

Lembro-me que, durante a guerra, tive um sonho semelhante. A lâmina fria de um paraguaio acordou-me com sua alma de metal. De dentro do sonho atirei e o soldado inimigo caiu do

meu lado e ensopou de sangue minhas calças. Uma dor lancinante mostrou-me que o braço esquerdo ostentava um corte longitudinal de quase dez centímetros. Peguei o sabre que me ferira e o enterrei na garganta que jazia sobre a terra. Era um rapaz de farta cabeleira negra, uns olhos venenosos e dentes podres. Parecia trazer um anúncio de morte no rosto azeitonado. Talvez com seu golpe tenha demonstrado para mim toda a decepção de seus ancestrais índios diante da arrogância devastadora dos dominadores ávidos de metais. Quando voltei, a terrível úlcera ainda estava viva como uma rosa. Meses depois, me curei empregando o método de beber diariamente água ou vinho num cálice fabricado de terra milagrosa. A terra selada foi o medicamento usado para curar as feridas de Filoctetes, herói da guerra de Tróia. Comprei o cálice de um cigano que vagava com sua caravana pelo mundo. Li, por aquela época, algumas obras de Paracelso sobre o tratamento das feridas. Desde então, nasceu em mim uma paixão cálida e radiante por aquele espírito inovador e de vanguarda. Jarmiro, por puro farisaísmo, esboça um riso sardônico e, às vezes, diz: «Eis aí o nosso Teofrasto de Honhenheim.» Não digo nada, me calo. Ele desconhece qualquer coisa acerca dos meus estudos. Lonitzer dizia que fortalecer o coração é uma virtude do ouro. Afirmava também que eram grandes suas virtudes contra a lepra e a tinea. Mas quando Isabel e ele ouvem o que, às vezes, digo, juntam-se num duo que explode em gargalhadas. Penetram-me, e suas gargalhadas de água viva tornam-me incapaz até de sofrer. Não! Quando saio do estado de letargia, grito: Não, não sou o cidadão de Einsiedeln, arredores de Zurique; sou apenas o simulacro de um velho quase centenário, torturado pela filha louca e um criado que tem menos de homem que uma centopéia.

*

Derrotar Solano Lopez, é uma ordem, grita Isabel. Os fantasmas repetem em coro: derrotar Solano Lopez, é uma ordem! Curvo-me um pouco na cadeira, pois uma dor aguda revira meu corpo, em ondas de remorso. Respiro com dificuldade o ar da manhã. O corpo de Jarmiro ganha um aspecto grandioso contra

a luz da janela. De braços cruzados, apenso ao peitoril, ele me espreita. Isabel insiste com os fantasmas: derrotar Solano Lopez, é uma ordem. Ele estuda-me as rugas da testa. Ele tem consciência que lágrimas não tardarão a se cristalizar em meu rosto. E ele ri. Isabel o chama; ele corre entre as bananeiras que vão surgindo na casa, embrenha-se na mata do quarto escuro, rompe a centena de cipós invisíveis que os separam e possui Isabel. Ela grita de maneira hedionda. Leva-me novamente ao campo de batalha e a cicatriz do braço esquerdo parece se abrir ruidosamente como as rosas matinais. Rosa Mística, murmuro, e certa paz me acalenta. Rosa Mística, repito. Procuro não ouvir os gritos. Rosa Mística, Torre de Davi, Casa de Ouro... E meus olhos se transformam numa enorme clepsidra.

*

Agora o silêncio é agudo e causa certo medo. Em cada canto da casa, a poeira secular se acomoda. Minhas costas deixam de ranger e dão lugar ao minuto reticente. Há momentos em que admito a existência do silêncio pétreo. Daí me vem uma sensação de perda e impossibilidade. Solto uma palavra que soa mal, tem o som oco das dunas sazonais e é triste e triste e triste. As aranhas tentam tecer teias inefáveis pelos labirintos de minha memória; não duram muito nesse trabalho moroso. Não têm suficiente resistência para suportar o fogo brando do remorso.

Fixo o olhar na estampa da parede. «O sarcófago de Medéia. O velocino de ouro. Cento e oitenta anos depois de Cristo, pleno Império Romano. Museu de Antiguidades, Basiléia.» É o que leio atropeladamente na estampa. A clepsidra de meus olhos marca duas horas de uma tarde pura. Rosa Mística, minha fala é suave. Arca da Aliança, o mundo está quieto. Torre de Davi... Enquanto Isabel e Jarmiro dormem num abraço férreo, a solidão, minha companheira inevitável, vem com sua foice, ceifando as ervas da alegria que tentam, desajeitadamente e em vão, crescer no meu corpo estéril e deserto. Mater Inviolata, Mater Intemerata, Speculum Justitae, Auxilium afflictorum, Agnus Dei qui tollis peccata mundi, exaudi nos, Domine.

*

O FANTASMA DE RAUL TOMASIO

À GISÉLIA

Naquele domingo comum, quando a primeira porta se abriu, às cinco e meia da manhã, na casa de tolerância de Maria Egipcíaca, a notícia já se encontrava no ar, como se fizesse parte dele ou estivesse aderida à sua terrível secura como o musgo à pedra milenar que o sustenta. O ar estava árido e a ausência prolongada de chuvas, desde janeiro do ano anterior, criara certa obsessão odiosa na alma das pessoas. Nem mesmo no dia em que o Demônio Sebastian pisou pela primeira vez no chão enlameado de Santa Maria do Suaçuí, os comentários tinham sido tão intensos. Maria Egipcíaca, o rosto dolorido de sono e tédio, repetiu para cada uma das cem mulheres que exerciam o ofício mais antigo do mundo em sua casa palavra por palavra da notícia, com a mesma inflexão arrastada e solitária de sua voz. Uma ou outra mulher teceu comentários jocosos acerca da terrível coincidência, ela ralhou de uma forma quase rude, não muito comum.

Caminhando lentamente e em silêncio — ouvia-se apenas o murmúrio característico de roupas íntimas — elas dirigiram-se, em filas desordenadas, ao pátio de cimento colorido, onde dez mesas repletas as aguardavam para a ceia matinal de domingo. Naquela noite, elas teriam tanto trabalho que jamais se esqueceriam de como tinha o corpo doído na madrugada morna e também não haveriam de esquecer da multidão de lençóis ensopados de suor a balançar nos arames do pátio, exalando um odor agridoce, na esplêndida manhã de segunda-feira, antes do enterro de Raul Tomásio.

*

Raul Tomásio, só de cuecas, fazia a barba de uma semana, mirando-se num pedaço de espelho, no tanque do pátio. Era um homem alto e espadaúdo; tinha os olhos minúsculos — da cor do azeviche — sob sobrancelhas espessas. Seu queixo era pronunciado, a boca larga, as faces salientes e terrosas. Na mão direita, peluda e enorme, segurava a navalha, que ia abrindo um sulco raso ao longo do rosto. A casa em que morava era uma construção de arquitetura primária e sem conforto. Possuía dois quartos, uma sala minúscula, onde os únicos móveis eram uma mesa toscamente talhada e seis tamboretes igualmente fabricados e a extensa estante, preenchida por centúrias de livros. A comida ele mesmo preparava num fogareiro abrigado sob a cobertura de zinco, a um canto do pátio.

No espelho, comparou a metade do rosto cheia de espuma com a outra já inteiramente barbeada. Abriu a boca de dentes brancos num sorriso sem nexo e tolo. No instante em que empunhava a navalha, pela última vez, o Padre Atanágua surgiu no alto da escada. Enquanto a figura do padre deslizava com lentidão de tartaruga em sua direção, ele enfiou a cabeça sob a torneira e assim permaneceu — a água a escorrer pelos ombros — por alguns instantes. Sacudiu a cabeça, a água espalhou-se pelos quatro cantos, e pegou a toalha que jazia no varal. O pároco, ainda sem dizer nada, observou-lhe os gestos distraidamente. Enxugou o rosto com rudeza e, mesmo quando ungia pedra alúmem nos cortes provocados pela navalha, não deixou de fazê-lo com metódica severidade. Padre Atanágua riu daquela ingenuidade disfarçada.

— Você é uma criança — disse ao cabo de alguns segundos. Puxou a batina e assentou-se pesadamente no banco. Raul Tomásio, depois de recolocar a toalha molhada no varal, pôs-se junto dele.

— Isso não é defeito, mestre — disse como se estivesse a falar consigo.

— E então, seu suicídio estava marcado para hoje, não é? — Raul Tomásio fez um gesto de assentimento, meio aborrecido — para que horas estava previsto?

— Está previsto para as quatro horas da tarde — disse com entonação forte e solene, e apontou para a goiabeira centenária, plantada no fundo da casa. Só então o pároco pôde ver a forca improvisada em seus galhos. Pendia a corda de maneira estóica e incontestável, como se agredisse o que havia em volta. Com olhos resignados, Padre Atanágua abaixou a cabeça e falou como se pedisse desculpas. O tom que empregou soou, a princípio, em forma de súplica, para depois tomar corpo de uma desolação dissimulada.

— É sobre isso que devo falar. Ontem fui procurado pelo prefeito, que estava acompanhado do juiz e de uma série de pessoas. Eles dedilharam sobre a mesma tecla: você não pode morrer hoje. É inviável que a coisa se dê logo hoje. O bispo chegará com a comitiva dos deputados ao meio dia. Uma multidão já os aguarda na entrada da cidade — respirou fundo, tomando coragem para continuar; sabia que trilhava um caminho perigoso e delicado — sua morte seria a água no vinho da festa que a cidade preparou.

— Mas eu tinha marcado minha data bem antes, o senhor sabe disso — disse Raul Tomásio, sem rancor.

— Todos sabem disso — vociferou o pároco — mas faria diferença para você morrer amanhã, segunda-feira?

Raul Tomásio ficou calado e assumiu uma atitude pétrea.
— Amanhã é, sem dúvida, o dia ideal — continuou Padre Atanágua — pois a multidão que invadiu a cidade há de esperar para assistir os seus funerais. Será um enterro muito concorrido. Claro está que, como suicida, você não passará pela igreja, mas eu próprio prometo ajudar na organização, para que tudo corra às mil maravilhas.

Enfiou a mão no bolso direito da batina e tirou um bilhete. Raul Tomásio não lhe mirava o rosto, que se fazia rubro e satisfeito.

— Olhe, aqui está, é do senhor Ilário, o homem mais rico de que se tem notícia. Aqui ele diz que o ataúde será de madeira de lei, terá dobradiças de prata, e seda chinesa no acolchoamento, caso você concorde em morrer, não hoje, mas amanhã.

Mesmo o prefeito afirmou que discursará na solenidade — deu um tapinha amigável nas costas de Raul Tomásio, antes de concluir — jamais se terá notícia de outro enterro igual ao seu. Será digno de um rei inglês ou de qualquer monarca do mundo inteiro.

— E o bispo? — arguiu Raul Tomásio.

— Irá embora, à meia noite, junto com os deputados — e piscando os olhos azuis e bondosos — então, o que me diz?

— Não digo nada — e franziu o cenho.

Não houve sequer um segundo de atraso. Ao meio dia em ponto, o sol bem ardente, no ápice de sua trajetória, toda a multidão escaldava de suor, o carro do bispo e o ônibus colorido que trazia os políticos acionaram suas buzinas estridentes, um quilômetro antes de invadirem a cidade como uma manada de búfalos sob um vendaval, erguendo a poeira antiga nas ruas descalças. Foi tudo tão grandioso quanto uma chuva mágica de estrelas cadentes ou uma explosão luminosa da massa lunar. Pelos terreiros, os animais domésticos emitiam toda a sorte de ruídos, contrapondo-se à balbúrdia das buzinas e ao vozerio descomunal. A multidão gigantesca foi arrastando consigo trastes, papéis velhos, sonhos doloridos, controvérsias, conversas desencontradas e uma gama de contradições, seguindo a caravana visitante, que entrou na realidade morna das casas e ruas com as dimensões inesperadas da fatalidade. Alguns olhares límpidos e oblíquos do bispo lançados ao cortejo deixavam ver o contentamento pelo alcance de sua visita. E essa mesma qualidade oblíqua e brilhante pôde ser também notada no tom eloqüente de sua voz quando pregava no alto-falante da praça que transbordava de gente. Suas palavras saíam arrastadas como se trilhassem sobre lixas e fossem aquecidas por uma centena de maçaricos. Era ele um homem alto e gordo, a tez avermelhada, grandes mãos e uma maneira pesada e peculiar de mover os braços e sacudir os ombros. Devido ao hábito de fumar cigarros sem filtro, seus dentes tinham se tornado amarelados, o hálito azedo recendia a tabaco, e os dedos da mão direita, o médio e o indicador (onde segurava o cigarro aceso) estavam enegrecidos

de fumaça — a tonalidade era de um amarelo que tendia ao cinza-claro e com leves deslizes para o verde-oliva. O porte, que era de natural imponente, sob as dimensões suntuosas de sua indumentária, tornava-se quase intangível nas raias da imaginação do populacho. E ele sabia disso. É tanto que sua voz arrastada entrava pelos ouvidos das pessoas, seguia o trilho secreto de cada história individual, mergulhava nos lagos de cada coração e ali bailava infinitamente, num leve movimento pendular, como a luz presa no cárcere de um diamante fantástico.

O séquito pomposo invadiu a tranqüilidade do palanque armado diante da matriz. Trajando ternos de casimira, os deputados, que eram quinze arrogantes senhores, subiram as escadas do palanque, logo depois do bispo, e foram prontamente seguidos pelo Padre Atanágua, o prefeito, o juiz e o senhor Ilário. Durante os vinte minutos que falou à platéia maravilhada pela visão quase seráfica, Padre Atanágua elogiou o comportamento singular e a imensurável dignidade de Raul Tomásio, que prontamente adiara seu compromisso maior, a fim de evitar quaisquer distúrbios naquele encontro cívico-religioso. Naquela madrugada, durante a viagem de volta, ouvindo os roncos do motor que se opunha aos murmúrios das rosas noturnas, o bispo refletiu friamente e chegou à conclusão que nem seu anel majestoso ou sua indumentária quase divina despertaram tantas admirações quanto o nome inexpressivo do homem que se enforcaria no dia seguinte.

Raul Tomásio, por sua vez, tinha a alma em prantos. A sua lógica implacável foi dissecando cada sentimento que ia sendo despertado nele. Assim viu que erradamente concordara em acatar a insistência enganadora do pároco. Se tivesse resistido àquelas razões cruas, às quatro da tarde teria seu corpo verticalmente tombado do arbusto. De qualquer forma, ali, naquele quarto miserável, estava ele, olhando o teto carcomido; era uma imagem falsa de si mesmo. Porque o verdadeiro Raul Tomásio estava morto desde o instante que se curvara ante o apelo de Padre Atanágua. No dia seguinte, ao colocar a corda em torno do pescoço, Raul Tomásio teria uma sensação idêntica, entretanto, a visão dos contornos de sua morte, sob a goiabeira cen-

tenária, aliviou, em parte, a obscuridade em que sua alma estava mergulhada.

*

Na manhã de segunda-feira, uma chuva fina abriu suas asas sobre a cidade. Muita gente achou comum, e até mesmo muito natural que num ano tórrido e de grandes acontecimentos pudesse acontecer aquilo ou qualquer outra coisa. Entretanto, ninguém teve o cuidado de notar que a chuva, embora fina, entrava pela alma das pessoas e causava nelas uma sensação de mal estar e remorso. Foi com esse sentimento angustiante que Raul Tomásio acordou. Sentia uma forte dor de cabeça e os músculos em frangalhos. Olhou o retângulo da janela e percebeu a chuva que, instantes depois, penetrou pelos veios de seus olhos, dobrou a primeira esquina dentro dele e formou um lago cálido, numa região de acesso quase impossível. Ele se levantou da cama, trocou a roupa, pegou o jarro e despejou água na mão, molhando, a seguir, o rosto, numa tentativa de capturar a lucidez. Olhou, pela última vez, o quarto, com certo ar de vago amor, antes de adentrar a solidão da sala. O quarto era pequeno, as paredes descascadas; havia ali um catre de madeira vulgar, um lavatório com bacia de metal, um jarro de minúsculas rosas artificiais já tão empoeiradas pelo tempo que não se lhes podia distinguir sequer a cor, que parecia um amarelo desbotado e apático.

Raul Tomásio puxou a corda e viu que estava bastante firme. Não tinha o que temer, pensou. Sentou-se no banco de madeira, sob a força, e tirou cuidadosamente os sapatos. Colocou-os junto ao tronco. Seus gestos eram medidos, e não havia hesitação alguma naquele semblante terroso. Nem mesmo no momento em que subiu no banco e colocou a corda em volta do pescoço, houve qualquer indício de medo nele. A corda lhe apertou como uma velha amiga. De súbito, empurrou o banco e seu corpo estirou-se sob o clangor da morte, como ele tinha previsto.

*

* *

2º Lugar

PSEUDÔNIMO: GABRIEL CÉRBERO

Maria do Espírito Santo Gontijo
Faculdade de Letras

O VESÚVIO

Nascer é morrer de costas — um pulo de cabeça contra a correnteza — e então cortaram o umbigo e a circulação se inverteu.

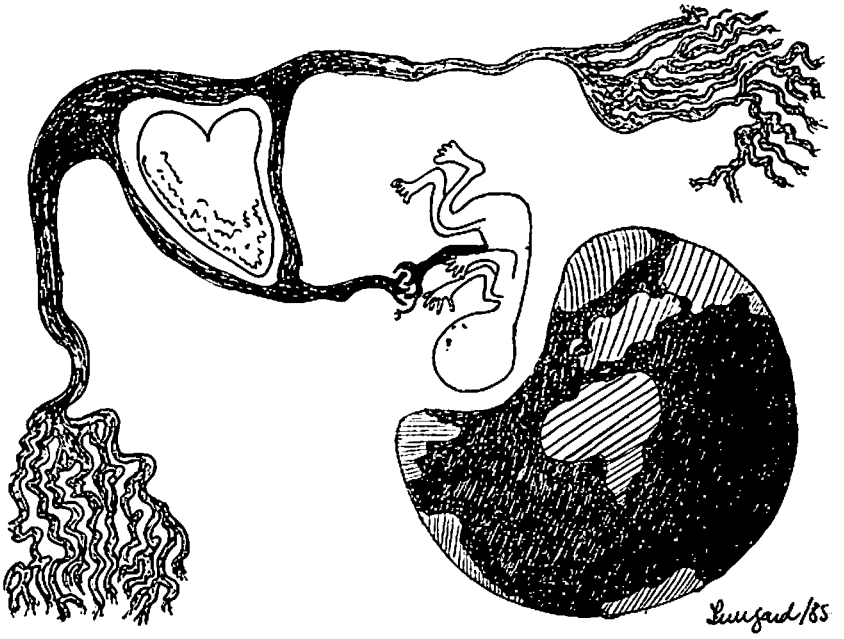
Horário, anti-horário, as leis da física, a química e a biologia, o lixo atômico, os nove planetas, roda, roda, roda e avisa... também o cassino continuava e um jogo de pôquer em Marrocos também continuava às sete e vinte da manhã, quando ele nasceu touro-terra, dez de maio de 1981, tendo por ascendente a constelação do mesmo signo.

— Queres voar, meu lindo? Mas com tanta terra à vista e com este passado de marítimos portugueses de sangue espanhol, mais a Guerra de Tróia que sua mãe enfrentou dentro de um cargueiro cubano, fumando mil havanas, ainda assim, queres voar?

Eu, de barriga carcereira, nove chaves ,sete trancas, obrigada a abrir as pernas, obrigada a abrir os braços, o coração e o útero de minha alma para te entregar semente ao seu solo elemento. Meu corpo ainda te queria corpo meu, parte integrante, respiração, quando o seu grito esbarrou no meu silêncio.

No início era o caos, mas o espírito de Deus se refletia nas águas indivisíveis. Faz de conta que no princípio era só o sonho e o espírito divino se mirasse nos espelhos do mar do Japão.

Eu em minas, sem mar e sem Deus, te vesti uma camisa de pagão, eu, mais pagã do que sua camisa, mais cega do que seus olhinhos vesgos, mais frágil do que sua moleira.



Minha mãe e meu pai esperavam que eu fosse a tal mulher forte do evangelho. Aquela mulher forte que eles não tinham dentro de si e por isto mesmo esperavam que eu fosse. Eu, muito mais pra rato ou porquinho da índia.

... Olhava as minhas mãos de unhas roídas e comia a última pelezinha do dedinho mindinho.

PAPAIRANÓICO FILHALCOÓLICA

Ele vem e me oferece veneno na garrafa de vinho do Porto. Imaginem, a paranóica sou eu.

... Constância! Estão me perseguindo, Constância!!!

Esta Constância aí é minha mãe, a inconstância personificada. Dessas que adora mudar móvel de lugar, que enjoa da cor daquela blusa creme, que chora até com novela das seis. Alma boa.

Ele vem, são azuis os seus olhos, cor de crime no Caribe, água-marinha, água-viva. Ele vem, calça preta, camisa preta, o cenário em cores mis. E depois, a morte sou eu.

Ontem afundou os dedos no edredon cor de sangue: o pernilongo escapou, monstrinho zim-zum. Droga! Atravancou minha viagem por Áfricas e elefantes. Quando eu for rei, todos os pernilongos serão decapitados.

— Mas pernilongo não tem cabeça. Pernilongo é um bico longo com barriguinha e patas.

— Barriguinha...

(Quando ele for rei... capa: toalha de banho da artex, cor vermelha. Coroa feita com lata de massa de tomate. Espada doirada brinquedos estrelas. Nero ou padre Nereu! Lá vou eu!!!)

Ele vem, Jesus manso e humilde coração, fazei meu coração semelhante ao vosso. Mas os ladrões devem ser postos num avião e jogados num rio de jacarés. 007 contra os pecados do mundo. Deve ter ouvido certamente a história da festa no céu quando criança e, de besta, não se identificou com o sapo. Os negros da fazenda onde nasceu nunca pisaram a soleira da porta. Hoje, adota crianças alvas e loiras, num acesso de caridade.

Ele come frango assado sem sujar os dedos. As fibras da carne branca se abraçam aos dentes mortos da dentadura. Quem acorda o nojo? Os botões cedem à lei do Ventre Livre. Abolição da abotoadura.

Ele olha e vem José e as sete pragas bendizendo trezentas vacas gordas vem papiro embrulhando presentes de grego Aristóteles para Platão com amor Heráclito de Éfeso beija a boca de Carlitos palito de incenso de cravos da Índia nos pés de Cristo da pérsia que tempera um bolo de fubá e cozinha lentilhas na Síria-Calcutá. Vem Madre Maria Teresa e põe a mesa dançando um tango argentino com Al Pacino na lua de mercúrio com santinhos de bochechas cromo vestidos de ficção científica com São Jorge e o Dragão e ET que almoçam à direita de Deus pai todopoderoso junto com Buda e Maomé.

Antes que ele venha de novo, sorrateiro como um gato com seu passo de afagos, antes que ele venha como uma aparição teatral e grite e levante os braços no papel de feiticeiro da tribo africana antropófaga, antes que ele venha vestido de palha ou de raio de lua, antes que ele venha tímido ou metamorfoseado em búfalo, antes que ele venha pesado, hóstia no momento da consagração, olhar enevoado de freira velha, em estado de graça ou de coma, as mãos muito brancas que podem estar crispadas ou não, antes que ele venha é preciso pensar em todas as hipóteses e armar soluções como saída.

É preciso vigiar, dormir com um dos olhos sempre aberto e estar atenta às ações e reações dele, porque nunca se sabe direito como é que ele vem, se microscópico ou infinito, se pela esquerda, se de cima, se vem feio ou bonito, além disto, nunca se sabe o que ele quer e pode ser sopa de sabão com macarrão, mas eu já nem me assusto, porque conheço já tão bem este desconhecido, quase tão bem quanto vocês.

Antes que ele venha mais uma vez e roube esta folha por considerá-la imprópria (Papai! você não tem o...) eu escrevo na madrugada e publico na primeira página do dia, sob forma de segredo.

REI MIDAS

A laranja no copo, o sol na montanha do amadurecer. Quem transforma o que quer que seja em ouro é o tempo. As mãos do instante abençoam o fruto e a semente está isenta de qualquer taxa do futuro. Aqui é a hora. Aqui e agora.

Ontem:

Sedentas, solitárias, aflitas, desnorteadas, as aves da minha história atravessavam desertos em direção a qualquer primavera.

Amanhã:

Vamos misturar o centro de tudo. Juntar algodão e veludo no mesmo tecido. Vestir a alma que também somos. Uma estátua treme no frio da madrugada. (Deus, me dê sua mão inoxidável!)

Hoje:

Escrever um imaginado passado.
Tecer fantasias sobre um futuro duvidoso.
Era uma vez três vezes.
Tantas são as vezes que.

Você:

Príncipe ou princesa de algures jura por alturas terrenas, Everest e Pacífico. Posso entrever os seus olhos de espelho. Um castelo de nuvens sobre os dias que só me permitem imaginar. Incêndios na torre de cristal carmim.

Nós:

Norte, sul, leste, oeste, zênite e outros milhares de direções, nominadas ou não. Consciência três, inconsciência um, subconsciência dois. Nós quatro e nós três. Igual a sete. Nós, matemática, física, cabala, filosofia, símbolos e corpos celestes. Construímos com nossas próprias mãos a ponte movediça que levantaremos contra o nosso próprio ataque a nossa solidão. Morreremos de fome e de sede, assentados sobre o poço de provisões.

3º Lugar

PSEUDÓNIMO: MARILUZ

Gracia Regina Gonçalves
Faculdade de Letras

META-PAIXÃO

Esperou-o com o silêncio dos anos e o tique-taque de cada segundo. Quando do seu primeiro casamento, mesmo sem ser convidada, colocou seu melhor vestido, pregou uma flor na boina de crochê e pediu a uma amiga que a acompanhasse. Só não foi porque choveu na hora, a amiga se atrasou e táxi, que é bom, nunca apareceu quando a gente mais precisa. Acabou a noite de porre, jurando nunca mais misturar bebida alcoólica com o fogo da paixão, que ardia ainda mais e podia virar consumação maior que úlcera supurada. Nem queria pensar em expressão tão feia para o próprio estômago, tanto cuidado que tinha com as palavras. Desde cedo aprendera a brincar com as letras no prato de sopa, a escrever com palitos sobre a mesa, a ler nos muros. Nessa noite, escreveu mil vezes o nome dele no copo suado, na garrafa, até no vidro dos carros. Dias depois leu no jornalzinho da escola que os noivos tinham ido numa tournée para Buenos Aires e que pareciam muito felizes. Guardou o recorte junto com aquela reportagem da Maysa, e colocou ponto final na história.

Quando soube que ele iria ser pai, já do segundo casamento, aprumou-se toda em ir ao lançamento do seu livro, «Mergulho na Noite», não era poético? Dessa vez foi sozinha, entrou na fila, um exemplar na mão esquerda, e, na outra, a taça de guaraná. Depois viu que ficaria confusa, e se ele não a beijasse no rosto, afinal já se passara tanto tempo, como é que lhe estenderia a mão? Deu goles profundos enquanto procurava com os olhos o garçom. Ainda bem que aquela conhecida veio salvá-la do embaraço, e se aproveitando, passou na sua frente. Conversou com

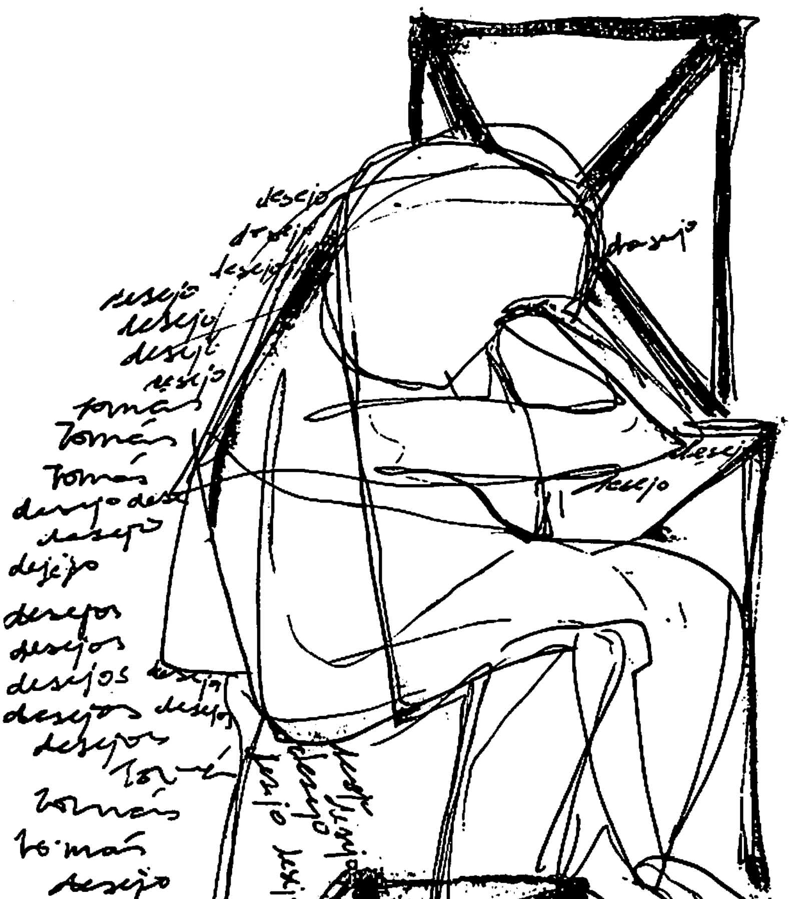
ele o tempo todo, enquanto ele assinava no seu livro, mas também não tinha ganhado uma dedicatória tão bonita quanto a sua: «Para uma garota muito atenta, Tomás». Que queria ele dizer com atenta? Será porque sempre fora a melhor aluna da classe, uma vez lhe dissera que tinha olhos muito expressivos, será que atentou para os seus olhos?

De novo, lá estava ele, terno branco e cravo vermelho na lapela, sorriso esfuziante, e então, bem de perto, pôde observar aquela mulher, uma mulher sem preâmbulos, carnuda como uma goiaba, redonda e madura, como haveria de ser o bichinho? Veio a ser lindo, ou linda, com todas as vitaminas que pode nutrir da poupa. E a cara do pai, naturalmente. Tempos depois ele lhe mostrou o retrato dela durante um seminário em que se encontraram. Ela lhe deu emocionada os parabéns, que ele, muito ao seu jeito, recusou, afinal não tinha ainda mérito nenhum, pai era dali pra frente, com o que concordou meio sem-graça, mas ao virar-lhe as costas, pôs ponto-e-vírgula naquela paixão. Sabia que aquele período iria ser complexo-composto.

Nessas voltas que o mundo dá, chegara agora mais perto dele do que nunca. Trocavam textos, opinava, tinham simpatias e antipatias em comum, cerraram enfim um acordo tácito de cooperação acadêmica. Além disso ouvia-lhe as queixas, e estava sendo muito compreensiva, o máximo que uma pessoa pode ser com outra que está em face de separação matrimonial. Pouco a pouco foi se enfiando naquele envelope onde por fora se lê o carimbo «Confidencial». Sabia hoje de tudo: das ex-esposas, qual não parava em casa, qual não saía da frente da televisão, qual pecava por excesso, qual não pecava. Naquela fase difícil sabia-lhe também das namoradas, como há mulheres nesse mundo, como aquela californiana que mascava chicletes e, por extensão, grudara-se nele, da virginiana que buscava seduzi-lo com curvas astrais, e das anônimas da semana, da domênica à secundérica. Iniméia batizava-as a todas sem as abençoar, e não compreendia nada do que sabia. Iniméia sofria de incompreensão aguda.

Naquela semana, Iniméia tinha começado a sentir um certo cheiro de probabilidade no ar. Talvez fosse coisa da estação do ano, o rebentar dos frutos, a tiririca até na fenda do meio-fio, e aquele olhar comprido quando a via surgir no fundo do corredor. Ontem à noite, até lhe dissera que a vida para ele era curta como o ato de respirar, mas que não se cansava nunca de sorver o ar que o envolvia. Seria mesmo a vida uma sucessão de vidazinhas, ora mais intensas, ora menos, um tricô no qual a grande sabedoria estaria em ligar cada ponto, vigiando atentamente para que nenhum se perdesse, mas não se detendo também em nenhum? Teria dito isso especialmente para ela, será que esperava vê-la jogar-se em seus braços com ânsia de asmática? Há muito que a vinha provocando, dizendo-lhe que teorizar estaria para o papel como o viver para o branco do lençol, há muitas formas de se escrever um capítulo, e que acreditava que o amor floresce sim, mas não na cabeça e no peito, mas na cova tenra e úmida que se forma entre as pernas de uma mulher e de um homem.

Tomou então uma decisão e marcou dois pontos: não esperaria mais, hoje mesmo iria procurá-lo, hoje não, agora, não estava tão mal assim, quem sabe, mais tarde poderia chover. Só deveria planejar tudo cuidadosamente. Empilhou os trabalhos que tinha pela frente e pôs-se a se preparar. Puxou desafiante a língua da máquina de calcular que lhe fazia uma careta, e se deliciou com o picotar do papel. Começara a agir. Armaria uma estratégia, partiria de uma premissa falsa, Iniméia adorava destruir falsas premissas, e então imaginou a cena: chegaria de supresa e logo inventaria uma desculpa, um texto por redigir, anotou texto, item um, sempre tivera problemas de concordância, mentira, mas anotou concordância, então se bem o conhecia, ele se mostraria solícito e ela aí poderia entrar com o desvio da expectativa. Este seria seu trunfo, isto é, levá-lo-ia a dizer exatamente o que não gostaria de ouvir, que estava feliz com uma mulher, outro item, uma da qual ainda não lhe tinha falado, quase não se podia ler mulher de tão miudinho, o lembrete começara a ficar comprometedor, Iniméia então achou melhor mudar para


desejo
desejo
desejo
desejo
desejo
desejo
Tomás
Tomás
desejo
desejos
desejos
desejos
desejos
desejos
Tomás
desejo
desejos
desejo
desejos
desejo
desejo

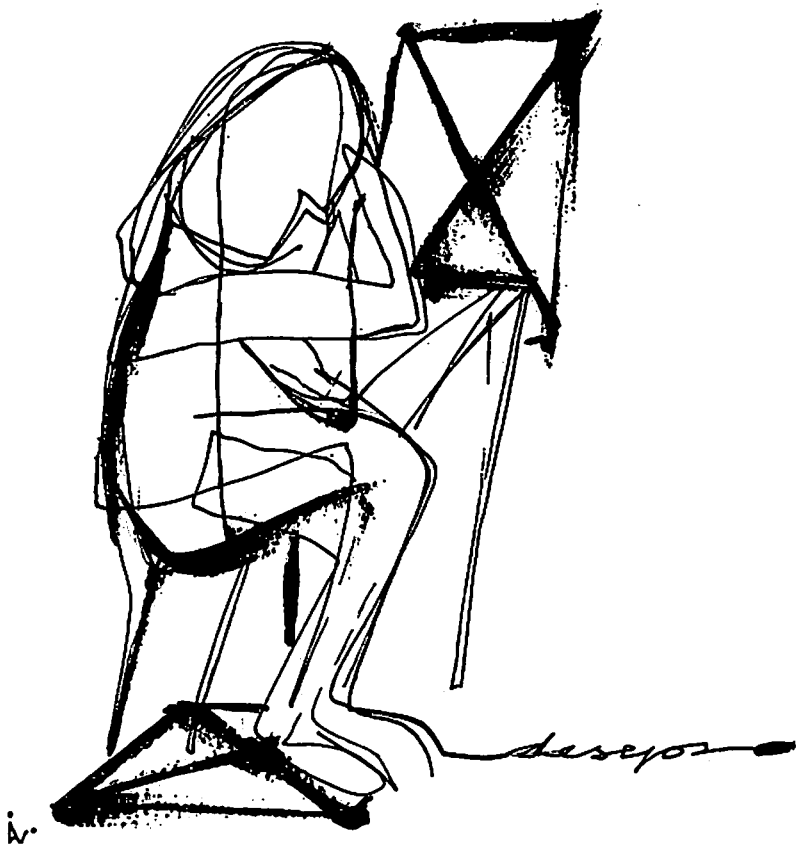
código e desenhou um croqui de saias, não queria que aquilo parecesse uma cobrança, desenhou um cifrão e abreviou a negativa, mas é que ouvindo dele tudo ficaria mais claro, fez então um círculo e em torno dele desenhou o sol. Quem nega, consente.

No meio da rua, tirou ainda umas duas vezes o papel do bolso e julgou o texto de efeito, compacto e incisivo. Não sabia se censurava ou não aquele acréscimo que fizera criticando seu próprio excesso de racionalidade em lhe dando razão por não querer trepar com um teorema, o que seria deveras complicado. Uma frase de efeito, chocante, ótima, portanto, para a personagem que iria entrar em cena. Quando já estava no meio do caminho, lembrou-se da cara da secretária a lhe perguntar se desejava alguma coisa. Era, de natureza, tão literária, que acreditava poder ser lida por inteiro até nas linhas da fronte. Era mais prudente ligar dali mesmo do posto da esquina, pois, uma vez esperando-a, tudo ficaria mais fácil. Mais fácil? Pronto, ele estava, já não poderia voltar atrás, a mão suada embolou de novo o papelzinho, a lição já de cor e salteado, os olhos fixos no aquário a sua frente. Lá dentro, dois olhos esbugalhados a observá-la, impassíveis. Não gostaria de ter que se comunicar através de bolhas, pensou, ou teriam os peixes inventado algum código de ondas misterioso e mágico que ninguém percebesse, algum dom da espécie? Sempre encontrara aquários em postos de gasolina e nunca havia pensado que eles eram como pingüins em geladeira, que as pessoas apreciam por exatamente perto, porém mudos.

Iniméia cronometrou. Estaria a um quarteirão mais ou menos, agradeceu àquele empregado antigo a quem sua mãe dera um dos ternos de seu pai, e que levantara o boné para ela. Sim, daria lembranças, o carro, deste não dava notícia, não queria lorota que o andava estragando, preferia andar a pé. Pé no chão, pensamento nas alturas. Iniméia respirou fundo e levou a mão ao trinco da porta. Ele estava sentado escrevendo uma carta. Aquelas paredes eram antigas conhecidas suas, mas hoje pareciam muito mais próximas. Aquelas paredes a estavam empurrando

para ele. Muito calmamente Tomás deixou a caneta e se reclinou de leve para trás colando-se no encosto da cadeira. O que estava havendo com a sua voz, estava completamente alterada, ora, só podia ser o telefone, sabia que ela não gostava de telefone, mas é que estava irreconhecível, parecia outra pessoa. Iniméia achou melhor assumir, era verdade, ela poderia ser outra pessoa, aliás, hoje ela era uma outra pessoa. Ele arregalou os olhos. É que estava precisando de ajuda, tinha problemas com a elaboração de um texto, gaguejou elaboração, gostaria que ele lhe dissesse, esse, esse, esse, mal começou e viu que sua voz batia-se contra as paredes e voltava aos seus ouvidos. Iniméia já sentia-se feito uma cigarra prestes a explodir; é que, se existisse outra, outra vez, Iniméia tentava arrancar as vogais do fundo da garganta, que não vinham, estava cansada de tanto ser boazinha, zinha, zinha, ecoava o final das palavras. Sua voz soava como um zumbido de mosca soturna, dessas de asas azuis que pousam no braço da gente para definirem que direção devem tomar. Iniméia era uma mosca pousada no braço de Tomás. Ele começou a tamborilar devarinho sobre a mesa, como que para marcar a freqüência do que ouvia, mas só se ouvia o descompasso, ou, quase não se ouvia mais, o que era do som, Iniméia percebia um coaxar crescendo nos quatro cantos da sala, ele ainda tamborilava sobre seus tímpanos, pode ser algum problema de contacto, é bom verificar a corrente. A pane generalizada prenunciava o fim do espetáculo, a voz dela era um fio, um auto-falante passou, a gradiente garante a sua aparelhagem de som, parecia que a rua toda resolvera passar por sobre a mesa, a claque das buzinas ensurdecia até o pensamento, e Iniméia já era muda como um peixe. Iniméia era um peixe afogado em seu silêncio. De repente o choque, estilhaços de vidro por todos os lados, seu desespero esvaziado num caudal.

Iniméia escorreu por debaixo da porta.


deseos

«De Mensageiro Triste para o seu Grande Amor ou EL Dia en que me Queiras».

Meu caro João Manoel, estou de partida para São Paulo, isto é, quero que saibas que não vais ter mais que te preocupares comigo, que agora vou buscar outro caminho longe de ti, só que antes gostaria de te deixar uma boa impressão da minha pessoa, que não sou má, vingativa ou rancorosa e que só te quero bem. Sei que não devia ter confundido tanto as coisas, sou mesmo confusa, a gerente lá na loja vive me chamando a atenção, não se deve tratar com tanta intimidade certas pessoas, ora é tudo gente mesmo, quando morrer vai tudo pro mesmo buraco, ela também, com aquele jeito empertigado, sempre ditando normas, é preciso ter decoro, moça que não conhece isso é como flor sem perfume, mas para mim essa carapuça não serve, estou até fazendo um curso de boas maneiras por correspondência, leio sempre qual a última moda de Paris, imagina verde com azul, e com isso estou até aprendendo a falar francês, porque tu sabes, que o que é social e chique vem de lá, daí que existe avec, madame, merci e acho que até piquenique.

Por falar nisso tu te lembras daquela ida na terra da Santuza, quando nós dois começamos o namoro? É bem verdade que não durou nada, logo no primeiro domingo tu me deste o bolo e depois disseste que não tinhas tido tempo de avisares, chorei de raiva e engoli calada até que não dava mais, tu só conversavas com as outras moças e tive que fazer das tripas coração, e dizer que tinha sido um passeio e tanto, o mais bonito de toda a minha vida, nem quando viajei pra cidade com minha irmã, mas que entendia que tudo estava acabado e pronto, na verdade tu nem tinhas visto nada começar, mas eu, Manoel, não hei de me esquecer nunca daquele momento no ônibus em que me seguraste por causa daquela curva, eu fiquei toda vermelha e arrepiada, mais ainda porque todo mundo notou, mas tu nem ligaste, tu disseste que aquela era uma curva vem-cá-meu-bem, tu não ligas mesmo para os outros, por isso mesmo gosto de ti, quer dizer, gostei, falo sem ressentimento, é que tu és uma pessoa mirabo-

lante, cheia de novidades e que nunca ficará anacrônica, isto é, tão cedo não criarás rugas, tu sabes viver e por isso te invejo, no bom sentido da palavra. Manoel, Manoel, tu não sabes como tem sido difícil para mim, por meses a fio só conseguia falar de ti, a Joana até reclamou que virasse o disco, que já estava arranhando o ouvido dela, e foi aí que eu me lembrei daquele tango e coloquei a vitrola na maior altura, e eras tu en las campanas, eras tu sob as estrelas, em meio ao pó das prateleiras eras tu, tu cara a me sorrir no prato reluzente, tu até o último giro. A chefe não gostou muito do barulho, mas estava tudo tão polido que me mandou pra a arrumação, mas não me importei, pelo menos podia ficar pensando como seria bonito tu e eu e a nossa casinha pequenina, isto é, se tu gostasses mesmo de mim, mas parece que tu já estavas de quebranto com remelexo da Santuza, até que ela mexe bem, mas que me dói uma traição me dói. Ela inventou aquela história toda só pra eu te chamar, aí eu fui, e ela me apunhalando pelas costas, ah, Manoelzinho, não penses que não te quero feliz, quero sim, seja com quem for, mas preciso desabafar e tirar esse osso desse tamanho que está bem atravessado na minha garganta, e que não consigo roer, sei que isso vai passar, ainda sou jovem e o tempo é analgésico, descongestionante, baixa a dor e a febre, só que está custando muito, afinal são quase cinco anos, desde que te vi jogar pela primeira vez no Bela Vista, eu não torcia muito para nenhum time, era mais Aliança por causa do vermelho, mas naquele dia torci como nunca, pra ti, só pra ti, tu perdeste mas na saída me perguntaste as horas e qual era o meu nome. Depois disse foi a vez do footing da missa das sete, da noite de São João e do muito correr de manhã para ainda acenares pra mim, ou dormir no ponto, até tu apareceres. Tu ficaste logo conhecido no bairro, és muito social, e em pouco, já estavas no fundo da cozinha até da D. Santinha que trazia as sete moças todas trancadas a sete chaves e a sete conselhos.

E quando então apareceste de carro, como fiquei orgulhosa de ti, vai ver que o chefe dele estava precisando de alguém assim, esfuziante como um cometa, disse pra tia Rosa. Tu tinhas

arrumado aquele emprego de guarda-costas, que só quem é destemido e corajoso pode ser. Mané, nem de longe penses que sou interesseira, dessas que só de ouvirem buzina já vão esticando o pescoço e balançando o rabo, só que também tenho ambição na vida e, ontem mesmo, acendi uma vela pra São Jorge, que é guerreiro, e hoje mesmo ele veio no galope trazer a resposta: a Terê me escreveu. Tu não chegaste a conhecê-la direito, faz tempo já que ela saiu de casa por causa daquele problema com o Chicão, e quase não escreveu mais, só no natal, às vezes, e assinava Tula, que era o nome que ela queria ter se um dia conseguisse ser modelo. Ela já nem fala mais nele, diz que não quer saber mais de namorado firme, que ser independente é a melhor coisa do mundo, eu também não, quer dizer, por um tempo, mas tenho fé em Deus e em Nossa Senhora Aparecida que um dia vou dar certo com alguém, ah isso eu vou, que nem verde com azul. Ela diz tanta coisa bonita da cidade, que lá tem prédio de até trinta andares, ela trabalha no vinte e seis e mora no quatorze, fico só pensando no frio na barriga que deve dar mas eu quero subir bem alto, tão alto quanto uma estrela, pode ser a mais apagada que não me importo, não sou tão exigente, só queria tocar numa com a mão, que nem Judy Garland.

Noel, dessa vez não vai ter nenhum cartão de natal, nem um presente, não ando nem querendo olhar vitrine pra não cair na tentação, faço mesmo porque é meu serviço, ainda ontem vesti um manequim lá na loja, e pus nele um cravo vermelho na lapela, acho que ele até sorriu pra mim, mas não vou mais me deixar levar, prometi e está prometido, desta vez não vai ter nem um sonho de valsa, nenhum cartão de purpurina, nem uma linha sequer, meu endereço só deixo com tia Rosa, e por favor, Nonô, não me procures, e não faço isso por nada não, nem por vingança nunca fui de guardar rancor, é que estou mesmo precisando colocar um ponto final nessa história, e desta vez, estou mesmo decidida, vou mesmo para São Paulo, só que antes...

CONCURSO
DE
CONTOS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

COMUIN

PSEUDÔNIMO: ARGOS

Maurício Lara Camargos
Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas
Curso de Comunicação Social

Comuin, em paz com o mundo, pensava ali em tudo que a vida lhe oferecia de bom. Calçava um tênis Adidas, vestia um calção Pierre Cardin e fumava cigarros Carlton. Sabia o que queria e usufruía disso. Olhava seu carro 1984 e pensava que com mais alguns milhões poderia adquirir um 0 KM, modelo 1985, que tinha novo desenho no estofamento, frisos laterais salientes, rodas de liga leve redesenhada, pneus com 2 mm a mais de largura e 2 HP a mais de potência. Com ele, poderia quebrar o recorde de tempo que gastava para chegar à chácara recém-adquirida. Talvez, ou melhor, com certeza, gastaria uns 2 minutos a menos que com o carro velho. Chegaria mais rápido. Desde que, evidentemente, saísse de casa numa hora de trânsito tranqüilo. Iria para a chácara, chamaria alguns amigos e mostraria o carro novo, a chácara...

Quem sabe um churrasco no próximo domingo. Mas domingo tem o jogo, jogão, decisão de campeonato e a turma, com certeza, gostaria de assistir. E a televisão do sítio ainda é aquela preto e branco que foi substituída em casa pela colorida. Mas foi lançado agora um novo modelo japonês que desliga sozinho, tem timer, tem controle remoto e garantia até a próxima Copa do Mundo. E está em oferta no Carrefour. Já é mesmo tempo de substituir a de casa e levá-la pro sítio. A preto e branco aposenta. Heroína de muitos jogos, muitas novelas, mas já era! Não

é tão caro. E nem é sonho. Dá pra comprar. Sua ficha é boa e a financeira aprova seu crédito na hora. Afinal, tem muitos anos no mesmo emprego e um ótimo salário. E que salário! Fora as mordomias. E depois dizem que multinacional é nociva aos interesses do País. Tinha um bom salário, assitência médica total extensiva aos dependentes, carro com todas as despesas pagas e status. Bastava dizer que trabalhava lá e todas as portas se abriam. Um empregão! Uma empresa que sabia valorizar seus empregados. Comuin mesmo, dedicado, honesto, trabalhador e responsável, estava fazendo carreira. Possivelmente atingiria cargo de chefia no próximo ano. Aí sim, é que ficaria bom. Seria transferido para uma capital menor, talvez no Nordeste, ou no Norte, ou no Centro-Oeste. Sua mulher teria que abadonar o próprio trabalho, mas que importância tinha? Seu aumento de salário compensaria a perda do dela. As crianças se adaptariam fácil às mudanças e a família toda faria novos amigos dentro da própria empresa. Que futuro! E a experiência que Comuin ganharia? Então estariam recompesados os sacrifícios feitos antes.

Cumprira sempre seus alvos, vendera suas cotas, cobrara suas contas, nada vencido, nada pendente. Com a ajuda dos companheiros, estava chegando lá. Uma grande família. Uma grande empresa. Era uma peça daquela grande engrenagem. Uma peça que não podia falhar. Estavam ganhando mercado, crescendo trimestre a trimestre. Os acionistas na América guardavam os melhores elogios para eles a cada relatório recebido. Que desempenho. Alvos cada vez mais pretensiosos, desafios cada vez maiores. E todos enfrentados e vencidos.

Comuin adolescente tinha medo do futuro. Achava que não conseguiria se dar bem nessa guerra. Mas agora já sabia que tinha sido até fácil. Sua última avaliação de desempenho lhe dera a certeza final: Comuin era foda!

Um pequeno porém fora anotado quanto à sua capacidade de liderança. Isto o preocupava, pois para atingir a chefia, precisava transar com facilidade a liderança. Os demais quesitos estavam atendidos: capacidade de adaptação às novas situações, facilidade de relacionamento, inteligência, coragem para tomar

decisões, engajamento e resistência à fadiga. Estes dois últimos ninguém nunca lhe explicou bem o significado. Mas pelo que sacara, eram dos mais importantes. Engajamento, para ele, era sua adaptação à empresa como um todo. Sua comunhão com a filosofia e política da Companhia. Sua constante preocupação em ter sempre em vista os interesses da Empresa. Mais ou menos isto: este é mesmo o melhor negócio? Daria o melhor resultado a curto, médio ou longo prazo? Comuin era perspicaz e sacara bem o que era o tal de engajamento. Afinal, era «vestir a camisa» da Empresa.

E a tal de «resistência à fadiga»?. Esta tinha um sentido literal. Resistência à fadiga. Mas não era tão simples. Queria dizer também que a pessoa devia se superar. Deitar às 3 da manhã, depois de tomar uísque com chefes ou clientes, após uma reunião de trabalho e se apresentar às 7:30 com cara de que dormira muito bem. Enfrentar a tensão de uma semana de uma grande negociação e manter sempre a mesma disposição. Sempre a mesma cara boa. Com pena de nos fins de semana descontar nas crianças e ficar nervoso, ficar sem paciência e dar um esporro quando o mais velho chamasse para jogar bola. Afinal, a família toda deveria auxiliá-lo em seu caminho até o sucesso na carreira.

E tinham as férias. Aí, sim, a família é que se recompensava. E a Empresa pensava até nisso, pois pagava um adicional de férias que permitia férias tranqüilas e despreocupadas. Então, jogaria bola com o mais velho ou faria castelos na areia da praia com o mais novo. É certo que tivera que vender as férias passadas para comprar o carro atual. Mas nas próximas...

Ficava arranhando a tal de capacidade de liderança. Já sacara mais ou menos o que seria isto. Tinha que aprender a escolher entre quem era bom para a empresa e quem não era. Estava aprendendo. Quando demitiram o Mário, Comuin sofrera. O cara era bacana. Sua mulher e filhos se davam bem com sua família. Demitiram-no só porque deixara de cumprir seus objetivos 3 vezes consecutivas. Uma sacanagem. Mas o Mário se ajeitara. Com um salário menor, é verdade, mas se ajeitara. E isto fora há muitos anos.

Agora, recentemente, demitiram o Célio. Era um cara até bonzinho. Também foi porque não cumpria alvos. Mas o Célio não era trabalhador. Queria estar em casa todos os fins de tarde, não trabalhava à noite. Nunca sacrificara um fim de semana fazendo relatórios. Não estava engajado!

Gostava dele e avisara-o: — «Te cuida, Célio». «Estão de olho em você». Não adiantara. O cara continuou tendo outros interesses antes dos interesses da empresa. Foi melhor mesmo demiti-lo e colocar um disposto a trabalhar. O Célio não tinha o perfil necessário àquele cargo.

Os caras parecem que são burros. Não conseguem perceber o que a Empresa quer deles. Tomam decisões precipitadas. Por exemplo: Comuin particularmente ainda não se manifestara favoravelmente nem ao Maluf nem ao Tancredo. Estava ainda avaliando quem seria melhor para a Empresa e conseqüentemente para sua carreira. No início, estava vendo claramente que o Maluf seria melhor. Era um homem jovem, empreendedor, dinâmico, bem sucedido. Enquanto o Tancredo parecia até ser boa gente, mas havia uns caras com ele que não enganavam: deviam ser comunistas. E comunista não dá.

Mas no outro dia soube pela imprensa que Tancredo almoçara com diretores de diversas multinacionais e tranqüilizou-os quanto ao futuro delas no País. E por outro lado, estavam agora com Tancredo homens que, ao que parece, nunca foram muito de esquerda nada. Parece mesmo é que estes caras de esquerda vão é tomar ferro de novo. E em negócio de política e religião é melhor não descutir. O mais sensato é não ir logo se posicionando abertamente, ouvir mais do que falar.

Seu pensamento agora retorna lá atrás e ele se lembra do carro novo. Ficou apreensivo, pois teria que fazer as contas para ver se podia comprar tudo que estava precisando. Ligou para a financeira e se informou sobre as taxas de juros para a troca do carro e a aquisição da nova TV. Tinha que prever também os presentes de fim de ano para toda a família. Os meninos já haviam escolhido seus presentes, de acordo com os lançamentos das

fabricas de brinquedos. Os programas de televisão durante a tarde mostravam a eles as maravilhas de cada brinquedo eletrônico.

O mais velho, já com oito anos, queria ganhar um Atari, o inimigo público nº 1. Moleirão, cria de televisão, quase não gastava energia. Passava horas sentado ou deitado em frente ao aparelho, vendo e revendo todos os programas que surgiam. Já lhe propusera dar uma bicicleta, para ele pedalar, andar, sair daquela sala. Mas ele queria porque queria um Atari, o inimigo público nº 1.

O mais novo, de 3 anos, já ia pelo mesmo caminho. Só não ficava tantas horas quanto o outro na frente da TV, porque muita coisa ele não entendia e então logicamente seu interesse era menor. Mas vira lá no programa da tarde a propaganda de um carrinho que você aperta um botãozinho e solta. O carro vai, vira, gira, rodopia, volta, desvia de obstáculos, etc, etc. Em resumo, queria ganhar um carrinho que brincava sozinho.

E sua mulher era a chefe daquela turma. Achava bom os garotos ficarem vendo TV pois assim davam menos trabalho, brigavam menos, bagunçavam menos a casa. Ela saía à tarde para trabalhar, retornava no fim da tarde e toma novela. Era novela das 6, 7, 8 e algumas minisséries de vez em quando. Adorava ver televisão e comprar. Gorda, acabada, estava disposta a fazer um tratamento de emagrecimento e rejuvenescimento numa clínica especializada. Essa ela vira foi num programa matinal. Queria também um brinco, igual ao que a Fernanda Montenegro estava usando na novela. Devia custar uma nota. E queria também uma máquina de lavar pratos, e por incrível que pareça não era por influência da televisão. Essa ela queria porque a vizinha tinha.

Para atender à voracidade de sua turma, Comuin tinha que ser pelo menos gerente.

Mas ele não estava longe disso. Breve chegaria lá.

E BANDEIRAS

PSEUDÔNIMO: BORBA GATO

Sérgio Francisco Cruz Fantini
Faculdade de Letras

Tudo depunha contra minha permanência naquele bar. A música, a cerveja, as pessoas. Já era tarde demais, eu estava nas últimas. Quase dormindo, pedi mais uma. Desceu em ziguezague, queimando dentro. Aquela realmente não era a minha noite. A carne cozida tinha muita gordura, aliás, as almôndegas também boiavam numa estranha gelatina alaranjada. Eu estava perto do fogareiro, de onde saía uma fumaça horrível fedendo a banha. E perto do desespero. Dois homens no balcão miravam seus respectivos copos, as costas curvas, cansados. Não diziam nada, apenas se deixavam ali como continuações de seus banquinhos. O dono do bar babava para uma velha tv muda sobre a galadeira idem. Aquela noite ia longe...

«Energia, bicho, energia pura» foi o que se ouviu de um negro enorme do outro lado da rua. Olhei meio de banda, o doidão dançava. Tinha um disco na mão e pulava do passeio pro asfalto e de volta pro passeio. Consegui acompanhar aquilo durante uns dois minutos; cansei e voltei meus olhos pro interior do bar que já abrigava mais três garotos. Sentaram no salão e pediram guaraná e pinga. Em 1/2 hora eles já tinham mandado mais 3 cervejas. Bons aqueles caras. Um deles gritou qualquer coisa sobre a música. A mulher do dono do bar mudou a fita. Aí um dos dois que estavam no balcão se levantou lento e desligou o som. Cada um, a seu modo, acompanhou a cena: o menino veio xingando «velho filho da puta» e antes d'eu atingir o tédio total eles conseguiram quebrar várias garrafas. Tranqüilo, o dono do bar contornou a situação pondo os dois pra fora. «Se há um pro-

prietário que tem meu respeito é o de bar», balbuciei pra ninguém. Afinal, quem mais se preocupa tanto em deixar tanta bebida sempre perto de mim?

Quando um carro de polícia estacionou eu não tive mais dúvidas: a noite estava definitivamente perdida. Mas não foi tão ruim, eles comeram ovos cozidos e tomaram coca-cola. Simpáticos aqueles rapazes, apesar das mortes penduradas na cintura. Agora o bar se movimentava um pouco. Jogo de purrinha no salão.

Um dos 3 garotos me olhava estranhamente. «Meu Deus, uma cantada às 2 da madrugada», pensei, era só que faltava. Ele olhava, olhava... olhos empapuçados e boca seca e torta. E se levantou. E caminhou em minha direção. E pegou o cigarro de meus lábios! E o jogou na rua!!! E eu lhe dei um chute no saco. Ninguém fez nada. Ele voltou pra mesa, gemendo. O pessoal saca logo quando tô triste.

TOBIAS LUAR

PSEUDÔNIMO: TUPAQUE

Marcílio França Castro
Faculdade do Direito

O NÔMADE

Sim, a cidade ignora mesmo esse homem de singular existência que quer apenas atravessar a rua e ter a certeza do que está fazendo. Não é à toa que ele parou na esquina e ninguém veio discreto lhe perguntar o que sentia, ao que então respondeu, agradecido: «não é nada». E ninguém acreditou, apesar de sua resposta significar mesmo pouca coisa.

Tobias é um infeliz no meio da rua e as pessoas não aparecem ali para ajudá-lo. Foi assim com essa satisfação interior de amizade universal que ele resolveu largar de onde estava e pegar um ônibus qualquer, o que na pior das hipóteses seria um caminho mais evidente de se chegar a algum lugar. Como estava no momento na mesma situação do planeta — embriagado — era indiferente vagar a nada sobre um bloco metálico de quatro rodas borrachentas ou fazê-lo somente pelos próprios pés. Parece que crê em nada, pois como qualquer peça de uma fria engrenagem ele só sabe funcionar. Talvez assim não se preocupe em pensar, já que neste caso seria capaz de ter dúvidas sobre alguma coisa e a situação se tornaria ainda mais insuportável.

A novidade para Tobias é o ônibus que ele tomou e agora sente-se menos mal. Segue como animal doente que geme alguma dor incômoda. É talvez ignorado o fato de que o motorista está com dor nas costas de tanto ficar assentado olhando para a

frente, mas mesmo assim ninguém faz nada. Tobias não compreende isso e vai perguntar ao motorista se ele quer descansar um pouco, deixando o volante ali para alguém que possa dirigir. O motorista é muito acanhado, ou talvez tenha pensado que Tobias enlouqueceu, mas o certo é que disse apenas um sucinto «muito obrigado» e mais nada.

A MULHER

Ele já visitou toda a cidade de dentro do ônibus e, depois de cumprimentar o motorista pelo seu excepcional senso heróico de paciência, Tobias resolveu andar de graça pelas ruas frias da cidade, que mais parecem línguas estiradas na pele da terra e cintilando com a luz da lua.

Anda só, mas logo chega aquela mulher linda e nua, a embebedá-lo de carinhos e loucos cafunés. A face brilhante da rua é perfeita para o amor e Tobias nunca se sentiu tão vivo.

No meio da rua os corpos se abraçam e no chão frio da noite eles se deitam. Quando pernas e lábios se misturam, o som quente dos gemidos vem confundir-se com o roçar dos corpos que se esfregam em meio às pedrinhas ásperas do caminho. Ele está pálido de gozo. Mas as delícias são ligeiras e logo a mulher desaparece como veio e a rua fica de novo na companhia única de Tobias.

No meio do quarteirão tem um botequim donde sai vozerio e fumaça.

O BANHEIRO

Um vagabundo puro não seria diferente. E Tobias gosta tanto de um copo quanto gosta de mulher. A sua roupa é sempre a mesma de qualquer dia e o sorriso nunca passa de amarelo e frio. Talvez ainda não tenha se vangloriado como merece. Ele próprio bem sabe o que pensam a seu respeito, mas acaba esquecendo tudo na cachaça do quarteirão, ao lado da mesa, do suor e da catinga.

Entra no bar em soluços e os olhos percorrem tímidos o recinto: um balcão velho de madeira, prateleiras quase despencando no fundo. Vêem-se também alguns serventes de cara desanimada que servem porcarias inúteis e vão limpando sistematicamente a superfície das mesas — movimento repetido a cada gota de líquido derramado pelo freguês. No teto, um ventilador afoito, que gira e gira. De braços abertos descreve um círculo, volta para donde saiu, recomeça.

Sente um mal cheiro que parece ser eterno. É uma carniça que vem dentro e respinga dissabor e desejo pelos cantos e janelas, dando na boca um cuspe de dúvida que esvazia qualquer clareza dos olhos.

Vai ao banheiro. Um enorme H exibe-se na porta. Entra e não há como respirar. Alivia-se e sai. Dá alguns passos à frente e torna os olhos ao banheiro: H, enorme e único, H. Será que entrou mesmo no lugar certo? — pergunta a si mesmo Tobias. O frio que sobe a todo instante e congela a face traz consigo uma enigmática e triste feição de desespero. Que vale Tobias para o mundo? Nunca pensara nisso antes.

Miserável, mendigo, pobre cristão. Tudo é um mesmo prato pra se ouvir dos outros e ainda agradecer.

Quando as portas do bar se fecham, ele já tem milhares de goles na garganta e então não sabe se sai pela direita ou pela esquerda, porque esta é a única preocupação que tem e nada mais passeia pela sua cabeça dormente. Resmunga que a noite é longa e não tem censura. Cada caco de uma suposta fé acha-se bem longe de algum dedo que possa tocá-lo ou mesmo perceber à distância. Então, crê que é o fim. Mas na hora seguinte as pernas voltam e ele ainda encontra ônibus e mulher.

RL

revista literária

CONCURSO DE POEMAS

1º Lugar

PSEUDÓNIMO: NENZIM DO NELO

SANDINO — GENERAL DE HOMENS LIVRES

Sérgio Coelho Medeiros
Faculdade de Letras

«A disciplina militar prestante
Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.»

CAMÕES

«No dia 24 de dezembro de 1926, os Estados Unidos da América iniciam a intervenção na Nicarágua: os marines desembarcam em Puerto Cabezas e as pobres prostitutas nicaragüenses se entregam aos americanos e, em vez de pedir dólares, pedem fuzis e munições; conseguiram juntar 40 fuzis e 7000 cartuchos, que entregam a um homem pequeno, magrinho, quase só pele e osso, rosto com um pouco de índio, tez tendendo a escura, de nome Augusto César Sandino.

Sandino iniciou uma luta que mudou a História da América Central. A Nicarágua ficou livre. E Sandino?

Em 21 de fevereiro de 1934, o líder da resistência contra a ocupação norte-americana é convidado para um jantar de pacificação com o presidente Sacasa da Nicarágua. Ele aceita. No final, sai tranqüilamente de Manágua e é preso por ordens do comandante da Guarda Nacional, Anastácio Somoza (o pai). À meia-noite, sentado e juntamente com dois companheiros, Sandino é assassinado.»

GREGÓRIO SELSER

1 — Das diversas lutas travadas (e que ainda se travam) e das nossas simpatias pelo povo da Nicarágua:

Eu nunca estive em Manágua
e nem conheço Masaya

Não estava em Tipitapa
quando Moncada rendeu-se

Desconheço as Segovias
os seus campos, o seu povo

Não li notícias da luta
travada em Las Mercedes

Não estive na igreja
no casamento de Blanca

Confesso desconhecer
instrução de continência

Nem escutei as metralhas
dos imbeles de Anastácio

Mas chorei em Matagalpa
fui ferido em Wiwili

Jinotega, San Albino
El Chipote, Bramadero

Las Flores e San Fernando
Chontales, El Ocotal

E também clamei justiça
pelo meu bom general.

Fernando Cruz

2 — Das propostas de Sandino em defesa da soberania da Nicarágua:

Não tenho intenção do mando
sendo general civil
feito em preito pela luta
na coronha do fuzil

Luto pelas garantias
liberdade que se digna
Na terra onde se nasce
é que deve ter-se a vida

Não sou chefe porque julgo
no direito para sê-lo
convidei, não convoquei
os amigos guerrilheios

porque homem sendo livre
tendo pátria onde viva
nada teme se é justo
e a si é que chefia

E não há crer em vantagem
pela coragem investida
pois contínua faz-se a vida
«siempre, hasta la victoria».

3 — Como as mulheres prostitutas ajudaram:

Que belo «muchacho»!
soldado bonito
vem ter no meu quarto
ianque querido

Descansa, soldado
no gozo da vida
que só amanhã
terás ordem unida

Esqueça esta guerra
escapa à vigília
aceita meu braço
descansa, cochila

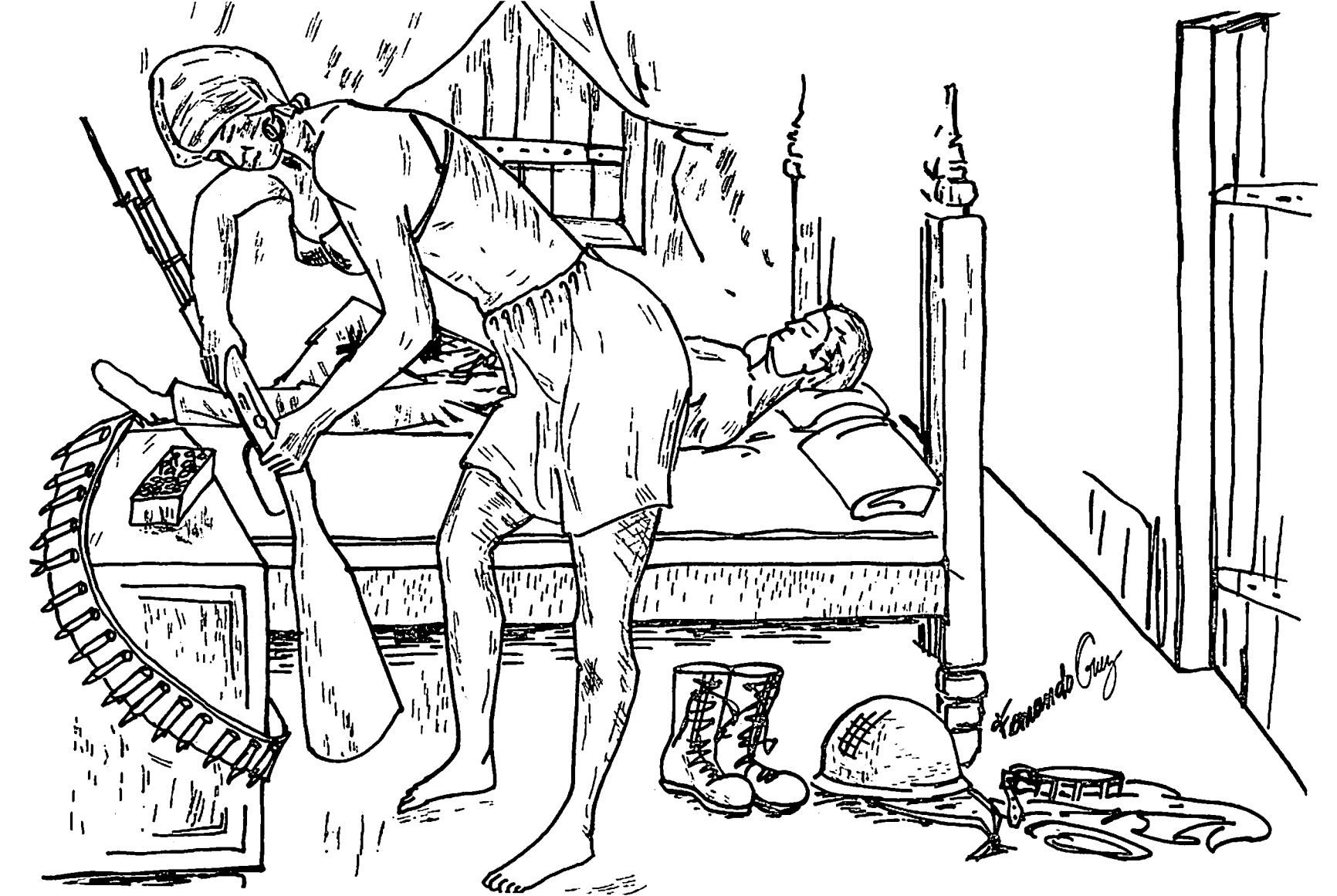
Tão rijo! Tão quente!
parece um brasil
desmonta, soldado
em mim teu fuzil

A noite lá fora
cá dentro o calor
a América vive
sem o teu favor

(Acorda, soldado
o dia já vem
«— Where is my rifle?»
perdeu-se, meu bem.)

4 — Do pacto Moncada/Henry L. Stimson para desarmar Sandino comprando-lhe as armas e os cavalos:

«A oferta pelos rifles
é dez dólares em pago
por toda arma deposta
sem direitos a embargos
igual oferta estendida
a cada um dos cavalos



e há também recompensa
pelos dias na batalha
o tempo pago em dinheiro
as vitórias em medalhas
ao desacato às ofertas
responderão as metralhas»

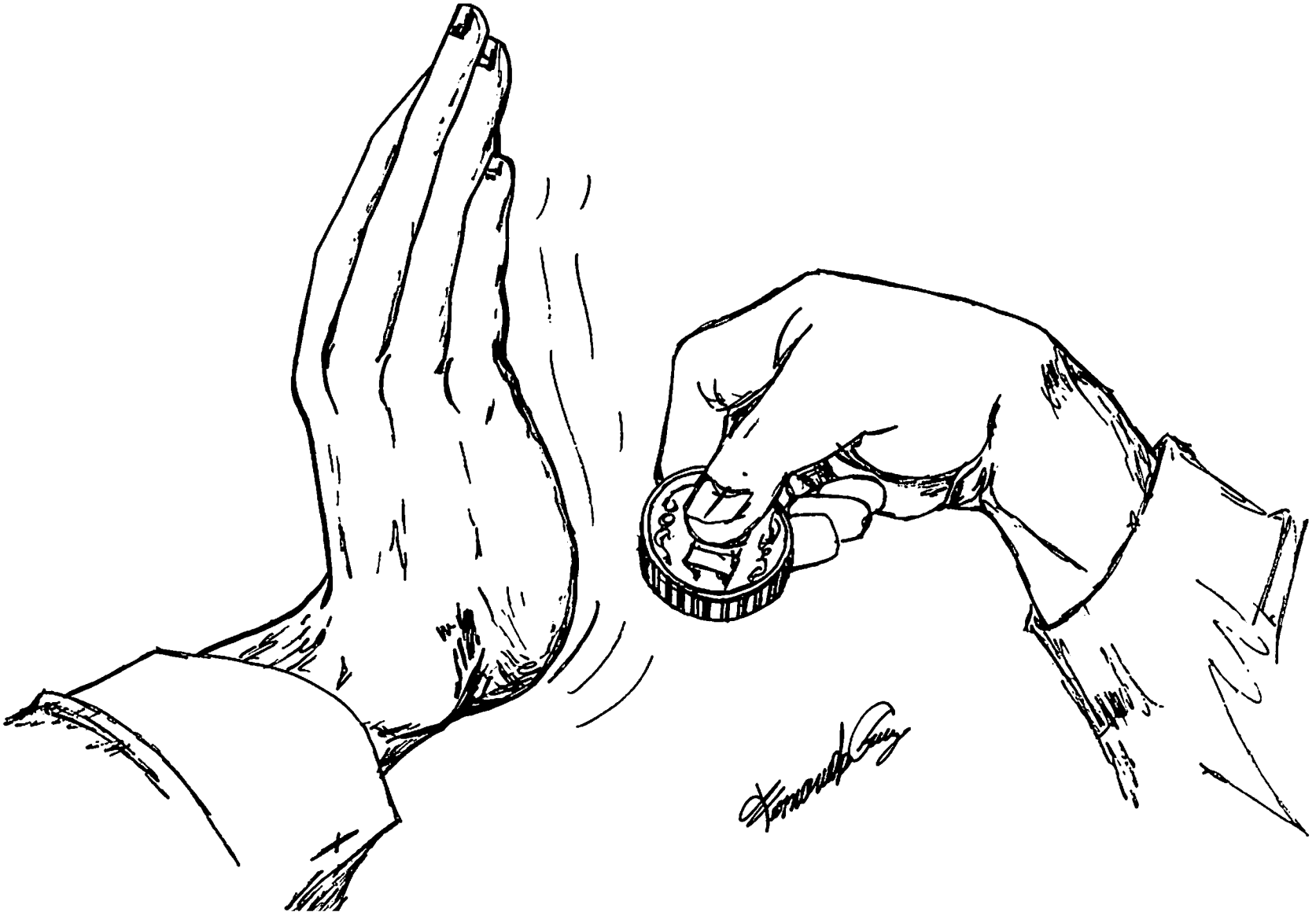
O general retirou-se
desdenhoso da oferta
e nem chegou a julgar
as benesses da promessa
Disse aos soldados e ouviu:
— Nada disto interessa.

5 — Do jantar de pacificação em que morreu Sandino:

Entendo que não devia
ter comparecido à festa
se antes desconfiava
desta gente que não presta
para que sentar-se à mesa
de traidores manifestos?

Sendo morto merecia
mais festivo funeral
com salva de vinte tiros
porque morreu general
e é enterro distinto
dos que têm a morte igual

Mas pra que salva de tiros?
— desperdício de cartuchos —
Útil de bala é matar
vendepátrias e tartufos
vinte tiros: vinte mortos
por vinte balas no bucho.



2º Lugar

PSEUDÔNIMO: VITA SKERNER

«POESIAS»

Henriette Mourão do Amaral
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas — Curso de Psicologia

Eu andava sem rumo, num sábado à tarde, antes do pôr-do-sol. Trombei com um telefone público liguei-pra-você-ninguém-atendeu. No sábado à noite eu delirava na mesa de um bar. Saí procurando um telefone público, liguei-pra-você-ninguém-atendeu. Domingo de manhã acordei com fome. Saí atrás de um café da manhã. Trombei com um telefone público, liguei-pra-você-ninguém-atendeu. No domingo à tarde eu, em outro delírio diferente, saí atrás de um telefone público, liguei-pra-você-ninguém-atendeu.

Isso já faz alguns anos. Uns duzentos e cinqüenta anos. Hoje já não existem mais aqueles telefones públicos nas ruas. Agora eu deslizo nesses veículos que não têm rodas nem asas e pulo de galáxia em galáxia, te procurando. Ninguém atende ninguém sabe de você, mas a mim todos já conhecem pois desde os tempos dos telefones públicos eu procuro por você.

II

Sou bezerro e só ando com quem me lambe feito mãe-vaca ou então com quem me defende com rugido de mãe-leoa só ando com quem galinha eriça as penas pra defender os pintainhos só ando com quem cadela ladra pra proteger eu filhote sou cria de gata e só ando com quem mãe-gata arranha quem a mim cheira guloso sou potro novinho e só ando com quem me empurra

pra ficar de pé e você não é vaca a lamber eu bezerro não é galinha eriçando as penas não é cadela a proteger eu filhote não é gata raivosa não é mãe-égua a me cheirar portanto não posso andar com quem a mim não cheira então vá porque eu também sou filhote de peixe e já saio nadando sozinha.

III

Tenho na boca pele o gosto cheiro do limão. Tenho na vontade da ponta dos dedos a cor verde do limão você. Tenho o gosto o cheiro o forte. Limão ácido limão doce que pede um lambida. Limão fruta no pé. Vida vestida de limão verde. Verde vida que não se pinta.

IV

Extirparam de mim meu veneno e meu açúcar levaram de mim a dor mas levaram também minha vontade tenho agora um levantar de ombros de que nada mais importa um cansaço de mulher da vida que vai dando pela vida gargalhadas de falta de sentido.

V

Da primeira vez que eu morri senti doer o pedaço de você morto. Da segunda vez que eu morri senti conhecida a duas dor de dois de você morto. Pra próxima morte sobrou pouco de eu você doendo. E só sinto doer os pedaços de eu você mortos porque estou viva de você.

3º Lugar

PSEUDÔNIMO: OLGA

Rita de Cássia Espeschite Braga
Rita Espeschit

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Comunicação Social

TRINDADE

A primeira pessoa bato
à porta da poesia.
Singular e gramatical,
meu nome enorme irrompe
por todos os versos
sujeito oculto em parábolas.

A segunda pessoa chegas
e breve te declaras.
Arcaica como u'a musa
ou louca rainha lusitana,
interlocutora invisível
de rimas e vocábulos.

A terceira pessoa fala
por verbos calmos
e objetos educados.
Feminina e masculina,
o coração isento
de monólogos e diálogos.

ARRANQUEI COM FÚRIA DE MIM
TODOS OS POEMAS PASSIONAIS
DE QUE FUI CAPAZ.

TENHO COMIGO AS PALAVRAS
QUE NÃO TE OBEDECEM
E CONSTRUO EM SEGREDO POEMAS
CONTRA MIM, CONTRA VOCÊ.

SEGUNDA MÃO

VOCÊS ACASO SABEM
DA QUILOMETRAGEM
DE MEU PENSAMENTO?
NÃO ENGANARIA O PIOR
DOS CONCESSIONÁRIOS.

MELHOR, AMOR
QUE VOCÊ COMPRE NOVO AMOR:
ZERO CENTÍMETRO,
CONTRA MEUS ALQUEIRES
DE DESGASTE.

CONSULTA

Uma baleia que não conheço
me telegrafa de João Pessoa:
manda dizer urgente
que é grande e mamífera
e que vai morrer.

Minha terapêutica alopática
manda responder, rápido:
onde é que dói, senhora?
Úlcera? Aneurisma? Tumor?

Desapontada medicina.
Aspirina versus arpão
a morte VG distante
prossegue.

CHINATOWN

Última primavera em Pequim.
As gueixas da velha capital
colorem os cílios para o estrangeiro.

Vergonha nas muralhas milenares.
Cem tiros apagam a débil
candeia acesa na noite.

A chuva fina do esquecimento
lava o nanquim vermelho
dos antigos dazibaos.

O Samurai olha o céu em silêncio.
Um coro de rouxinóis roucos
grita as canções do forasteiro.

CONCURSO
DE
POEMAS

TRABALHOS ESCOLHIDOS
MENÇÃO HONROSA

COMERCIAL II

PSEUDONIMO: ARQUETIPO

Sérgio Francisco Cruz Fantini
Faculdade de Letras

tá ficando difícil
gente
minha última esperança
é o câncer coletivo

ADVERTÊNCIA MUDA

PSEUDÔNIMO: ANTÔNIO BIBLOS

Cássio Barbosa Cruz
Faculdade de Ciências Econômicas

Amigo:
a luz do farol vermelho
é um sinal de perigo.
E o que tem isso a ver comigo???

Cada um dos passos teus
é um passo preso, antigo.

O farol vermelho é um sinal de perigo.

De todos os beijos seus
há sempre um perdido.
E o que tem isso a ver comigo???
O sinal...
Vermelho...
Perigo.

A MORTE DA ROSA

PSEUDÔNIMO: HÉLIO ADRIANO

José Mariano da Cunha Filho
Escola de Medicina

Havia uma rosa morta na escada.
E o sangue da rosa, imprevisível,
Pálido líquido,
Súbito terror,
Que levou sete anjos ao bar da esquina
:Se esquecem da vida e se embriagam
Lentamente. Comedido tédio.
Aos poucos, a rosa também é olvidada
E uma estranha saudade
Verte um fel inusitado sobre a mesa.

Rosa cálida. Rosa suicida.
Não suspeitava ser a reticente alegria
Dos que não sabiam da rosa,
Crispada no desejo último de viver
Resgatando a substância porosa das coisas
(Rosa mais viva que todos nós).
Rosa dos lúdicos exercícios
De amar e entorpecer as noites.
Rosa, morta apenas aos cruéis signos do dia.

OS VENTOS DE MINHA INFÂNCIA

PSEUDÔNIMO: LUA

Simone Maria de Souza
Faculdade de Letras

Do portão eu olhava a algazarra da meninada na rua
colocando no céu os papagaios coloridos.

Como era lindo ver aqueles passarinhos de cores tão diversas dançando no céu.

Era a coisa mais bonita do mundo.
Pelo menos pro meu coração de menina.

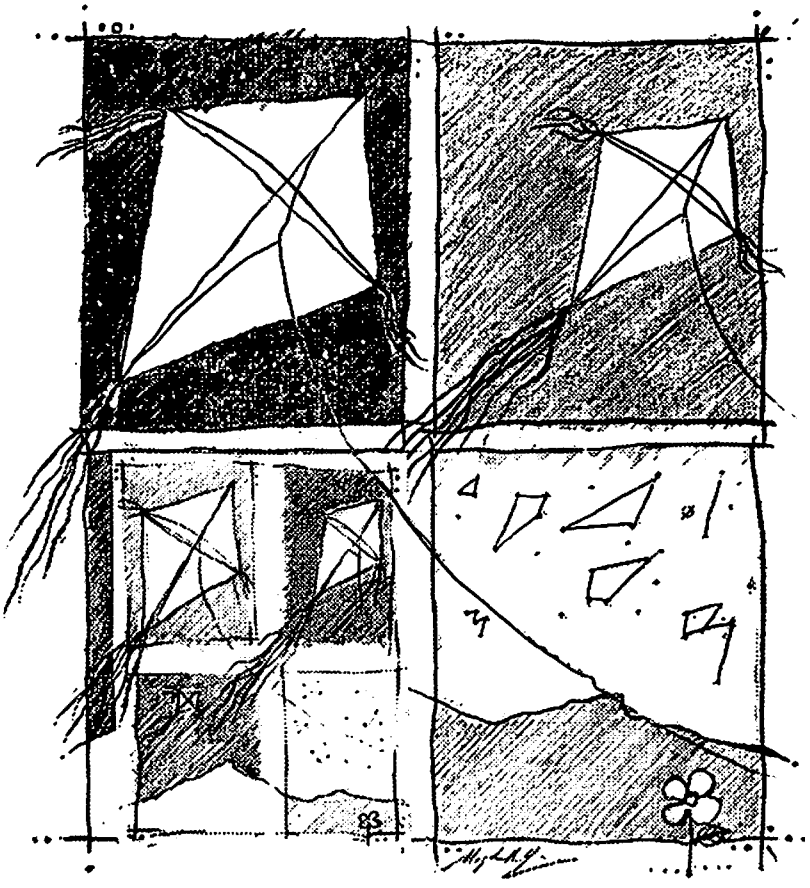
Queria mesmo, em vez de ficar olhando,
era pegar também na linha e fazer voar,
voar bem alto, papagaios verdes, brancos, e azuis (que das cores é a mais bonita).

Foi tão bom o gostinho daquele sonho realizado,
enfrentar os adultos que diziam que aquilo não é brinquedo pra menina (coisa mais burra).

Aqueles papagaios que fiz voar naquele tempo
me deram uma alegria diferente das que experimentei de outras vezes.

Um tipo de alegria «pássara»
voadora e colorida,
que me fazia ficar no céu com meus papagaios.

«Menina atrevida, isso não é brinquedo pra você.»
Frase que entrou por um ouvido e saiu pelo outro.



A REDE

PSEUDÔNIMO: MARINA LAGO

Thaís Guimarães
Faculdade de Letras

Dessa janela, estanque, se afasta
o pescador nas montanhas,
tento nomear o que me espreita
em momento de captura

Nessa janela
um olho nada
o outro espera
se libertar pela delicadeza

RL

revista literária

SEGUNDA SEÇÃO

POEMAS

BAMBOO

POEMA CONCRETO

José Amâncio Carvalho

AREIA AREIA AREIA AREIA AREIA

CIMENTO CIMENTO CIMENTO CIMENTO

AREIA / CIMENTO
AREIA / CIMENTO
AREIA / CIMENTO
AREIA / CIMENTO
AGUA.

PEDRA DE AMOLAR

José Amâncio Carvalho

— Ô menino, pega um lápis
aponte a ponta no esmeril.

Ele foi amolando a ponta
amolando o lápis
amolando o dedo
amolando a mão
amolando o braço
amolando o ombro
amolando o pescoço
amolando a cabeça
amolando a cintura
amolando a coxa
amolando o joelho
amolando o pé
amolando o dedo
amolando a unha

— Agora, ele não me amola mais.

7 POEMAS IDIOTAS E UMA CANÇÃO CINZENTA

Ronaldo Claver

Pontualidade

Um trem passa em minha janela
às 9 hs.
Tem dia que passa às 9:30
As vezes passa às 8:45
Tem vez que nem passa

Branca de Neve

Espelho, espelho meu
quem te refletiu não fui
eu

Lógica

Há 5 anos éramos mais jovens
aliás todos eram mais jovens
inclusive o Thiago que nem tinha
nascido

Assombração

E se de repente eu ficar
bêbado e esquecer que te
prometi a lua?
E se de repente eu quebrar
o espelho e te vir transparente
e nua?

Amor

Eu te quero assim
distante
que sabe junto
juntíssimo
assim como dois amantes
que se consomem a si mesmos

Limite

As fronteiras do amor
são nenhuma

Casa Própria

A arte não tem dono
O artista não tem pouso
O lugar do artista é
onde mora o mundo

As Cinzas da Quarta

Onde meus olhos terminam
os seus olhos começam
e gira o mundo nos passos
desse coração arlequinal e
andejo.

Somos frágeis
vulnerável somos
quando contamos
e despimos as cartas
e as coisas do amor

Medroso permanecemos
quando recolhemos os gestos,
o peito
E a noite invade os olhos
como borboletas que deixam
de nascer

Assim é a vida e ávida
e a pressa de repousar o coração
numa esquina, praça ou corpo
mesmo que esse coração se tinja
de cinza numa quarta-feira.

AMAR É ...

Carlos Alberto Marques dos Reis

(Para Alzira e Mariana)

Amar é
construir castelos na praia
que o mar vem
desmanchar
na preamar.
E quando vem
a baixa-mar,
recomeçar
até que volte
a maré.
Amar é...

RACHA

Marcus Bacamarte

Tua voz de taquara
Taquarando a roupa
Rubra do desejo.

Te quero

Estendida em meu varal,
Quarando em meu lençol,
Varada do meu beijo.

Marcus Bacamarte

Engulho de um só gole
As vermilírias sanguessugas do lixo

O sol estúpido
Como larvas de um outono
Apodrecido

CONTOS

A MORTE DE MARCONDES OU AS CARTAS QUE NÃO CHEGARAM

Carlos Herculano Lopes

Se eles as tivessem recebido, talvez as coisas não acontecessem como naquela noite em que suando frio ele me pediu um copo d'água e o frade, após cofiar repetidas vezes a barba sem desviar de mim o olhar, o colocou em um jipe e seguimos para Santa Marta onde Marcondes foi internado. Os médicos lacraram com gesso as portas do quarto, proibiram visitas e eu fiquei, não sei por quantos dias, a andar pelos corredores atrás de uma ou outra notícia.

Duas semanas mais tarde, já sem esperanças, com fome e os piolhos infernizando a cabeça, minha mãe chegou. Estava aflita e suas mãos tremiam. Uma gagueira a dominava e também foi impedida de entrar no quarto onde ele estava, tentando, ainda, sem sucesso, conversar com o médico que às vezes passava por nós seguido por dois soldados e com um cachimbo entre os dentes.

Completou um mês que estávamos naquela situação e ainda era total o silêncio em torno da doença de Marcondes. No trigésimo terceiro dia, quando um bando de marrecos sobrevoou nossas cabeças, minha mãe começou a chorar; e eram tão fortes os seus soluços que as paredes tremiam e o médico, temendo que acontecesse o pior, lhe aplicou uma injeção.

E enquanto ela ficou desmaiada eu estive ao seu lado. Ora passava um lenço em seus lábios, porque no delírio ela pedia água, ora me divertia vendo os loucos do outro lado do pátio afogando os gansos. Eles eram muitos, todos usavam uniformes

e a morte de cada um era festejada, pois retiravam suas penas entre brindes e canções.

Quando segurei um deles e quis matá-lo, pois tinha a mais bonita plumagem, o frade passou por mim e, dedos entre a barba, como era costume, olhou nos meus olhos e tomou a pressão de minha mãe, enquanto eu medrosamente, abaixava a cabeça.

De outra vez, quando tentei forçar a porta, pois julguei ouvir a voz do meu irmão, ele me segurou pelos braços e apertando-os com força fomos ao escritório do médico, que, tirando o cachimbo da boca, disse que eu estava proibido de dizer à mamãe, ou ao meu pai, que Marcondes lhes escrevia cartas.

E quando surpreso, e pela primeira vez, tive coragem de olhar no rosto do frade e lhe perguntar se ele não as mandava, pois toda a nossa correspondência passava por suas mãos, o olhar que ele me lançou jamais conseguirei esquecer. Como sempre me lembro da gargalhada que dei quando, anos mais tarde, ao encontrar com um antigo colega, este disse-me que uma cascavel havia lhe picado a veia.

Foi tão grande a minha alegria ao saber da sua morte como o ódio que senti quando ele e o médico não deixaram que o meu pai, depois de viajar várias semanas, entrasse no quarto onde diziam estar Marcondes, sob pretexto que ele era portador de uma doença desconhecida.

Como se não bastasse, não nos deixaram vê-lo morto; e quando anunciaram que as cinzas seriam remetidas pelo correio, o fizeram de uma maneira tão fria que sensação igual nunca mais senti; mesmo quando em uma noite, ao chegar mais cedo de uma viagem, encontrei minha mulher na cama com um sobrinho.

Meu pai quis abrir um inquérito para apurar a causa da morte e chegou a pedir uma autópsia para a liberação do corpo. Mas a idéia não foi adiante porque o chamaram à delegacia, onde ficou por dois dias, e quando saiu, com a cabeça raspada e com um olho vazado, estava envolvido em tão grande silêncio que nunca mais ouvimos a sua voz. Pouco tempo depois ele foi encontrado morto dentro de um riacho.

Minha mãe passou a andar de luto e só saía à rua quando era aniversário de morte do meu pai ou de Marcondes. Então ela ia à igreja e encomendava uma missa. A vida em nossa casa tornou-se tão insuportável que eu pensei em voltar para o internato e entrar para a ordem. Mas desistindo em seguida, juntei a economia que me restava, comprei um jipe e hoje sou viajante.

Com a morte de minha mãe, encontrada em uma tarde com um retrato de Marcondes nas mãos, parece que a desgraça se abateu de vez sobre nós. Minha irmã tentou se matar duas vezes, conseguindo da terceira, quando ingeriu uma forte dose de arsênico. Eu, para não fazer o mesmo, afastei de minha convivência o que pudesse ser fatal.

E tudo ficou tão sujo naquela casa que era comum encontrarmos cobras e lagartos em nossas camas, baratas e moscas nos pratos de sopa; quando não era o ladrar constante e afinado de um cachorro que enchia de desespero as nossas noites.

Foi por não suportar aquela situação que resolvi, como já disse, comprar um carro e sair por aí, porque estando na estrada não penso muito nessas coisas. Faz vinte anos que não volto por lá. E as notícias que tenho, quando algum parente me procura, é que só resta mesmo o meu irmão mais moço, e esse vive pelas ruas a repetir em voz alta essas histórias. Ainda mora na mesma casa e tenho certeza que, se algum dia encontrá-lo, mesmo sabendo que é louco, não terei coragem de dizer a ele, como nunca falei a ninguém, que Marcondes lhes escrevia cartas.

PAGINA DE CORTE

José Narciso Bedran

**«Nem os lençóis ferverão,
pois o que esse vento toca
não se purifica.»**

SERGIO CAMPOS

Estava ainda sob o domínio parcial do sono que não se saciara o bastante em mim durante a noite, a qual, por um fatalismo qualquer, começara já com constrangimentos. Tinha ido para a cama com uma mulher que chegava mesmo a me repugnar um pouco, e saiu então um sexo sem vontade, por mera questão de educação, quando é mais cômodo e fácil fazê-lo do que recusar e procurar explicar a negativa. Ainda por cima esquecera de fechar a porta do guarda-roupa. Depois de deitado tive preguiça de me levantar para fechá-la. As roupas imóveis dentro do armário e a sensação de que algo poderia sair por ali ou — não sei — entrar por ali, deram-me goles de inquietação durante a noite toda e esfaleceram meu sono.

O ar puro da manhã recém-nascida ressaltava ainda mais o mau cheiro do meu corpo privado de banho há quase três dias por causa da falta de água no bairro. Passava por várias domésticas sonolentas e senhoras idosas com embrulhos de pão debaixo do braço. Instalada sobre três dormentes escuros, uma enorme caixa de metal pertencente à prefeitura obrigou-me a abandonar momentaneamente a calçada e fisgou na minha memória a lembrança dos túmulos de D. Pedro e Inês de Castro no Mosteiro de Alcobaça.

Mais domésticas e velhinhas passavam por mim. Pensava nas determinações que nos são impostas pelo destino vida afora, até nos empreendimentos que nem mesmo chegamos a tentar. Se eu tivesse de ser um corredor, nunca teria sido um fundista, com certeza, mas provavelmente me destacaria na velocidade. Se tivesse de ser um instrumentista, nunca teria sido um pianista, mas poderia demonstrar sensibilidade num cravo.

A mochila com a roupa limpa ajustava-se perfeitamente nas irregularidades das minhas costas, e, sem me preocupar com a distância, como se tivesse nascido para cumpri-la, fazia a caminhada com as mãos emboladas nos bolsos da calça, pinçando de vez em quando com os dedos um fio de linha solto no bolso esquerdo. E foi o barulho de alguma coisa que caíra no plástico da mochila que veio desmontar uma ordem quase animal que se estabelecera em mim, soprando forte a poeira do campo esférico que me envolvia. Era o cocô fresco de um passarinho que eu nem vira passar. Quando o procurei no céu, ele já tinha desaparecido, e o azul impecável reverberava.

Limpei aquele botão miúdo de fezes com o papel de um maço de cigarros vazio que encontrei na sarjeta e que tinha, grudada nele, uma pequena concreção, ainda um pouco viscosa, no formato de uma clava, indicando o seu uso prévio para a higiene de outra pessoa. Segui adiante rumo à casa do Hermes, que me cederia um banho em sua casa nova, conforme ficara combinado na tarde do dia anterior.

A casa era ampla, cheia de vidros, decorada até onde poderia sê-lo. Despertava em mim intensa familiaridade, como acho que me sentiria se desse de rosto com meu pai irreconhecível atrás de uma pesada maquiagem de palhaço. A esposa de Hermes, muito grávida, não deu as caras. O amigo, por sua vez, recebeu-me colocando-me para dentro e abraçando apertado meu tronco. Tentava compensar a ausência da companheira com muitas desculpas esfarrapadas e com uma solicitude exagerada mesmo para os seus exageros habituais. Por cima de seu ombro vi a mulher atravessar o corredor carregando a barriga de dar medo e juntando os cabelos louros e um pouco crespos no alto da cabeça.

Deveria despir-me ali na sala mesmo, onde aguardava minha roupa uma cadeira velha que certamente não fazia parte da decoração, pois não condizia com a qualidade superior dos outros móveis. Meti logo mãos à obra e comecei descalçando o tênis. Ao tirar a calça, minha carteira caiu, espalhando no chão algumas moedas e os documentos que eu vinha juntando durante a vida. Catei-os com calma e com resignação, mas tive de sentar-me estouvadamente ao ver que se aproximava do outro lado dos vidros, pela garagem, o Dr. Boanerges, nosso chefe na empresa.

Tinha a cara marota, não abandonada pela severidade de sempre, embora provida de um tom novo de deboche que desconhecia. Não entrou. Atrás dos vidros mesmo fez uma saudação seca e, com a sua voz passando alta e clara, me cumprimentou pela palestra que fizera, juntamente com o Hermes, para os vendedores do nosso setor. Somando-se ao meu embaraço diante do elogio inusitado do chefe, a preocupação em proteger minha nudez com o braço do sofá impedia com mais vigor ainda que eu dominasse a situação e visse as coisas com total clareza. Tinha a impressão de que o Dr. Boanerges não me focalizava completamente com seus olhos apertados. Não dava para se ver a reação do Hermes colocado posteriormente ao meu corpo. Afinal ele cumprimentava a mim ou ao Hermes? Precisei agradecer com excesso de discrição, com uma expressão o mais dúbia possível no rosto. Se o cumprimento se dirigisse a mim, ele poderia perceber que eu lhe agradecia. Se se dirigisse ao Hermes, ele poderia não perceber, e se o percebesse, jamais afiançar que o meu semblante traduzia um agradecimento.

Para o meu alívio, pôs-se enfim a caminho o Dr. Boanerges com um abano rude de mão, e, só de cuecas, entrei no banheiro. O boxe, lembrando uma grande vitrina, tinha uma comprida lâmina de vidro transparente que dava para a sala, onde uma jardineira colocada no chão servia de suporte a pequenas mudas de arbustos plantados recentemente e que não chegavam a alcançar meus joelhos. Hermes explicou que as plantas, quando crescidas, dariam privacidade ao banheiro, mas que eu podia

ficar tranqüilo e tomar o banho despreocupado, visto que não entraria ninguém na sala naquela hora.

Abri a torneira da ducha e saiu uma água barrenta e fria, que, aos poucos, foi clareando e aquecendo. Nesse momento, para contrariar a palavras do meu amigo, duas pessoas grisalhas entraram na sala e se sentaram de frente para o boxe. Ignorando-me, Hermes recebeu o casal com um beijo estalante na face de cada um, deixando um fio grosso do seu bigode no rosto da mulher, a qual usava um repolhudo jabô para ocultar os seios volumosos.

O homem e a mulher simulavam naturalidade, conversavam com animação, mas me observavam furtivamente. Com perturbação diminuí o jato de água para que ela saísse bem quente, e, com isso, conseguisse bastante vapor para embaçar a vidraça. Embora a água estivesse pelando e soltando alguma fumaça, o vidro não se encontrava totalmente límpido por pouca coisa. Impaciente, comecei a tomar banho de cuecas. Lavei o corpo todo, menos a parte vestida. Depois ensaboei muito o tronco, de modo que a espuma me cobrisse, e tirei a cueca. Os visitantes olhavam quase descaradamente. Na hora de enxaguar eles, com certeza, viram tudo. Mas azar. Aquilo já estava me dando nos nervos. Estava tomado de uma grande ira. Que absurda a idéia daquele boxe. Que vissem tudo.

Sem me importar mais com o casal, vesti sossegadamente a roupa limpa e penteei os cabelos. Os fios que ficaram trançados nos dentes do pente eu joguei na privada. Boiando sobre a água estagnada do vaso já havia um punhado de cabelos alourados e um pouco ásperos da esposa do Hermes. Os meus cabelos negros caíram em cheio sobre os dela, fazendo vacilar um quase nada a água. Dei descarga correndo, antes que a minha mente edificasse aquilo que ela estava começando a engendrar.

Saindo do banheiro senti que uma coisa fria escorregou debaixo da sola do meu pé direito, dentro do tênis, parando sob o dedão, que, mesmo com seu tato grosseiro, pôde me informar que aquilo era uma moeda, e das grandes.

Meu amigo me aguardava, pronto para me mostrar todas as dependências da casa. Não se via mais o par de visitantes. Comecei assim a acompanhá-lo e, sobre o piso dos cômodos, seguia passos fáceis que aparentemente já dera muitas vezes antes, e a moeda solta dentro do calçado.

Mobiliza-me entre as paredes com harmonia aprendida, meu corpo virava sempre para o lado certo, minhas mãos pegavam os umbrais das portas com intimidade. Ia reconhecendo a casa. Era como se apalpasse um bicho costurado dentro de um saco da mais grossa linhagem, identificando-o titubeantemente ora como um rato, ora como um marreco, ou um coelho, ou não sei mais o quê. De repente, como se o animal coaxasse, revelando-se definitivamente, vi, com o espanto que teria se visse um par de luas surgindo no céu, que aquele tinha sido o meu lar, que aquela era a casa de meus pais. Havia mais vidros, tinta nova, outros móveis, uma parede a mais ou a menos, mas a casa era a mesma. E a moeda agora não tocava em nenhuma parte da planta do meu pé.

Fiquei sabendo do Hermes que ele a alugara de um tal de Santiago. Meu irmão! Meu irmão tinha alugado a casa na ausência de meus pais, que estavam fora há vários meses, em Leopoldina, cuidando de meu avô acamado. Mas já estavam para chegar. E o que diriam ao ver a casa alterada e ocupada? Onde meu irmão colocara os móveis? E as coisas de minha mãe?

Sem ter visto a casa toda, sem ter entrado no quarto de casal, tentei, sem êxito, localizar meu irmão pelo telefone. Lembrei-me então de Adelaide, empregada antiga lá em casa, que talvez pudesse me esclarecer alguma coisa. Ela morava num bairro distante, e Hermes, de bom grado, me ofereceu seu carro, velho mas conservadíssimo, todo preto e cheirando a desodorante.

Durante todo o afobado trajeto a moeda permaneceu alojada sob meu calcanhar. No meio do caminho tive de entrar numa fila de carros queimando no sol já muito quente e esperando passar, como numa cancela ferroviária, uma parada militar de soldados corretos e assistida por pouquíssimas pessoas. Não era possível advinhar se aqueles homens uniformizados iam ou vinham; poderia ser tanto o início quanto o final do desfile.

Procurava manter-me calmo observando as guarnições passando perante os carros. Tentava pensar em alguma coisa, mas o odor do carro me nauseava e me confundia mais ainda. Pensei em Adelaide, cujo único defeito, segundo minha mãe, era ter cascão nas costas dos joelhos. Os capacetes não terminavam. Não conseguia pensar em mais nada. Rendeu-me então uma impaciência desnorteante, e, acelerando o carro parado, ansiava descobrir um outro caminho. Mas aquele era realmente o único.

Duas moças aproximaram-se de mim e me pediram carona para levá-las a uma rua que eu sabia próxima à de Adelaide. Uma delas lembrava de longe nossa empregada de jarretes cascorentos. Dei uma desculpa qualquer e comecei a andar com o carro antes dos outros que se encontravam na minha frente, quase indo de encontro ao veículo que me precedia, enquanto que o primeiro da fila arrancava atrás das botas do último soldado.

Adelaide morava numa esquina ensopada, onde se acumulava sobre um bueiro entupido muita água suja e fétida. Lembrei-me dela dizendo que alugara a casa por pouco mais de nada, mas que estava toda infiltrada e mofada, pois o lugar era razoavelmente movimentado e os carros não paravam de jogar a água empoçada em suas paredes.

A cara da casa era desoladoramente triste, úmida e encardida. Exibia a sua única janela com o avesso de uma cortina de berrantes flores tropicais esticada contra a vidraça. Sobre os vidros, os respingos frescos alteravam o desenho fino da poeira já assentada e daquela trazida pelos respingos que já haviam secado.

Para se chegar à porta, colocada dentro de uma entradinha alagada, era preciso vigiar se não vinha algum carro; do contrário se molhava todo. Averigüei por isso o trânsito, chapinhei a água enlameada e toquei a campainha várias vezes. Ninguém apareceu. Toquei outras vezes, e nada. Na rua passou um carro rolando bem devagar e, mesmo assim, ainda me salpicou a barra da calça.

Toquei de novo, de novo e desisti. Não podia ficar mais ali, senão estaria logo emporcalhado pela água de barrela da enxaguadura dos pneus que andavam por não se sabe onde.

Enquanto voltava para o carro, que estacionara mais adiante, e a moeda dançava debaixo do meu pé, passou um caminhão enorme, em alta velocidade, e jogou pelo menos metade da água represada em cima da casa.

Atrás do carro do Hermes encontrei um menino fazendo xixi. Sua boca estava cheia de biscoito de polvilho. Apoiava-se na pintura preta com a mão que segurava um biscoito mordido e o saco. Quando me percebeu chegando, interrompeu o jato de urina e saiu correndo, preocupado em fechar a braguilha. O pó do biscoito não saiu nem com a flanela e formava uma mancha esmaecida e feia sobre a lataria. A urina exalava um cheiro forte e gotejava do pneu atingido.

Passei diante da parede e da janela que escorriam e, intoxicado pelo perfume do carro, retornei à casa ocupada de meus pais. Bati, e ninguém veio me atender. A porta não estava trancada. Entrei. Afinal aquela era a minha casa.

Sentei-me na sala conseguindo comportar-me no máximo como uma visita de cerimônia. A moeda encaixava-se numa concavidade que ela mesma imprimira na sola do meu pé. Pensava desesperançado no que fazer, em como resolver aquela situação, em como explicar tudo aos meus pais que não demorariam a chegar.

Minhas mãos caídas, cansadas de ficar em desconsolo, exigiam alguma tarefa. Passaram a raspar com as unhas alguns pingos de barro da calça. Tomaram depois de uma revista e volviam as folhas sem a minha atenção.

Os vidros da casa multiplicavam-me ou estilhaçavam-me. Ainda me irritava um pouco, diante de mim, o boxe. As plantas presenciavam o meu aspecto ruim.

Sentia-me mal de verdade. Estava disperso, debandado, ou talvez concentrado em inúmeros pontos diversos. Suava por debaixo dos pêlos. Chegava às minhas narinas um leve azedume proveniente de minhas axilas.

Foi uma fotografia na revista que açambarcou as vias todas que irradiavam de mim em todas as direções. Mostrava um homem pardacento, com a pele manchada de muito escuro, como

as pêras machucadas. Vestia-se apenas com um pano enrolado na cintura. Presumia-se um poder doentio no seu olhar, embora seus olhos se fechassem para beber algo em um grande vaso com o formato da cabeça de um animal, de um bode talvez. Havia uma mulher desfalecida a seus pés.

Comecei a ler atropeladamente a reportagem. Despencava nas fileiras de letras miúdas. À medida que avançava na leitura, parecia que algumas peças davam indícios de organização. A certa altura, antes de cair o primeiro pano, a folha partiu-se de fora a fora na entrelinha abaixo da linha que eu feito louco percorria.

O SOLDADINHO DE CHUMBO

Duílio Gomes

Deus faz voluntariamente aquilo que imaginam fazer por necessidade, quer dizer, ele possui livre arbítrio e deseja que nós também o tenhamos. Eu somente serei servo do Senhor, não dos homens **Dominador** vem de domínio. O Senhor e o servo. O motor e o móvel. Patrões, trabalhadores, trabalho e lucro, proprietários fundiários, o paraíso perdido da burguesia. O que Molotov foi fazer em Londres no ano de 1942? Todo ditador se aproveita dos sentimentos irracionais das massas e depois vêm me dizer que a palavra **fascista** não é um insulto porque existem democratas fascistas, judeus fascistas e trotskistas fascistas. Bruno deixou a rede e saiu da barraca. A noite estava morna, mansa e imóvel, pousada no zumbidos dos insetos. Ali no morro, ocultos por um labirinto de árvores, ele e seus companheiros podiam trabalhar em paz, editando volantes, limpando as armas, fabricando **molotovs**, separando balas por calibres, fotografando a região, armando alçapões de segurança ao longo da área em que se encontravam e sempre com um olho atento na pequena estrada de terra que circulava o pé do morro e ia dar na aldeia, a 160 quilômetros dali.

Ao meio-dia, almoçavam. As moças do grupo improvisavam uma refeição à base de soja, batatas e carne seca. Jean-Claude, o francês, deixava sempre para comer uma hora depois porque almoço ao meio-dia era uma coisa nojentamente burguesa, absurda para um grupo clandestino. Venha almoçar, **m'sieur**, sempre gritava Alfredão nessas horas, acrescentando — Marx e Stalin papavam ao meio-dia em ponto.

Deus é um ser simples, operação ou natureza? Se Ele tudo vê com providência e infinita bondade, porque deixaria seus filhos dos campos e das cidades oprimidos pela ditadura fascista? Por quê não lhes insufla consciência revolucionária e fé no marxismo? E nós, os do morro, não teríamos apenas uma coragem ilusória, sonhando com liberdade social enquanto a massa dorme feliz sem reação política? Suzana veio interromper as matutagens de Bruno, que à noite confundia São Tomás de Aquino com Wilhelm Reich, deitando-se sobre ele e tirando a sua camisa. Bruno suspirou longamente, deixando escapar Reich e São Tomás pela boca aberta. Trepar com a sua garota era mais que uma necessidade animal, era um alívio, uma terapia. Aos dezessete anos sentia-se confuso com as conversas dos camaradas adultos e as leituras compulsivas, desencontradas. Mas era feliz, ali no morro, caçando coelhos e se preparando para a grande defesa das massas oprimidas. Garantiam-lhe que a vitória das massas, ou pelo menos dos cidadãos de seu país, dependia um pouco da operação deles ali no morro e particularmente dele, com sua juventude e inocência ideológica. Ele ainda não fôra conspurcado por racionalizações reacionárias, escapara ileso de manipulações capitalistas, era um menino sem desejo de possuir todas aquelas engenhocas cintilantes e idiotas que o imperialismo jogava diariamente nas TVs para embotar algum possível impulso revolucionário desses meninos. Isso tudo os camaradas mais velhos lhe diziam e ele respondia sim, vocês têm razão, obrigado.

Os dias passavam sempre iguais, sem novidades. Bruno se impacientava com a tranqüilidade dos camaradas. Precisamos agir, insistia com os amigos, os volantes estão todos aí empilhados sem ter quem os distribua, as armas parecem objetos de decoração de tão brilhantes, pra quê polir todos os dias? Ficamos aqui parados esperando, esperando. Esperando o quê? Calma, aconselhavam os seus camaradas, isso é justificável em sua idade mas nossa operação requer, acima de tudo, auto-controle; na hora exata, buuum! Suzana dançava em volta da fogueira, ela gostava de dançar, agitando maciamente os quadris, girando como uma bailarina clássica e às vezes caricaturando gestos

graciosos. Mas era uma bailarina de verdade, com talento, e Bruno gostava de ficar olhando. Ele ficava assim seduzido, hipnotizado pelas palmas cadenciadas dos camaradas sentados em volta de Suzana. Um dia vou aprender a tocar violão, ele lhe prometia, para você dançar de verdade, ao som de música. Suzana, depois de dançar, ia sentar-se em seu colo. Jean-Claude estava sempre olhando para eles, acocorado em seu canto. Tinha um ar de cachorro abandonado com aqueles cabelos louros empapados de óleo e sua magreza de osso à vista. Ontem eu vi um jipe do exército passando na estradinha, contou Paulo P., reunindo-se ao grupo. Verdade? perguntou Bruno, subitamente interessado. Eu estava armando mais um alçapão de defesa, ali na frente leste, e vi eles passando. Um jipe com cinco milicos dentro. Passaram na maior velocidade e a poeira encobriu eles na curva, não deu pra ver direito se carregavam armas. Foram na direção da aldeia. E por quê não chamou a gente, por quê não atirou neles? perguntou Bruno, levantando-se. Todos o fitaram em silêncio. Bruno percebeu que havia dito uma besteira, não aprenderia nunca que agir compulsivamente numa situação dessa é uma espécie de suicídio? Naquela noite ele foi dormir revoltado consigo mesmo. Porra, porra, rosnou na rede, porra. Jean-Claude, ao passar pela sua barraca, parou e ficou alguns segundos olhando para dentro. Depois seguiu caminho. Suzana não apareceu.

Chovia na quarta-feira, enquanto Bruno descia cautelosamente a picada em direção ao rio. Ia se amparando em troncos de árvores e segurando cipós, todo alerta para não afundar em algum alçapão. Quando chegou ao rio, estava coberto de lama. Sentou-se um pouco acima da margem, perto do barco amarrado. O rio havia subido e as águas batiam nos troncos das árvores, jogando o barco para os lados.

Bruno enfiou a mão no bolso e tirou o lenço envolvendo um objeto. Desatou-o. Dentro dele estava o seu brinquedo, o único que ganhara em sua infância de menino pobre. Um soldadinho de chumbo. Bruno olhou-o com afeto antigo, analisando cada pequeno, desgastado e insignificante detalhe de sua anatomia fardada. O soldadinho trazia uma baioneta encostada no ombro

direito, um quepe com penacho e botas altas. Seus pés ficavam apoiados em uma base retangular. Ali solitário Bruno podia brincar um pouco sem ser alvo de zombarias dos camaradas. O que diriam eles, ou Suzana, se soubessem que o bravo guerreiro brincava com soldadinhos de chumbo? No mínimo expulsavam-no do grupo. Só de pensar, Bruno estremeceu. Olhou à sua volta. Nada. Ninguém. Somente a chuva caindo. Bruno amassou um pouco de barro, construiu uma espécie de trincheira entre galhos caídos e nela fincou o soldadinho. Seus olhos de liga, vazios, fitavam um ponto qualquer no centro do rio descendo em ondas turvas. Ali estava o seu brinquedo duro, sua fantasia, seu resto de infância. Um pedaço de chumbo, seu alterego, seu fac-símile que de repente podia criar vida, sob a chuva, e sair marchando, rótula, clavícula, omoplata, esterno, perônio e vértebra lombar. Bruno, sai da chuva que você vai resfriar. Limpando a lama do soldadinho e enfiando-o no bolso, Bruno entrou em casa. Vai trocar de roupa, ordenou a mãe. Na banheira de água morna o soldadinho afundou cem vezes, pulando da torneira, da borda esmaltada e da saboneteira. O pai trabalhava no correio e só chegava em casa à noite, cansado e faminto. A mãe punha o jantar na mesa, arroz, feijão, couve. Aos domingos tinham carne. A casa era pequena, precisando de reformas. Bruno fazia uns biscates na rua para ajudar em casa e a mãe chorava escondida no quarto. Eram magros, pobres e infelizes mas ele tinha o seu soldadinho de chumbo pescado em uma quermesse e isso iluminava um pouco a sua vida. Carregava-o no bolso, para onde fosse. E um dia a mãe morreu e o pai colocou-o em um orfanato, desaparecendo no mundo. A casa onde moravam era alugada, não tinham parentes nem amigos, a vida era uma merda, o mundo era uma merda. E ali agora estava ele novamente na chuva com o seu brinquedo, esperando que, de repente, a mãe o chame para dentro. É uma espécie de dor, ou revolta, o que sente, fazendo o soldadinho pular a trincheira e dar tiros em todos os sacanas poderosos do mundo.

Choveu durante nove dias seguidos. A água afundava as barracas e mofava os objetos dentro delas. O morro e a região em volta haviam adquirido uma tonalidade de prata antiga,

permanentemente envoltos por uma névoa dura. A caça havia sumido, todas as aves, coelhos e caititus entocados em algum buraco escuro e úmido. No quinto dia de chuva o grupo estava se alimentando somente de batatas e sojas. O humor, entre eles, também estava carregado. Alfredão havia gritado com Paulo P., que por sua vez foi brigar com a sua companheira, Anamélia. Quando a chuva parecia não querer mais parar, no sétimo dia, Jean-Claude conseguiu caçar um macaco gordo. A carne meio doce do macaco reanimou o grupo e à noite Suzana dançou na chuva, cantando uma versão meio política e meio safada de **Singin'In The Rain.** Beberam, naquela noite, a última garrafa de cachaça e quando o sol voltou a surgir as provisões estavam no fim. Bruno foi escalado para ir, de barco, à aldeia. Renovaria a despensa do grupo e aproveitaria para distribuir os volantes entre o povo. Suzana iria com ele. Na noite anterior à viagem, Jean-Claude apareceu em sua barraca. Ficou sentado no tamborete, olhando para Bruno, que empilhava os volantes em um canto. De costas para Jean-Claude e sem camisa, Bruno podia sentir sua respiração pausada enchendo a barraca como um balão. Gringo esquisito esse, pensou Bruno, dividindo os volantes em pacotes de cinqüenta cada. Eu vim aqui te desejar boa-viagem e boa-sorte, Jean-Claude falou por fim, com seu sotaque carregado. Obrigado, respondeu Bruno, sem se virar. Sabe, continuou Jean-Claude, eu tenho pensado em você, tão jovem assim e já metido em guerrilha. É perigoso. Devia estar em uma faculdade ou trabalhando em algum banco. Não pense que sou um arrivista sujo ou um burguês decadente mas tenho cá minhas razões pra pegar em armas, quanto à você... você é como o caçula da família, alguém que precisa de orientação e talvez não seja este o melhor lugar para gastar sua juventude. Talvez não seja também sua luta, sua verdade, não sei se você entende o que eu quero dizer. Bruno ficou tão chocado com o que acabara de ouvir que permaneceu mudo. Apenas voltou-se para Jean-Claude e o fitou com assombro. Jean-Claude levantou-se. Não me leve a mal, desculpou-se o francês quase sussurrando, mas eu tinha de vir aqui te falar isso.

No dia seguinte, de manhã, todos desceram com Bruno e Suzana até o barco. Jean-Claude havia saído para caçar.

Enquanto o barco deslocava-se rio abaixo, Bruno ia remando, meio soturno. Suzana empilhava os pacotes com os volantes na popa do barco. Depois que terminou o serviço, examinou as duas armas que o grupo lhes havia entregue para qualquer eventualidade. Na aldeia sempre circulava um certo número de milicos e nunca era demais estar prevenido. Duas boas armas, comentou Suzana, guardando uma na bolsa de pano e entregando outra a Bruno. Este continuava absorto, remando. Êi você, falou Suzana, puxando o ombro de Bruno. Heim, fez Bruno, virando-se para Suzana. Você estava a três mil quilômetros daqui, riu Suzana; preocupado com os tiras? Não, não, respondeu Bruno, estava aqui pensando comigo. Se fôr em mulher pode desistir, ironizou Suzana enquanto enfiava a arma no alforje de Bruno, elas são apenas oito lá na aldéia e todas elas horrorosas, dentuças e invariavelmente prenhes dos maridos ou seja lá o que fôr que veste calça. Estava pensando em Jean-Claude, esclareceu Bruno. E contou-lhe o que o francês lhe dissera na noite anterior. Francês biruta, resumiu Suzana, quando Bruno terminou de contar.

Somente no fim da tarde chegaram à aldéia. O poente parecia uma hemorragia de bílis deslizando lentamente sobre os telhados dos casebres caiados. Tudo ali cheirava a peixe. Alguém fazia soar o sino da capela. Amarrando o barco a uma árvore e carregando os pacotes dos volantes, Bruno e Suzana tomaram a rua principal e começaram a andar como sonâmbulos. Os poucos postes de luz elétrica, espalhados pela aldeia, não eram suficientes para iluminá-la e no claroescuro de suas ruelas vultos e cães vadios caminhavam sem pressa. Civis e soldados bebiam em algumas vendinhas, com seus perfís mergulhados na luz suja de lampiões e velas. Suzana e Bruno estavam famintos e entraram em uma das vendinhas. Sentaram-se na mesa do fundo, deixando os pacotes sob ela. Comeram o que tinham para servir — chouriço, pão e rapadura. Pediram uma garrafa de vinho fabricado ali mesmo na aldeia e beberam em silêncio, enquanto

examinavam o local. Suzana já havia estado ali na aldeia mas para Bruno tudo era novidade. As pessoas na vendinha, o dono e os fregueses civis e militares, pareciam não dar conta da presença deles, bebendo e conversando por intervalos. A aldeia parecia ir se afogando lentamente no tédio, bocejando. Se permanecessem uma semana ali, ficariam irremediavelmente encarcerados na pressão hipnótica do local. Bruno pagou e sairam o mais discretamente possível, carregando os pacotes. Só então ele percebeu que os olhos se voltavam para eles. Havia um entendimento mudo entre os habitantes da aldeia, um código que somente eles conheciam, uma espécie de sinal de alerta controlado diante de estranhos carregando fardos suspeitos. Durante uma hora e meia Bruno e Suzana andaram pela aldeia, procurando sombras, enfiando os volantes por baixo das portas, entregando-os às crianças com a recomendação de que os distribuíssem aos seus pais, parentes e vizinhos. Aproveitavam também para jogá-los indiscriminadamente nos becos, onde se amontoavam mendigos e bêbados. Quando não tinham mais nenhum volante para distribuir, procuraram uma pensão que Suzana já conhecia. O gerente, um homem gordo sem camisa e sem dentes, cobrou adiantado o quarto por uma noite e o café da manhã. Depois bateu duas vezes a campainha velha da mesa da «gerência» e como não aparecesse ninguém, levou-os meio sem graça até o quarto. Atravessaram um corredor obstruído por latões de vários tamanhos. A partir dali a pensão soprava um hálito de óleo e gasolina, como se fosse um posto de estrada. Já no quarto, Bruno girou a taramela da porta, uniu as duas camas de solteiro e tirou a camisa. Suzana veio deitar-se ao seu lado. Que tal achou a nossa aldeota? perguntou ela, beijando sua orelha esquerda. Não sei, respondeu Bruno fitando o teto, a coisa me parece calma demais e há tiras demais também por aqui. O nosso sistema de distribuição de volantes vai funcionar? Isso de passar para as crianças que por sua vez passariam aos adultos está me parecendo arriscado; elas podem nos delatar. Não se preocupe, tranqüilizou-o Suzana enquanto tirava a roupa, sempre deu certo. Já fizemos isso em outras aldeias. Compramos nossos mantimentos pela manhã e tomamos

o barco de volta. Volantes sempre exerceram um fascínio muito grande sobre o povo humilde. Não existe, entre eles, a noção do que seja subversivo ou não. Simplesmente se identificam com o nosso texto, que consideram sincero e justo. Os que sabem ler reúnem os vizinhos e parentes e transmitem a mensagem. Por outro lado, o nível de analfabetismo não é tão alto por estas regiões. Já vi muito volante nosso virar barquinho de papel ou aviaõzinho mas não foram também raras as vezes em que os vi pregados nas portas das casas, vendas, prostíbulos e capelas. Deus te ouça, murmurou Bruno, tirando a calça e a cueca. Antes de colocá-las ao pé da cama, apalpou o pequeno embrulho no bolso da calça. Coragem, companheiro, murmurou. Depois estirou-se sobre Suzana e somente então sentiu-se confiante.

Alta madrugada, enquanto Suzana dormia nua, Bruno ouvia insone remotos latidos de cães e o que lhe pareciam passos furtivos na calçada da pensão. Para se acalmar, ficou passando a mão na bunda da companheira. Era um gesto sem excitação, que lhe provocava apenas paz e uma onda macia de calor pelo corpo. A ideologia fascista considerava o nórdico muito próximo dos sentimentos puros, assexuados. Ser nórdico era ser puro, louro e com as axilas cheirando a flor de lis, enquanto o Oriente Próximo virara sinônimo de grossa sacanagem, o orgasmo babando e latindo. Devia ser ótimo ser Oriente Próximo, claro. Mas entre ser grego ou etrusco é preferível ser baiano, paulista, mineiro e ter a alma incorruptível, pelo menos a alma deve ser incorruptível. Bruno mergulhou em suas divagações até o fundo escuro do poço da madrugada e então o sol varou o vidro superior da janela do quarto, tirando chispas no espelho do lavatório. A pensão estava absolutamente silenciosa, de um silêncio pegajoso, suspeito. Bruno e Suzana vestiram-se e foram para a sala de jantar, tomar café. A mesa estava posta, com pão, queijo, uma cafeteira esmaltada e duas canecas de lata. Enquanto comiam, Suzana e Bruno notavam o silêncio da pensão, rachado apenas pelos pios de alguns canários presos em gaiolas. Onde estariam o dono da pensão e os outros hóspedes? Ou eles seriam os únicos pensionistas? Suzana lambeu os dedos melados de queijo e levantou-se. Vou ao quarto arrumar nossas sacolas pra

gente partir, anunciou. Bruno ficou alguns minutos sentado e limpando os dentes com as unhas. Depois levantou-se e resolveu procurar o dono da pensão. Os poucos quartos estavam com as portas fechadas. Bruno atravessou o corredor, ao longo dos tambores de óleo e gasolina, e chegou à mesa da «gerência». Estava vazia. Pensou em bater a campainha mas resolveu não fazê-lo. Se o dono estivesse por ali, no banheiro ou em seu quarto, e aparecesse, ele não teria muita coisa a dizer-lhe. Preferiu, portanto, sair e esperar Suzana lá fora. Girou a maçaneta da porta e abriu-a. A luz do dia caiu em seus olhos como um coice e por alguns segundos ele se sentiu atordoado. É que o coice de luz descia dos olhos ao peito e era como um trovão entrando nos ouvidos. Só então ele percebeu. Por pouco não teria tempo de dar meia-volta, fechar a porta atrás de si e pular para o lado enquanto os tiros furavam a porta e estilhaçavam os vidros das janelas. Suzana surgiu tropeçando nos tambores, com os olhos arregalados. Ficaram algum tempo abraçados, sem entender direito o que estava acontecendo. Por fim Suzana murmurou, nos pegaram. Bruno sangrava no peito. Suzana rasgou sua camisa e limpou o sangue com as mãos sem poder calcular a profundidade do ferimento. Foi uma armadilha, gemeu Bruno. Suzana correu para o quarto enquanto os vidros das janelas iam desabando sob o impacto das balas, o exército nacional em peso estava lá fora?, e quando voltou do quarto com as duas armas perguntou ofegando a Bruno, você pode atirar? enquanto se arrastava para a janela mais próxima. Abriu-a e atirou de cabeça baixa e sem rumo. Bruno escorregou por entre os tambores, subiu com dificuldade em um deles e tentou desesperadamente ver alguma coisa lá fora pelo vidro lascado. Havia fumaça, furor e ódio lá fora. Bruno começou a atirar mas o peito doía muito e de repente ele começou a sentir câimbras no braço direito. Pulou do tambor, batendo com a cabeça na parede. O tambor girou e tombou, derramando o seu conteúdo e indo chocar-se com um outro. O inferno se instalara ali, brotando da pólvora e do fragor de madeira, azulejo e vidro se rompendo. Suzana estava sentada com os olhos abertos e a arma pendurada em dois dedos. De repente, a explosão. E as chamas que puxam

as chamas, que puxam as chamas. Suzana continuava sentada. E puxava o braço de Bruno, acorda, acorda. O braço direito doía, o lado direito do corpo todo doía; a câimbra? o tiro? Você estava gritando, falou Suzana meio assustada, parecia que estava tendo um pesadelo. Bruno sentou-se na cama, olhando em volta. Ainda sentindo o braço dormente — devia ter dormido sobre ele — respirou fundo. Meu Deus, que horrror, pensou, enquanto ia voltando a tomar conhecimento de seu corpo nu, do corpo nu de Suzana, da luz do sol varando o vidro superior da janela do quarto e tirando chispas no espelho do lavatório, em todos os espelhos da pensão, como um caleidoscópio absolutamente silencioso, de um silêncio pegajoso, suspeito.

ENSAIOS

AS MANHAS DO JABUTI NO MANIFESTO ANTROPÓFAGO *

Lauro Belchior Mendes

«O índio, o homem natural, bravo, sem os vícios da catequese, morria sorrindo no campo do inimigo. É assim que morre o verdadeiro antropófago. Sem entregar os pontos. Só o civilizado faz concessões, transige e assina o tratado de Versalhes. O índio não conhecia acordo. O acordo dele era no moquém com o corpo do inimigo fritando na brasa.»

(Do último número da Revista de Antropofagia)

Para TEREZA

As proposições do **Manifesto Antropófago** [1] não seguem um alinhamento lógico. São lançadas desordenadamente e, além disso, retomadas várias vezes. Torna-se, pois, difícil estabelecer uma separação rígida entre as várias proposições, porque, com freqüência, um aspecto de uma também o será de outra. Com a finalidade de facilitar a sua exposição, tentei separá-las, contudo, em cinco conjuntos fundamentais de idéias:

---

* Este artigo é uma re-escrita das pesquisas que desenvolvi para minha dissertação de mestrado, **O Discurso Antropofágico de Serafim Ponte Grande**, e para minha tese de doutorado, **La représentation de la société brésilienne et la recherche d'un nouveau langage littéraire dans l'oeuvre romanesque d'Oswald de Andrade.**

1. Para citações, utilizo o sexto volume das **Obras Completas de Oswald de Andrade, Do Pau-Brasil à Antropofagia e as Utopias**, publicado pela Civilização Brasileira em 1972.

1 — a universalidade da antropofagia;

2 — a antropofagia selvagem de Pindorama;

3 — a negação da catequese;

4 — a negação da colonização;

5 — a Antropofagia da Revolução Caraíba.

1. A UNIVERSALIDADE DA ANTROPOFAGIA:

Oswald inicia o **Manifesto desta forma:**

«Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente». Em seguida classifica-a como «Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.» Como poderia parecer à primeira vista, o Autor destrói desde logo a idéia de que a antropofagia é o elemento que separa o selvagem do civilizado. Pelo contrário, eles estão bem próximos, uma vez que a antropofagia é «lei do homem». Percebe-se, portanto, que o signo **antropofagia** não pode ser tomado apenas em seu sentido literal, mas também como metáfora da realidade humana, da luta histórica entre os mais fortes e os mais fracos. O significado da metáfora se estabelece com plena nitidez ao final do **Manifesto,** quando Oswaldo distingue **antropofagia carnal** e **baixa antropofagia.** Da primeira dirá:

> «Porém, só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido de vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas.»

E da segunda:

> «Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo — a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato.»

Assim se definem os dois tipos de antropofagia: o primeiro está relacionado com a rejeição da cultura ocidental cristã, enquanto o segundo é o próprio retrato dessa civilização. A partir dessas considerações, Oswald assume a antropofagia carnal metaforizada e tenta estabelecer a união do selvagem com o civilizado:

> «Filiação. O contato com o Brasil caraíba. **Où Villegaignon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista, ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.»

Essa «antropofagia carnal», evidentemente, não será praticada como «as puras elites» o fizeram, mas segundo a nova perspectiva que agora se impõe: a do «bárbaro tecnizado», ou seja, aquele que tem em si a pureza do selvagem e domina o aparato técnico-científico da civilização. Sobre esse assunto, um esquema dialético é apresentado em **A Crise da Filosofia Messiânica**, quando Oswald de Andrade retoma o tema da antropofagia e «prevê» o futuro do homem:

1º termo: tese — o homem natural
2º termo: antítese — o homem civilizado
3º termo: síntese — o homem natural tecnizado.[2]

A Crise da Filosofia Messiânica é de 1950, e além disso, tese de concurso para a cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Nesse estudo, Oswald afirma que vivemos o momento da antítese. O **Manifesto**, entretanto, propõe de imediato a síntese: o bárbaro tecnizado que se coloca «contra as histórias do homem que começam no cabo Finisterra» e, contraditoriamente, a favor do «mundo não datado. Não rubricado. Sem Napoleão. Sem César».

---

2. ANDRADE, Oswald de. **A Crise da Filosofia Messiânica**, in **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias**. Rio, Civ. Bras., 1972, p. 79.

O «bárbaro tecnizado» só pode, portanto, ser percebido como metáfora da atitude intelectual a ser assumida contra a «baixa antropofagia» da civilização ocidental cristã.

2. A ANTROPOFAGIA SELVAGEM DE PINDORAMA

Em **Vida e Morte da Antropofagia,** Raul Bopp relembra passagens interessantes em que estiveram envolvidos «os antropófagos», como o episódio das rãs. Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade foram com alguns amigos jantar em um restaurante cuja especialidade era **rãs.** Ao saborearem o prato, Oswald de Andrade começou, como brincadeira, a inventar uma teoria evolucionista, segundo a qual o homem teria a sua origem na rã. Tarsila, diante da exposição de Oswald de Andrade, teria dito:

> «— Com esse argumento, chega-se teoricamente à conclusão de que estamos sendo agora uns... quase antropófagos.» [3]

A teoria apresentada por Oswald deu lugar a um divertido jogo de idéias sobre a antropofagia, e alguém lembrou-se logo da frase ouvida com desespero por Hans Staden, quando esteve preso pelos Tupinambá: «Lá vem nossa comida pulando!» — frase que apareceria com destaque na primeira página do número um da **Revista de Antropofagia.** Outra colocação importante do estudo de Raul Bopp é a que diz respeito à preparação do «Primeiro Congresso Mundial de Antropofagia», que seria realizado em Vitória no dia 11 de outubro, «último dia da América livre». Na esperança de que tal congresso se realizasse, os «antropófagos» passaram a estudar os «clássicos da Antropofagia»: Jean de Léry, Hans Staden, Claude d'Abbeville, Couto de Magalhães, Capistrano de Abreu e muitos outros.

---

3. BOPP, Raul. **Vida e Morte da Antropofagia.** Rio, Civ. Bras., 1970, p. 40.

Que Oswald era leitor de nossos primeiros historiadores e cronistas, não é novidade para os que conhecem a poética de **Pau-Brasil**. Antes mesmo da teorização antropofágica, já pratica a antropofagia, não só na escrita do **Manifesto Pau-Brasil**, como na «digestão» de textos de Caminha, Gandavo, Claude d'Abbeville, Frei Vicente do Salvador, por exemplo, nos poemas que constituem a série «História do Brasil». Desta forma, nas entrelinhas do **Manifesto Antropófago**, percebe-se toda a re-leitura crítica da obra desses autores como motivadora do mesmo.

A terceira proposição do **Manifesto** já abre a questão: «Tupi or not tupi that is the question». A sentença em si já passou pelo metabolismo antropofágico, desde que introduz num contexto de língua inglesa um elemento tupi, registrado segundo a grafia portuguesa. Muitos estudiosos já perceberam o inusitado da proposição e, freqüentemente, se fixam no efeito piadístico da mesma. Mas a intenção não era apenas essa: a partir da colocação primordial do elemento tupi, Oswald remete para a reflexão: «A reação contra o homem vestido» — a nudez como condição essencial para o entendimento do sistema mítico tupi. De fato, o que vem a seguir leva à cosmogonia tupi: «Filhos do sol, mãe dos viventes. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos touristes. No país da cobra grande.» Couto de Magalhães, em **O Selvagem**, relata o mito da Cobra Grande, «como a noite apareceu», demonstrando como essa personagem tinha poderes cosmogônicos — era considerada senhora dos elementos. O mito da Cobra Grande pertence à classe dos etiológicos, explicando a origem dos animais, das aves, dos peixes, do dia e da noite.[4]

No mesmo esquema de oposição entre a ótica de civilizado cristão e a do índio, afirma: «Se Deus é a consciência do Universo Incriado, Guaraci é a mãe dos viventes. Jaci é a mãe dos vegetais.» Ora, nessa passagem, encontra-se a tensão máxima entre as duas óticas, ao mesmo tempo que teogonias diferentes. Oswald se desfaz da primeira em favor da segunda: não há

4. MAGALHÃES, Couto de. **O Selvagem**. Belo Horizonte, Itatiaia/USP, 1975, pp. 113/114.

necessidade de Deus, onde existem Guaraci e Jaci. Segundo Couto de Magalhães, há três deuses superiores na teogonia tupi:

a) o sol — criador de todos os viventes;
b) a lua — criadora de todos os vegetais;
c) Perudá ou Rudá — o deus do amor, encarregado de promover a reprodução dos seres criados.

Couto de Magalhães demonstra que os Tupi não tinham termos abstratos para exprimir as qualidades dos seus deuses. Expressavam-se em termos concretos: «É sabido que a palavra sol é guaracy, de guara, vivente, e cy, mãe. Lua é Jacy, de já, vegetal, cy, mãe.[5]

Na visão mito-poética do «matriarcado de Pindorama», Oswald vê a justiça e a ciência dos índios, respectivamente, como «codificação da vingança» e «codificação da magia», para, em seguida, afirmar: «Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.» No estudo **Antropofagia ao Alcance de Todos,**[6] Benedito Nunes afirma que Oswald de Andrade tirou a idéia da transformação do tabu em totem da leitura de Freud, especificamente de **Totem e Tabu.** Para Benedito Nunes, a hipótese mítica do parricídio canibalesco significaria a passagem da Natureza à Cultura. Ao assassínio e à devoração do pai tirânico, sucederia a interiorização da autoridade paterna, com a posterior proibição do Incesto. Seria oportuno acrescentar a interpretação de Lévi-Strauss, em **As Estruturas Elementares do Parentesco,** quando afirma que a passagem da Natureza à Cultura se deu no momento em que se estabeleceu o interdito universal do incesto. Isto é: «A proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da cultura [...] é a própria cultura.»[7] Para Oswald, deveria haver um retorno ao natural: identificando o tabu com o proibido e o totem com o permitido, propõe ele uma ruptura com as

5. Idem, p. 82.
6. NUNES, Benedito. «Antropofagia ao alcance de todos». estudo introdutório ao volume citado na nota nº 1.
7. LÉVI-STRAUSS, C. As Estruturas Elementares do Parentesco. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes/USP, 1976. p. 50.

proibições de caráter cultural. O clímax da transformação do tabu em totem seria a morte e a devoração «dos povos cultos e cristianizados.»

Como exemplificação da antropofagia praticada por nossos ancestrais, recorro ao capítulo XII — «Da morte que dão aos cativos e crueldade que usam com eles» — da **História da Província de Santa Cruz**, de Gandavo.[8] É sabido que Oswald leu esse e outros textos históricos com agudo senso crítico, e, sem dúvida, sua leitura se fez num sentido de não se deixar seduzir pela ótica do civilizado cristão, estruturante dessas narrativas. Gandavo, por exemplo, não percebe a significação do ritual antropofágico que descreve. Só percebe a crueldade, que o leva a comparar os «selvagens» aos animais. Descreve o cerimonial da execução e observa que somente o matador não come da carne do morto, o qual tem que sarjar o seu próprio corpo, porque acredita que, se assim não o fizer, logo morrerá. O tratamento do inimigo é um tema que Freud estuda em **Totem e Tabu**,[9] onde demonstra que, sob uma aparência de crueldade, a morte de um homem é regida por certas observâncias que se incluem entre as práticas do tabu. Diante dessa observação, a crueldade só existe para os que se situam à margem do fenômeno em questão. Destruindo o mito da crueldade do selvagem, a Psicanálise tenta romper com a ótica oficial branca e cristã, ao estabelecer uma nova leitura dos fenômenos que se deixam observar.

O texto de Gandavo fala ainda da antropofagia praticada em relação aos filhos dos inimigos com as índias ou a prática do aborto, em casos semelhantes. Quanto à devoração dos filhos dos inimigos, não há o que dizer, pois nada mais significaria que uma segunda morte para esse inimigo. Quanto ao aborto, percebe-se que é abominável aos olhos de Gandavo, mas aceito

---

8. ASSIS CINTRA. **Nossa Primeira História (Gandavo)**. São Paulo, Melhoramentos, 1921. Essa edição apreenta o texto completo de **História da Província de Santa Cruz**. O capítulo XII se encontra nas páginas de 131 a 135.

9. FREUD. **Totem e Tabu**. Tradução de Órizon Carneiro Muniz. Rio, Imago, 1974, pp. 50 e 51.

pelos índios. A propósito, leia-se o capítulo «Uma Sociedade Indígena e o seu Estilo», de **Tristes Trópicos**, em que Lévi-Strauss estuda os Mbaya-Guaicuru. Com o virtuosismo empregado nas pinturas faciais e com a prática do aborto e do infanticídio, os Mbaya-Guaicuru exprimiam o horror que sentiam pela natureza. O importante nesse caso é que todos os usos e costumes dos Mbaya são explicados pelo mito que lhes garantia o direito de oprimir e explorar os outros, bem como de serem vaidosos e orgulhosos.[10]

Outro elemento deste segundo conjunto é o «matriarcado de Pindorama». Pindorama é retratado como a terra da felicidade: «Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.» O matriarcado de Pindorama é, na visão mítica de Oswald, o espaço sem preocupações de fronteiras, sem prostituição e sem penitenciárias, onde a «alegria é a prova dos nove». Dotados de «sábia preguiça solar», os seus habitantes praticam a antropofagia carnal, falam uma «língua surrealista» (o tupi) e seu sistema político «é a ciência da distribuição». Espaço da «idade de ouro», em Pindorama, a justiça é a «codificação da vingança», e a ciência, a «codificação da magia». A alegria estaria garantida pelos deuses Guaraci, Jaci e Cobra Grande.

Em **A Crise da Filosofia Messiânica**, discute o tema do matriarcado em oposição ao do patriarcado. Lembra-se de Bachofen e de Nietzsche. E critica Lévi-Strauss a propósito das **Estruturas Elementares do Parentesco**: «O volume recente de Claude Lévi-Strauss sobre as estruturas elementares do parentesco esgota o assunto. No entanto, o antigo professor da Universidade de São Paulo atinge apenas as fronteiras do Patriarcado. Assim, inicia ele o seu volume estudando o fenômeno da retribuição. Na retribuição, a mulher como dádiva. Trata-se, portanto, de um estado adiantado de escravidão patriarcal que ele focaliza, no qual a mulher é considerada um simples objeto. Só uma paleontologia

10. LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Tradução de Jorge Constante Pereira, Lisboa, Martins Fontes/Portugália Editora, s.d.

social possibilitaria a restauração e o estudo das estruturas matriarcais desaparecidas».[11]

Como se pode observar com clareza, Oswald de Andrade, na tentativa de propor o paradisíaco matriarcado de Pindorama, não percebeu a lição de Lévi-Strauss, que demonstra que a sociedade humana se caracteriza pela relação fundamental de assimetria entre os sexos, sendo que o número de regimes matrilineares e matrilocais é extremamente pequeno. Observe-se que, no estudo de 1950, mantém a mesma postura ideológica de 1928.

3. A NEGAÇÃO DA CATEQUESE:

Oswald se coloca duramente frente às fixações psicológicas da cultura oficial brasileira. Entre essas fixações se encontram as figuras de Anchieta e Vieira, e contra elas, declara: «Nunca fomos catequisados. Vivemos através de um direito sonâmbulo. Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará». Ora, como se sabe, a atuação do jesuíta fez parte da estratégia da dominação portuguesa. O jesuíta, entretanto, ficou na história oficial brasileira como o bom apóstolo, que teve a missão de cristianizar «o selvagem», a fim de ganhá-lo para Deus. Na verdade, a ação dos jesuítas se fez no sentido de destruir uma cultura em detrimento de outra, ou seja, da destruição do sistema mítico dos índios, por outro sistema mítico, o cristianismo. Impuseram ao selvagem a consciência do pecado, o horror da nudez, a roupa, a idéia de inferno e as imposições da «moralidade» cristã européia, dos «bons sentimentos portugueses».
A questão é polêmica, porque apresenta exceções, mas é inegável, no geral, a contribuição da catequese para o extermínio cultural do índio brasileiro. A propósito da «moralidade portuguesa», veja-se o artigo «Santo Ofício Antropofágico», publicado a 15/05/1929 na **Revista de Antropofagia**, no qual se discutem a inquisição portuguesa e as ambigüidades morais dos religiosos. O artigo é assinado por Pajé Murucutu — o que come meninos e inquisidores. Eis a sua conclusão:

---

11. ANDRADE, Oswald de. Op. cit., p. 89.

«E foi essa a moral que o descobrimento e a catequese nos trouxeram. Na antropofagia, hoje como ontem, não há disso. A nossa moral é gostosa que nem beijo de mulata. Nela não há voto de castidade. O amancebamento visível substitui o compadresco mascarado. A banana estalada vem ocupar o lugar da carta anônima que a escravidão do ocidente nos deixou. Por isso, o santo ofício antropofágico

tinha de ser exatamente o oposto do da igrejá. Nós vamos condenar a ignorância; eles condenavam a inteligência. Nós vamos condenar a hipocrisia; eles condenavam a sinceridade. Nós vamos condenar o dogma, (artifício de quem não tem lógica) eles condenavam o instinto (que é base do homem natural).»

A citação é oportuna, porque, além de salientar o «ambiente cultural antropofágico», ressalta a máscara colonizadora e evidencia os valores da moral destruída e da moral destruidora.

Ainda para efeito de ilustração do caráter repressor da catequese, lembro a obra do capuchinho Claude d'Abbeville, **História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas.** No capítulo XXX, narra-se a história de Japi-Açu, principal da Ilha do Maranhão, que matara uma escrava encontrada em adultério. Japi-Açu é argüído pelos franceses, que tentam mostrar-lhe que eles, franceses, estão ali como representantes do Rei da França, sendo, portanto, de sua competência, definir os «crimes» e julgar os «criminosos».[12]

O terceiro conjunto coloca ainda a questão do sincretismo religioso. Num país marcado pelo caldeamento de raças, é bastante natural que as crenças mitológicas tenham passado pelo mesmo processo. Por detrás da máscara religiosa do cristianismo transplantado, é impossível negar a sobrevivência dessas outras crenças míticas. Repito, portanto, Oswald de Andrade: «Fizemos Cristo nascer na Bahia. Ou em Belém do Pará.»

---

12. D'ABBEVILLE, Claude. **História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas.** Belo Horizonte, Itatiaia/USP, 1975.

4. A NEGAÇÃO DA COLONIZAÇÃO:

A negação da catequese já implica a negação da colonização. Aqui, entretanto, Oswald apresenta alguns elementos que exigem discussão. Primeiramente o Autor se coloca contra as «caravelas», que trouxeram «as sublimações antagônicas». Em seguida, identifica os colonizadores como «fugitivos de uma civilização que estamos comendo, porque somos fortes e vingativos como o Jabuti». Na linguagem da Psicanálise, a sublimação é um processo que consiste em desviar a energia da libido para novos objetos, de caráter útil. Dessa forma, identificam-se as sublimações antagônicas, a verdade e a mentira que as caravelas simbolizam. Os textos que narram as expedições são bastantes claros, se lidos dentro desse jogo em que a verdade e a mentira atuam como parceiros. O mesmo jogo já se encontra na **Carta**, de Pero Vaz de Caminha, quando este lembra ao Rei que era necessário salvar os «selvagens» da terra «descoberta», porque pareciam tão inocentes que seriam logo cristãos. Instaura-se dessa forma a retórica da mentira, que dissimula a verdade das intenções: para dominar e escravizar, a «semente» necessária é a do cristianismo.

Vítima dos Tupinambá, Hans Staden, entretanto, apresentará outra visão do índio, bastante diferente. Em sua obra **Duas Viagens ao Brasil**, não se cansa de observar a maldade dos índios, sempre prontos a perseguir os inimigos e devorá-los.[18] A obra de Hans Staden representa uma leitura imprescindível, pois vai revelar o fracasso da partida em que o ganhador era sempre o branco. Prisioneiro dos Tupinambá, quando consegue libertar-se, vinga-se deles compondo sua narrativa. De sua longa convivência com os índios, resultam informações valiosas sobre o homem de Pindorama no século XVI, seus usos e costumes. Entretanto, o sentimento de vingança, e sua ótica de civilizado cristão o conduzem a julgamentos que comprometem a objetividade das informações.

---

13. STADEN, Hans. **Duas Viagens ao Brasil**. Belo Horizonte, Itatiaia/ USP, 1974.

Episódio mais significativo na crônica da colonização e da catequese foi a devoração do Bispo Sardinha, que confirma da vitória do selvagem sobre o branco, base do pensamento antropofágico e marco de sua instauração.

Quando se discute a colonização no Brasil, não se pode deixar de lado o patriarcalismo que aqui se impôs. Daí Oswald de Andrade afirmar: «O pater famílias e a criação da Moral da Cegonha: ignorância real das coisas + falta de imaginação + sentimento de autoridade ante a prole curiosa». Símbolo máximo da autoridade no Engenho, a moral do patriarca oscila entre as ambigüidades da Casa-Grande e da Senzala. Paralelamente aos fatos narrados por Gilberto Freyre em **Casa-Grande e Senzala,** lembro o exemplo literário oferecido por José Lins do Rego, em **Menino de Engenho,** no capítulo 18, quando o Coronel José Paulino manda pôr o negro Chico Pereira no tronco, sob suspeita de ser o estrupador da mulata Maria Pia, que afinal confessará: «Juro que foi o Dr. Juca quem me fez mal». O casamento — motivo da tortura do negro que a ele se recusava — deixa de ser realizado, porque agora o culpado é o filho do Senhor-de-Engenho. O código moral, portanto, passa a ser outro. E a «autoridade» se cala.[14]

Outro elemento deste conjunto de idéias relaciona-se com D. João VI e sua corte. Sua presença no Brasil representa a translação definitiva da cultura européia para as terras de Pindorama. Semelhante ao caso do Bispo Sardinha, D. João VI será o símbolo do poder usurpador a ser devorado, a metonímia da dominação estrangeira, destruidora da felicidade de Pindorama. Por isso, Oswald afirma: «A nossa independência não foi ainda proclamada». Em outras palavras, a independência de Pindorama só seria proclamada pela Revolução Caraíba.

5. A REVOLUÇÃO CARAÍBA:

Ao mesmo tempo que síntese dos quatro conjuntos anteriores, o quinto se apresenta como solução para tudo o que

14. REGO, José Lins. **Menino de Engenho,** 18ª edição. Rio, José Olímpio, 1972. Da p. 42 a 45.

foi proposto. Encontra-se no **Manifesto**: «Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem». A Revolução Caraíba será a dos antropófagos do século XX, nativos de Pindorama. Sua força simbólica será maior que a da Revolução Francesa. A arma utilizada será a devoração, a «absorção do inimigo sacro». A ação libertária se dirige contra a retórica da civilização ocidental, como ilustra a passagem de Galli Mathias:

> «Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o.»

Ora, o que Oswald faz aqui é um trocadilho, convertendo em nome de pessoa a palavra francesa **galimatias**, cuja significação é: 'discurso arrevesado, confuso, obscuro; babel de palavras; palavrório incompreensível'. Este ponto é, sem dúvida alguma, o ponto máximo de tensão do **Manifesto**, aquele em que o discurso da civilização recusada é devorado. Tal noção de Direito tem que ser devorada, porque é um **galimatias**, é o retrato de uma civilização caracterizada por uma retórica castradora, ou seja, a civilização das palavras infladas, porém vazias.

Os participantes da Revolução Caraíba serão os bárbaros tecnizados. O exemplo da luta vingadora é apropriado por Oswald de Andrade, do mito do Jabuti: «porque somos fortes e vingativos como o Jabuti». O ciclo de lendas do Jabuti encontra-se em **O Selvagem**, de Couto de Magalhães. Faço um resumo da primeira lenda, «O Jabuti e a Anta do Mato»: a Anta, abusando do direito da força, pretende expulsar o Jabuti de baixo do taperebazeiro, onde este colhia seu sustento; e como ele se opusesse a obedecer, alegando que a árvore era sua, a Anta o pisa e o enterra no barro. Ali fica o Jabuti, até que, com a chegada das outras chuvas que amoleceram o barro, ele pode sair ao encalço da Anta. Vinga-se dela, comendo-lhe os testículos, causando-lhe, portanto, a morte. Depois disso, o Jabuti convida seus parentes

para comerem a Anta.[15] Em linhas gerais, essa é a lenda. Pode-se perceber que ela representa uma alegoria do pensamento de Oswald. A Anta é da mesma espécie que o Jabuti, o que faz crescer o sentido da alegoria, que ressalta a vitória do oprimido culturalmente sobre o opressor. Assim, o Jabuti será o símbolo mítico da luta antropofágica.

CONCLUSÃO:

O **Manifesto** nega a catequese e a colonização portuguesa, propondo a Revolução Caraíba, que uniria as forças selvagens primitivas de Pindorama com o desenvolvimento científico da técnica moderna. Valendo-se do mito do Jabuti e da Anta, Oswald carnavaliza o discurso, uma vez que o **Manifesto** propõe a inversão dos termos: de comido deve-se passar à condição de comedor. Na alegoria do Jabuti, a estratégia é a da malandragem inteligente: paciente, o Jabuti espera a chegada das águas para vingar-se da Anta, matando-a e devorando-a. A entronização do Jabuti significa a instauração plena da antropofagia carnal em luta contra a baixa antropofagia. Trata-se, na verdade de um ritual. Não mais o ritual antropofágico **strictu sensu**, mas o ritual da palavra carnavalizada, subversiva, devoradora.

Tratando-se de encenação, o ritual importa, enquanto tem o seu tempo de duração, ou seja, enquanto escrita. O carnaval é a festa do tempo destruidor e regenerador, não como idéia abstrata, mas como percepção viva do mundo, expressa pelas formas concretas do ritual. A morte de Deus faz parte do ritual, uma vez que Deus representa a continuidade, e a descontinuidade é categoria fundamental da encenação carnavalesca. É necessário matar a Deus (ou matar os deuses), para que se possa inscrever o proibido, ou seja, transformar o tabu em totem. Se a escrita literária brasileira era devorada, tradução servil das escritas estrangeiras, ela deverá repetir a revanche do Jabuti e instalar-se através de uma palavra forte, vingativa, gostosa, antropofágica.

---

15. MAGALHÃES, Couto de. Op. cit., pp. 115 e 116.

O MITO EM IRACEMA
de José de Alencar

Ingeborg Scheible-Turchetti

Adaptação para publicação de um trabalho final, originariamente apresentado no curso de graduação do Romantismo ao Realismo-A no primeiro semestre de 1985, ministrado pela Profª Maria do Carmo Lanna Figueiredo.

ROMANTISMO E MITO

No romantismo desaparece o limite entre artista e natureza. Para o indivíduo se entender, deve reconstruir a sua própria história e a história de seu país: «O Não-Eu (o mundo) é o símbolo do Eu e serve para a autocompreensão do Eu» (Novalis). A arte é indispensável a esse processo, pois é nela que «o espírito consciente reconhece a sua própria imagem» (Schelling).

A construção de um futuro ideal é um desejo cultivado por muitos dos escritores românticos. Não raramente, esse futuro, identificável com a «terra prometida», liga-se diretamente ao culto do passado mítico. Se, nisso, a objetividade histórica é abandonada a favor de uma idealização, permanece, todavia, a objetividade nos detalhes e costumes da época, baseada em pesquisas antropológicas e lingüísticas. Ambas as atitudes são típicas do romantismo e são encontradas em **Iracema.**

Considerando a utilização do mito no romance como uma tentativa de organizar um processo não racional, de maneira que haja uma seqüência lógica e, sobretudo, aceitável, enten-

demos como a História do Brasil, que também deve ser re-escrita de maneira que os brasileiros possam nela se reconhecer, com ela se identificar, forneça uma temática rica a ser explorada. Vejamos por que a colocação de **Iracema** pode ocorrer nessa perspectiva.

IRACEMA E O MITO

Na apresentação do autor por M. Cavalcanti Proença, lemos que José de ALENCAR confessava procurar na literatura «diversão à tristeza que (lhe) infundia o estado da Pátria». Essa confissão fornece uma das chaves para a compreensão de **Iracema**. Outra chave é representada pelo entusiasmo que o autor sente ao voltar, aos dezessete anos, para a sua terra natal e para os «seus» índios, cujos encantos fazem nascer nele, conforme confirmou, as idéias básicas de **O Guarani** e **Iracema**.

Temos aí dois componentes fundamentais: A admiração pelos índios e suas virtudes, elemento que remete ALENCAR à própria infância (espaço já por si idealizado), e uma fuga da realidade de seu país, que faz com que ele procure no passado um referencial para um futuro melhor. Se os juntarmos, podemos reconstruir as inspirações mais profundas que podem ter movido o autor ao escrever **Iracema**.

Parece bastante evidente que ALENCAR, além de erigir um monumento aos «seus» índios (e monumentos são erigidos para os mortos), queria fornecer um referencial para o seu povo. Este, ao mesmo tempo em que, através de uma visão idealizada da colonização, valorizaria as próprias origens e se identificaria com a sua terra, amando-lhe as virtudes e belezas, adquiriria auto-estima e consciência nacional suficientes para abandonar o sentimento de inferioridade e dependência para com as nações européias, principalmente Portugal.

Procedamos, então, à análise da obra à luz do mito, baseando-nos na hipótese de estarmos diante de uma idealização do passado, inspirada ao autor pelo amor à sua terra e aos habitantes primitivos desta, elementos que facilmente integram o romance no rol dos que se apoiam na mitologia.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MITO

As pesquisas históricas, sociológicas e antropológicas nos dizem que a origem do mito pode ser procurada na necessidade de o homem interpretar fenômenos inexplicáveis e que lhe causam angústias existenciais. Atribuir caráter sobrenatural e normativo a fenômenos que ultrapassem a compreensão do homem significa dissolver essas inseguranças e, ao mesmo tempo, fornecer à humanidade referenciais de conduta comum. O mito liga-se, por isso, intimamente à religião, e a necessidade de se explicar o ignoto pode ser considerada como a matriz comum a ambos.

Geralmente, os mitos versam sobre a criação, os padrões de comportamento, as instituições, as formas de trabalho, as hierarquias, englobando, enfim, todos os atos humanos significativos.

Todas as religiões trazem o seu mito de origem. Na religião hebraico-cristã, por exemplo, essa origem está no Paraíso, no qual havia união e identificação do homem com Deus. Na «expulsão do paraíso», essa união tendo sido quebrada, o homem ficou afastado de Deus, sozinho e num plano inferior, sem possibilidade de volta a Ele ou de se comunicar com Ele. Ora, os rituais religiosos, orientados pelos mitos, tendem a reestabelecer essa comunicação e assumem por isso uma nítida função intermediária. Continuando nessa lógica, pode-se chegar à conclusão de que a religião é um desdobramento do mito, apesar de esse último termo ter adquirido, com o passar do tempo, a conotação de «pagão» dentro da cultura cristã.

Através do RITO, os mitos são continuamente trazidos de volta e re-vividos. «Viver» os mitos dessa maneira, implica uma experiência verdadeiramente «religiosa», podendo-se considerar o rito como o ato que anula o tempo histórico e reconduz o homem às origens.

Por fornecer modelos de conduta, o mito tem também ligações com a ideologia, na medida em que é explorado no exercício do poder. Há uma interação basilar entre mito/religião e ideologia, que, todavia, não será abordada neste trabalho.

Contudo, merece ser mencionado que a primeira estrutura de valores simbólicos que tentam explicar «o porquê das coisas e dos fenômenos», remete-se aos mitos, razão pela qual os gestos dos heróis míticos adquirem função de arquétipos a serem imitados e repetidos.

Com a saída das civilizações de sua fase arcáica para a fase histórica, sempre que o homem se encontra em situações difíceis, seu desejo volta ao passado, à situação do «cataclisma». Quando, nessa situação, o mito não é simplesmente reiterado, como nos tempos da pré-história, mas é revitalizado através da redescoberta das ações dos heróis míticos, estamos diante do processo da re-mitigação.

Esse é o caso de **Iracema** de José de ALENCAR, que trataremos a seguir.

O HERÓI MÍTICO

Todo mito traz a figura do herói ou da heroína que constitui sua essência. O herói mítico preenche o espaço vazio e normalmente intransitável entre Deus e o homem, reestabelecendo a comunhão original. Nessa função, ele se torna modelo exemplar e atemporal da humanidade.

Com ele transita nos dois espaços, o divino e o humano, ao mesmo tempo tem falhas humanas e executa ações divinas, sobre-humanas. É na alternância desses movimentos que se tece a sua figura. Na sua ascensão do plano humano para o divino, caracterizada por contínuos altos e baixos (ações divinas alternadas a recaídas em falhas humanas), ele é submetido a provas severas que fazem apelo às suas qualidades físicas e morais. A imortalidade é alcançada através da morte, fase necessária para passar à nova vida no plano do mito.

Contudo, existem heróis míticos trágicos, os quais, elevados pelos Deuses, se mancharam com alguma falha «humana» e foram, por isso, severamente punidos. Com a expiação de seus «pecados» e a morte final, eles se tornam heróis míticos definitivamente. É o caso de Prometeu, herói mítico preferido pelos românticos, e é, também, o caso de Iracema.

Podemos observar que os elementos básicos que estruturam o herói mítico estão em sua **ascendência nobre** ou semi-divina; na **previsibilidade** e fatalidade dos acontecimentos de sua vida (oráculos); nas **provas** às quais ele é submetido para expiar as falhas humanas; no **maravilhoso** que se manifesta em virtudes sobre-humanas, adquiridas através da intervenção divina durante a execução das provas; na **luminosidade** que emana dele por representar um ser possuidor de alguma sabedoria que o aproxima do Criador; na **sexualidade** que se expressa através da atração prejudicial para o sexo oposto, atração muitas vezes fatal, mas irresistível; no **companheiro** que é a alma-gêmea do herói; no **maniqueísmo,** produto de uma moral rigorosa que divide o mundo inequivocamente em «bem» e «mal»; no **eterno retorno** que se manifesta na reiteração do ato primordial que originou o mito; na **terra prometida** constituída pelo desejo de retorno às origens; na **morte** que representa o ingressar do herói mítico no mundo dos imortais, momento culminante de todo mito.

Resumindo, podemos definir o mito como uma projeção humana, originada pelo medo ao desconhecido, mas também pela necessidade de ocupar espaços que não podem ser preenchidos pelo «óbvio»; e o herói como um desdobramento, uma imagem especular do «Ego Ideal», coletivo ou individual, que deseja voltar ao antigo equilíbrio com Deus.

Remetendo-nos aos elementos básicos que constroem o mito, quais deles são encontrados em **Iracema,** como justificação da tese de que estamos diante de uma idealização mítica?

Notamos que a **ascendência** de Iracema é **semi-divina.** Ela é filha do Pajé, e isso significa que pertence à mais alta hierarquia da tribo. Como sucessora do Pai na guarda do segredo da Jurema, ela torna-se uma criatura sagrada, intocável, perto da divinidade da qual é vestal. Seu **nascimento** é somente mencionado de maneira vaga, e nada se sabe sobre sua infância e primeira juventude. Nesse ponto, Iracema está colada aos moldes clássicos do mito.

Quanto a Martim, ele é o ESTRANGEIRO QUE VEIO DO MAR. Não somente é **sagrado porque hóspede:** como também

sabemos, através de pesquisas feitas na América Latina, os primeiros estrangeiros **dos cabelos de sol** vindos do mar (os **Vickinger**) foram todos venerados como Deuses e entraram como tais nas respectivas religiões indígenas.

Nessa perspectiva, ambos, Iracema e Martim, são seres colocados num plano superior.

A **previsibilidade**, também, é outro fato mítico que surge em vários pontos do romance, principalmente no primeiro capítulo, (volta de Martim ao Portugal) e no décimo quinto (presságio doloroso do velho Pajé para a raça de seus filhos e para a falha de Iracema). Na duplicidade do presságio-oráculo do Pajé, temos um paralelismo entre o destino de Iracema e o do povo indígena: ela morrerá por ter traído a sua religião e o seu povo e para poder gerar a nova raça brasileira, que surgirá do encontro das raças índia e européia. Todavia, a raça indígena também morrerá para essa finalidade e por essa culpa. Na verdade não se trata, aqui, de um paralelismo, mas Iracema está para os índios como um símbolo está para o todo: ela é a **heroína** no ato cosmogônico, mas a **culpada** na extinção de sua raça devido à traição dos próprios valores religiosos e culturais.

Sendo a religião dos índios panteística, a **transgressão de Iracema** é contra a religião e a natureza. O segredo da Jurema é um líquido vegetal que aproxima os homens de Deus, e Iracema como guardiã desse líquido representa o **elemento de ligação entre o humano e o divino.** À sua dupla **transgressão,** segue-se a **punição** (ela deixa de fazer parte de seu povo, deixa de ser índia e deixa de ser vestal). A **expiação** de sua transgressão opera-se na morte através da qual ela ingressa no mito.

Iracema, tomando decisões transgressoras, coloca-se (como Prometeu) no mesmo plano de Deus. Nisso consiste a sua **falha trágica,** falha que, por outro lado, a aproxima surpreendentemente de Eva no Gênesis. O ato de sedução (culpa) e a conseqüente expulsão do Paraíso (punição) são claras analogias bíblicas.

Não podemos dizer que Iracema supere **provas** parecidas às dos heróis míticos. Em contrapartida, ela é **exposta** a uma

seqüência crescente de punições de ordem psicológica como: o afastamento de seu povo, o sacrifício de muitos de seus irmãos num confronto armado contra a tribo inimiga, o fato de ela ter que viver com a tribo inimiga de seu povo, o abandono por Martim, o parto e, finalmente, a morte. Seu sofrimento crescente a purifica no sentido cristão da expiação e, com a morte, torna-a digna de ser mitificada.

Como Iracema é uma heroína que abandonou seu estado de sacralidade para descer, através de sua falha, ao plano profano, ela se destaca mais pela sua tragicidade que por atos heróicos. Talvez por ser mulher e assim estar confinada a um papel passivo (pelo menos após a transgressão), suas virtudes também se localizam em medida maior na resignação que na ação. Essa característica aproxima-a mais dos santos cristãos que dos heróis míticos masculinos. Não há, portanto, nas suas atuações, espaço para o maravilhoso que se manifesta em faculdades supra-humanas, propiciadas ao herói pelos Deuses durante a superação das provas.

A luminosidade, outra propriedade do herói mítico, também é encontrada em Iracema, somente enquanto sacerdotisa portadora de uma sabedoria compartilhada exclusivamente com Jurema. Após ter traído esta, encontramos em Iracema uma luz diferente, REFLETIDA, que se localiza agora no plano da sua sensualidade. Ela é a lua que recebe a luz do sol, de reflexo. Sempre que a encontramos quando se aproxima de Martim, é noite, pelo menos nos episódios de aproximação erótica ou de sedução. A lua, como a mulher, são identificadas com o lado oculto da natureza, com a noite, em contraposição ao sol, que é o fator da vida manifesta e da atividade ardente (guerra, ação). Podemos ver, nessa distribuição, uma analogia com os papéis de Iracema e Martim. Na ausência de Martim (sol), Iracema fica triste, incolor, morta (como a lua nova). É ao luar que Iracema se entrega a Martim, e a lua é alva (= virgem). Citarei do cap. XVI: «a luz brilhante do sol (Martim) empalidece a virgem do céu (lua), como o amor do guerreiro (Martim) desmaia a face da esposa (Iracema).» Mais adiante, no canto da lua nova (cap. XVI, pág. 115) lemos: «Veio do céu a mãe dos guerreiros...»

e «... já veio a **esposa do sol**. Significativamente, esse simbolismo que compara a lua a uma mãe e esposa aparece após a entrega amorosa de Iracema.

A sexualidade de Iracema está carregada de um erotismo emprestado à natureza. Ela é a natureza em amor, a terra. Terra e céu têm o mesmo simbolismo de lua e sol. Todavia, como Iracema é vestal da Jurema, sua «culpa e transgressão» estão nessa «descida à terra». A **atração pelo sexo oposto** exerce influências maléficas sobre ela, sendo-lhe fatal na medida em que ela não pode deixar de atrair e de ser atraída (lua e sol).

Martim parece lutar contra a atração que Iracema tem sobre ele, usando de subterfúgios, como o pedido de sorver o licor que dá acesso aos sonhos. Esse licor é comparável ao **Filtro de amor** noutros mitos. Quem bebe o filtro já não pode manter o controle sobre as próprias faculdades e pode ser empurrado para fora de sua conduta «normal», sem ter culpa (analogia com Adão, Eva e a maçã). Num jogo entre enunciado (obscuro) e enunciação (artifício) e, ainda, pelo desfecho da narrativa, o autor nos deixa acreditar que foi Iracema a principal culpada do acontecimento (outra relação de intertextualidade com a Bíblia).

Já Poti, que, como Iracema, abandona os mesmos valores, não é punido, nem desprezado, torna-se, ao contrário, herói e «eleva-se» à posição do branco. Num primeiro momento, ele é a alma-gêmea do colonizador em terra indígena, a parte da psiquê de Martim que se apegou ao Brasil. Num segundo momento, após o batismo que se traduz na perda de sua identidade como índio, ele se transforma na imagem especular do branco. Essa morte civil simboliza sua ascensão ao plano «superior» dos colonizadores.

Sob o ângulo de visão assumido para Iracema, Poti também trai o seu povo e a sua cultura, mas as conseqüências disso são tidas como positivas. Como explicar esse aparente paradoxo?

Iracema está dentro do processo da cosmogonia, ela representa a origem mítica da raça brasileira. Ora, como a raça e a cultura indígenas serão destruídas, à sua pessoa é feita uma dupla exigência: a de matriz da raça (e como tal ela ingressa

no mito) e a de traidora de sua raça e religião (e como tal ela é culpada pelo genocídio de sua raça). É por esse motivo que virtudes (ascendência, beleza, vigor físico, espírito de sacrifício) convivem num espaço tão estreito, dentro da mesma pessoa, com falhas (traição e extirpação de sua raça, cultura e religião).

Poti já tem outra função: Ele representa a aceitação de Martim no Brasil. Suas virtudes são como absorvidas pelo colonizador.

O maniqueísmo manifesta-se em **Iracema** pelas oposições entre culpada (= má = Iracema) e não culpado (≡ bom = Martim), entre morena (= inferior = Iracema) e branco (= superior ≡ Martim e sua noiva loira). Fala-se ainda na «virgem morena dos **ardentes** amores» e na «virgem loira dos **castos afetos**». Outro par de opostos é representado por «superstição» (= religião indígena) e «religião» (= religião católica), «errada» a primeira e «certa» a segunda (justificativa para a pretensa «salvação dos índios através do batismo).

No mito, o voltar ao passado é que orienta o caminho para a frente. A invocação do paraíso perdido facilita o retorno a este, no futuro. Esse retorno cíclico do que existia originariamente consiste o **eterno retorno**. Sempre, após cada «morte», mesmo a de uma civilização, há um «renascimento». A morte torna-se, assim, indispensável à regeneração. Daí o autor atribuir uma função «necessária» à morte da raça e cultura indígenas no contexto da criação da raça brasileira.

A terra prometida, em **Iracema**, é o Brasil, evidentemente na visão do colonizador. Essa terra, já com cheiro de «paradisíaca» (como consta das cartas dos primeiros colonizadores, p. ex. p. 73 a 75 da **Carta a el-rei D. Manuel** de Pero Vaz de Caminha), ao mesmo tempo em que é uma nova pátria para os portugueses, representa também uma volta a uma terra primordial; talvez a terra prometida da religião judaica-cristã.

Em **Iracema**, a **morte** tem, pois, uma dupla função: expiação de uma falha primordial através da auto-punição (Iracema se deixa morrer) e nascimento mítico de uma nova humanidade, a raça brasileira.

OS VÁRIOS PLANOS DE LEITURA DO MITO EM IRACEMA

O desejo da **volta à origem** é explicado pela Psicanálise como um impulso subliminar originado pelo primeiro «paraíso» do ser, a vida intrauterina, perdida violentamente com a expulsão. Essa expulsão deixa uma insatisfação persistente, que faz com que o indivíduo sonhe, pelo resto da vida, com o «paraíso perdido». Em **Iracema**, a volta à origem é representada pela vinda de Martim para o Brasil. Além disso, ALENCAR cria a **Mãe Mítica** de sua nação, à imagem de suas lembranças de infância, da qual sublima e sacraliza as ilusões mais belas.

No **plano do nacionalismo** é lícito considerar que as idéias para **Iracema** foram concebidas num período em que o Brasil recém-independente era estigmatizado pelo menosprezo dos ex-colonizadores, cultural e politicamente colocado num plano de inferioridade. Os intelectuais brasileiros tinham uma percepção aguda da necessidade de os brasileiros acharem sua identidade nacional. O Brasil tinha como único referencial de identidade própria a fuga para o passado, em direção ao mítico mundo dos habitantes primitivos.

Apesar da já manifesta decadência da cultura indígena, Alencar reconstrói um passado glorioso e uma explicação sublimada para o desaparecimento dessa cultura. Nesse sentido, o romance de Alencar é um «exorcismo» das realidades negativas que se tinham criado e que perturbavam a aceitação do presente. Conforme o ideário do Romantismo, a projeção de um passado idealizado como modelo para um futuro melhor ajuda a superar o presente.

No **plano simbólico**, Iracema personifica o biológico, a terra, a procriação, as virtudes físicas dos índios, o sacrifício, todas qualidades que ela, matriz da raça brasileira, transmite para o filho. Tomando a simbologia lunar com a qual ela é identificada, todas as características da lua (passividade, periodicidade da vida, ação na distribuição das águas e conseqüente papel de mediadora entre céu e terra, dependência do sol como elemento complementar masculino) são transferidas para a sua pessoa, criando uma imagem feminina ideal. Ao casamento entre sol e

lua corresponde aquele entre o céu e a terra e o entre o dia e a noite.

No **plano lingüístico-cultural**, a valorização do idioma e das tradições indígenas é também uma tentativa de **volta às origens**, de resgate dos valores originais.

No plano da **visão masculina**, da **religião cristã** e da **colonização** podem ser feitas as seguintes colocações: Iracema, traindo sua religião e cultura, comete uma falha trágica, comparável à de Eva na religião hebraico-cristã. Com isso, ela torna-se culpada do desaparecimento de seu povo (visão machista, religiosa e da colonização). Martim (personificando, evidentemente, o colonizador), a par de Adão, é «vítima» da sedução de Iracema. Mesmo o casamento não é levado tão a sério a ponto de impedi-lo de abandonar a própria mulher, da primeira vez porque enjoado (afinal ela é «apenas» uma índia que se tinha oferecido a ele), da segunda vez sob pretexto de alguma «missão superior» (batalha, guerra «necessária»). A aceitação da paternidade é, percebe-se, também o resultado de uma narcisística confirmação da própria virilidade (palavras de Poti à p. 151: «cada guerreiro que sai de suas veias é mais um galho que leva seu nome às nuvens...»).

No **plano da sublimação**, Iracema deve morrer para adquirir **status**, e Poti deve receber o batismo para se enaltecer. Martim não precisa de nenhuma sublimação...

O exposto acima encerra somente algumas das possíveis leituras ligadas ao mito em **Iracema**, pois existiriam, naturalmente, inúmeras outras.

Com **Iracema**, Alencar criou um novo mito de origem através da remitização do passado. Esse mito trata da origem da raça brasileira (cosmogonia) e contém elementos míticos cristãos e indígenas.

As características que o autor imprime à obra são, apesar de um grande esforço para valorizar a cultura indígena, típicas da visão do intelectual branco. Uma leitura crítica revela que, inconscientemente, o elemento do colonizador branco e a religião católica exercem um papel prevalente, através de um acentuado paternalismo filantrópico.

Contudo, Alencar, visto dentro de sua época, pode ser considerado como precursor em dois sentidos: primeiro por ter enxergado a necessidade de estimular e consolidar um sentimento nacional brasileiro e segundo por ter tentado, com o máximo de boa fé, erigir um monumento literário a uma cultura desaparecida, procurando captar-lhe os traços mais belos e valorizando-os para a posterioridade.

Iracema é o cerne de sua narração: uma figura feminina em parte índia, em parte romântica, mas que não deixa de despertar, ainda hoje, saudades e pesares: Quem não sonhou nunca com um futuro melhor, talvez ideal, ligado aos moldes do «paraíso perdido»?

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. **Iracema.** Rio de Janeiro, Editora TECNOPRINT S.A., Edições de Ouro.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito.** São Paulo, Persectiva, 1972.

CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de Símbolos.** São Paulo, Editora Morães Ltda., 1984.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** São Paulo, Perspectiva, 1972.

————. **Le mythe de l'éternel retour.** Paris, Gallimard, 1967.

SELLIER, Philippe. **Le mythe de l'éternel retour.** Paris.

A BRICOLAGEM EM AVALOVARA:
(Re)Constituição do Corpo *

Ilza Matias de Sousa

Em entrevista à revista «Escrita», nº 13, de 1976, Osman Lins afirmava:

> «Eu aceito a história e me volto para a história, aceito os meus compromissos diante da história e não quero renunciar a eles, principalmente levando em conta o momento histórico em que nós vivemos no Brasil, um momento que se diz sério, mas que é altamente dramático».

A postura ali definida pelo autor, fez-nos deter diante da construção do **Avalovara**, para nela examinar a inserção da História e do sujeito, tomado enquanto corpo histórico-social.

Propomo-nos a ver em que medida o projeto literário se articula ao projeto político, no ofício de escrever do autor. E, dessa maneira determinar se, no discurso de Osman Lins, há o lugar do político.

Procurar discutir a historicidade e a questão ideológica na obra de Osman Lins, não implica estabelecer, aí, uma atitude

---

* Esta dissertação foi apresentada como trabalho final do curso «A narrativa de Osman Lins», ministrado pela profª Maria do Carmo Lanna Figueiredo (Mestrado em Literatura Brasileira — UFMG — 2º semestre de 1984)

1. O recalcamento é da ordem da proibição e da linguagem; a repressão da ordem da censura e da violência. Cf. Freud, Sigmund. El Malestar En La Cultura. Madrid, Alianza Editorial, 2ª edição, 1973.

de engajamento na relação homem/escritor e obra, seja de ordem existencialista sartreana, seja de ordem marxista ortodoxa. Trataremos, sim, de observar o cruzamento do caminho histórico e do poético que levam à interrogação sobre o real em sua manifestação concreta e imediata de realidade social (no caso, brasileira), e à tentativa de superação dos limites desse real.

Partindo-se do pressuposto de que toda a linguagem é poder político e sexual, exercido na instância de seu recalcamento, através de representações repressivas (2) e, de que todo o discurso apresenta-se numa perspectiva de classe, a situação da arte configura-se, em si mesma, como uma situação dialética. A palavra que se alimenta do recalcamento do real e a palavra que revoluciona e desrecalca o real, palavra livre e criadora, instauram-se numa luta de morte e renascimento.

Sob essa luz, analisaremos em **Avalovara** o dilema recalcamento/repressão que é a própria encenação da história. E aí buscaremos empreender a constatação da ocorrência de um processo de reflexão e auto-reflexão que se encaminhe para uma perspectiva de maturidade, no sentido da superação da impotência, mediante a ação dialética do conhecimento que é o discurso entendido como um movimento no interior da realidade.[2]

Essa leitura analítica, voltada para o enfoque político-social, nasceu e se desenvolveu com base na própria relação sintático-semântica que aparece no trabalho de bricolagem, executado por Osman Lins, no interior do discurso. Trabalho que parece recusar uma operação de sublimação e repor o indivíduo na materialidade do corpo sexual, como uma prática política, na sua dimensão pulsional.[3]

---

2. DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O que é Realidade.** Coleção Primeiros Passos, São Paulo. Editora Brasiliense S.A., 1984, cf. «A Edificação da Realidade», p. 28.

3. «As forças pulsionais que tendem a conduzir a vida à morte poderiam muito bem operar entre eles (os seres vivos) desde o começo, mas seria muito difícil fazer a prova direta de sua presença, seus efeitos sendo marcados pelas forças que conservam a vida.» FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos.** Rio de Janeiro. Imago Editora Ltda. 1976.

A bricolagem é, aí, procedimento técnico e modo de pensamento desconstrutor da realidade nas malhas de suas próprias contradições e na maneira como estas se refletem na subjetividade:

> «**O bricoleur**, diferentemente do engenheiro, opera com um material que não produziu em vista do uso atual, mas com um repertório limitado e heteróclito que o força a trabalhar, como se diz como os meios de bordo; este repertório é feito de resíduos de construções e de destruições anteriores; representa o estado contigente da instrumentalidade a um momento dado; o bricoleur opera com signos já usados, que desempenham o papel de predeterminação quanto às novas organizações».[4]

Ao recortar e colar o texto jornalístico, o bricoleur — Osman Lins — (re)constituiu um universo político-ideológico, nesse movimento de construção e destruição implícito à bricolagem. Aí, o discurso é tomado como formação desejante e lugar de constituição do sujeito concreto em sua realidade histórico-social.[5] Do interior da própria realidade (brasileira), o discurso de Osman Lins parece se constituir em si mesmo, um projeto revolucionário.

> «Na ideologia, os homens exprimem com efeito não suas relações com sua condição de existência, mas a maneira pela qual eles vivem sua relação com suas condições de existência: o que supõe ao mesmo tempo relação real e relação «vivida», «imaginária».»
>
> ALTHUSSER

Do transbordamento verbal das páginas de **Avalovara** vai aparecendo, em fragmentos dispersos, cravando-se no texto lite-

---

4. LIMA, Luiz Costa. **O Estruturalismo de Lévi-Strauss**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1970, p. 171.

5. DELEUZE e GUATTARI. **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro, Editora Imago Ltda., 1976

rário e abrindo-lhe sulcos, um outro texto conciso, objetivo, e cortante na sua secura. Compondo-se de notícias jornalísticas sobre a realidade político-social brasileira dos anos 60, mais precisamente, do período da chamada «Revolução de 64», tal texto corta e pontua o texto vibrante e apaixonado da ficção, nela se imiscuindo como um objeto insólito, sustendo o excesso verbal e a prolixidade da narração.

São treze notas transcritas de jornais (embora não haja referência a suas fontes), espalhadas no livro.** Duas dessas notas, remetem ao contexto internacional onde política social e política espacial se cruzam e se complementam. Ingresso do homem na era espacial. Ingresso do brasileiro numa nova Ordem. Ambos, submetendo o homem às tramas ideológicas de sua época.

Como observador aparentemente neutro, à espera do desenrolar dos acontecimentos, Osman Lins recolhe e coleciona as notícias, dispondo-as em técnica de bricolagem, de uma maneira a organizar o próprio cenário político-social brasileiro. Ele lança as notícias, sem análise, e, de dentro da neutralidade jornalística, cria um efeito de isenção subjetiva e ideológica que o próprio gesto de apropriação ficcional recusa e coloca em tensão. Assim o autor dá início, em seu discurso, a um trabalho de desconstrução das representações ideológicas repressivas, e procede ao desmanchamento do jogo do poder dominante. Na imbricação dos planos ficcional e jornalístico, estabelece-se um diálogo de negação e afirmação da função ideológica do texto literário em sua relação com o real.[6]

Osman Lins se posiciona como o articulista desse trabalho intertextual em que se encontram e se separam a visão mítica e cósmica do romancista e a visão histórica do escritor (e homem) cujo fazer artístico se apresenta cronológica e espacialmente

6. Entenda-se «real» como construção simbólica humana; conceito relativizado na dinâmica da prática social: o que é real para um povo ou para um grupo, não o é necessariamente para outros. Cf. Duarte Júnior. Jão-Francisco. O que é realidade. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Editora Brasiliense S.A., 1984.

situado. Então, através de uma operação de relacionamento discursivo, a História se introduz na cosmogonia em que **Avalovara** parece consistir. Organizadas em seu conjunto, as notícias recortadas situam o discurso literário numa perspectiva histórica, em que se apresentam as feições da realidade objetiva que é o UNIVERSO em que o homem, enquanto indivíduo pensante e desejante, vive e desenvolve sua práxis.[7]

O espaço intertextual de **Avalovara** promove, desse modo, o debate de várias ideologias, de várias classes sociais. Aí o(s) discurso(s) aparece(m) como um processo de transformação, na relação com uma práxis dinâmica. E, na dialética dessas transformações, não há lugar para o discurso da verdade.

O real e a ficção se contaminam e, essa contaminação, coloca em movimento tensional e intencional o histórico do texto jornalístico e a historicidade mítica do texto literário. No cruzamento dessas «realidades», a prática social, os desejos e os pensamentos a partir dos quais o homem elabora o seu conhecimento, aparecem fundados em representações repressivas.

O discurso de Osman Lins formula-se, portanto, como o lugar de resistência consciente às representações dominantes. Seu método de ação (literária) é a copulação. A linguagem torna-se corpo e instrumento. Na articulação das regiões da sexualidade e da política. Osman Lins promove o retorno do recalcado.[8] A cópula, aí, é trabalho de desfeitura das formas de sujeição à ideologia dominante e à hegemonia de classes e culturas.

À força e à opressão, Osman Lins contrapõe a força do vivido pelo homem, e inscrito em sua própria carne. Contra o ditado pelas ditaduras, propõe o exercício de plena subjetividade do jogo sexual onde se inscrevem mais profundamente as próprias contradições da realidade social. Prática sexual que é, em última instância, prática política.

---

7. Para o conceito de Práxis, cf. Kosik, Karel. **Dialética do Concreto.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 197

8. FREUD, Sigmund. **El Malestar En La Cultura.** Madrid, Alianza Editorial, 2ª edição, 1973, p. 153

Ao recortar e enxertar o texto jornalístico no texto literário, Osman Lins procede ao infiltramento do elemento de contágio: História oficial e (h)istória se contaminam, resultando daí o engendramento da mitologia interior de Abel e dos personagens que circulam em **Avalovara.** O texto apropriado contamina o texto de apropriação, provocando, no seu contato uma resposta anti-narrativa e anti-romântica aos **pathos** que mobiliza a (h)istória narrada. A inserção dos recortes jornalísticos corresponde a entrada da História no discurso ficcional.

A bricolagem feita por Osman Lins, em **Avalovara,** ocupa o lugar esvaziado pela censura e pela repressão, a que o escritor contrapõe a liberdade do gesto artístico de recortar, colar e copular textos.

Imaginação criadora e prática social aí confluem. As relações de produção textual remetem às relações de produção social, e, os dados produzidos literariamente se relacionam aos dados de ordem sócio-política e histórica, colhidos pelo escritor no curso de suas experiências em contato e comunicação com a realidade. E essa realidade é reordenada segundo uma disposição própria à tessitura ficcional.

A re-ordenação do real, a partir da disposição das notícias recortadas e coladas, se dá num movimento cíclico. Desse movimento emerge a questão silenciada da tomada do poder e da palavra nos sistemas repressivos, como o então vigente no Brasil. Desmascaram-se o arbítrio, os conflitos e as dissensões que de-formam a constituição do poder e preparam seu próprio fracasso, numa sociedade feita de ambivalência na sua prática institucional. As notícias se organizam em torno do registro de atos de repressão legitimados e restabelecidos pelo governo da «Revolução», inaugurado em 64 com Castelo Branco.

Vejamos a primeira e a última notícia na ordem de colagem:

«Castelo Branco adia «sine die»
a execução de novas cassações de mandatos». (p. 26)
«Parlamentares acatam os atos punitivos de Castelo Branco,
Renuncia o Presidente da Câmara». (p. 367)

Vemo-nos, portanto, diante de uma disposição textual que remete à inserção participativa do sujeito, no processo de conhecimento do real. É assim que bricolagem em **Avalovara** propõe-se como um trabalho de apropriação da «máquina da História», para, a partir dela mesma, expor o seu mecanismo de sentido que se instala com o silêncio, e no silêncio, como perversão da fala, gerada pelos sistemas opressores. Numa reação contra-ideológica, a escrita de Osman Lins reivindica para o sujeito o direito à voz e à ação perdidos nas representações reificadoras da ideologia das classes dominantes. Para isso, na perspectiva de um processo de conhecimento integrado à existência concreta do indivíduo, Osman Lins desloca-se, dialeticamente, de sua posição de observador puro, diante da realidade objetiva, para penetrar no seu interior e então, nela intervir, com sua prática e experiência adquiridas na vida comunitária.

No espaço intertextual de **Avalovara**, projeto literário e projeto político se articulam, a partir da elaboração consciente do jogo de contradições ideológicas. Escritor, obra e opressão é o tema que vara o romance e avaliza uma escrita que é produzida no esforço do ato de escrever as próprias contradições. Sofrimento de um sujeito que recusa a História, enquanto confinamento e sujeição, e a reconhece como possibilidade de efetivação da liberdade. No texto apropriado, a História rompe trans-crita. No texto de apropriação o mito é inscrito e re-escrito. Nessa relação diferencial, mito e História defrontam-se e buscam comunicar-se.

O texto da História, recortado e colado no texto da ficção, supõe o ato «insuspeito» e «oficial» de escrever. No atrito dos dois corpos — o de ficção e o jornalístico — desnuda-se a maquinação ideológica de um período regido pela força e pela arbitrariedade. O escritor, numa postura subversiva, pratica o ato «suspeito» de escrever que vive do empréstimo da língua e da gramática do opressor. Transforma essa língua e essa gramática em instrumentos de contra-dição a esses que, pelo poder e pela opressão, se colocam como seus donos. Por isso, língua e palavra, texto e discurso se tornam, nas mãos de Osman Lins, instrumentos tão letais quanto vitais.

O texto jornalístico levanta suspeita quanto à isenção histórica da ficção e o discurso ficcional revela-se condicionalizante, apontando para a época e para as circunstâncias em que foi elaborado. A inserção do texto jornalístico no texto literário trava, assim, uma relação política, a partir da qual o escritor procura pensar as contradições entre o discurso literário e a realidade social; entre a palavra reificadora da instituição e a palavra livre e criadora; ou, ainda, entre História e(h)istória.

O discurso de Osman Lins torna-se o lugar de contra-trabalho à maquinação das ideologias de dominação, no curso da História humana, e à sujeição à violência institucionalizada. Coloca a questão de se saber em nome de que real ou violência fala a linguagem das classes dominantes. Na concreticidade do ato de escrever, escritor e sociedade definem-se como um corpo histórico-social, e, nessa medida, a política tem lugar na obra de Osman Lins. E é a patrir desse lugar — o lugar do político — que a ideologia revela seu jogo de contradições e pode, então, ser reconhecida como um nível específico da realidade.

Ao entrelaçar historicidade e discursividade, Osman Lins leva-nos a considerar nele uma atitude de cisão com a ideologia idealista e romântica, implícita na formação do intelectual brasileiro ao definir o homem e sua produção artística. A indagação do real, contudo, não nos conduz a afirmar encontrar-se nele vinculação e proposições neo-realistas.

Vemos no trabalho de bricolagem de Osman Lins uma busca de reconhecimento de uma significação histórica e social no discurso literário, sem que este se reduza àquela. A bricolagem de Osman Lins compõe um corpo dúplice em que se procura reconstituir o «lado esvaziado do rosto» (Avalovara p. 310). Diríamos que **Avalovara** é a própria busca do sujeito através da História e na História.

Considerando e observando o processo de relacionamento do objeto real e do objeto poético, dados enquanto relações de produção textual em **Avalovara**, reportamo-nos à Revista Escrita, onde o autor formula explicitamente a recuperação do trabalho do artista como trabalho concreto, em que a relação entre o

produto e o produtor é também concreta. E, aí, a obra de arte não mais alienada nem desmemoriada da atividade do sujeito criador... Diz Osman Lins:

> «... parece que o trabalho do escritor, metaforicamente, seria construir imaginariamente, um rosto que não existe.» [9]

Temos, aí, elementos para repensar o lugar do sujeito no processo criador: E é interessante, neste momento, referir-nos a M. Foucault:

> «mais de um, como eu sem dúvida, escreve para não ter mais rosto».[10]

Ambas as citações remetem efetivamente, para uma questão: a de se estar ou não situado na sua própria palavra.

O trabalho de (re)constituição da História em **Avalovara** recoloca o sujeito no processo de produção literária e afirma a impossibilidade (não sem tortura) na neutralidade da linguagem. O sujeito está situado em sua palavra, não ocupando, entretanto, um lugar privilegiado, conforme a tradição da teoria do conhecimento e do pensamento cartesiano. Em **Avalovara**, o processo de bricolagem traduz o preenchimento imaginário, dado nas complexas relações das dimensões do real e do simbólico. Aí, o sujeito não é postulado como ser de integridade, de unicidade ou compacidade. O sujeito de **Avalovara** é um sujeito composto de resíduos do real, do simbólico e do imaginário.

A (re)constituição do corpo é feito de outros corpos que se conjugam coletivamente. O discurso transforma-se, dessa maneira, no lugar de um sujeito ativo e criador e contradiz à sujeição no interior da própria realidade histórica e social. Recupeção da História no discurso e do sujeito na História.

---

9. Revista Escrita nº 13, 1976. Entrevista de Osman Lins a Astolfo Araújo, Hamilton Travisan, Gilberto Mansur e Wladyr Nader.

10. Foucaut/Rouanet/Escobar/Lecourt. **O Homem e o Discurso (A Arqueologia de Michel Foucault)**, Rio de Janeiro, Comunicação 3, Tempo Brasileiro, 1971, p. 46

** TEXTO DE BRICOLAGEM — AVALOVARA

1. Castelo Branco adia «sine die» a execução de novas cassações de mandatos — Página 26
2. MONDE CONSIDERA EQUÍVOCA VITÓRIA DO GOVERNO NO BRASIL Página 27
3. Marechal Costa e Silva apóia o voto indireto — Página 36
4. Caberá ao Congresso decidir se as eleições de 1970 serão diretas para governadores e Presidente da República — Página 84
5. Decreto do Marechal Castelo Branco unifica sob a denominação de INPS os institutos de aposentadoria e pensões — Página 110
6. Gemini 12 bate recorde no espaço e encerra com êxito sua missão Página 184
7. «Traí e ofendi». — Página 222
8. Cassações e suspensões de direitos políticos: aguarda-se nova lista ainda hoje — Página 301
9. Concluída com êxito missão da Gemini 12 — Página 318
10. Sodré: surge uma nova democracia — Página 318
11. O presidente Castelo Branco, rodeado de crianças, concede autógrafos no V Salão do Automóvel — Página 329
12. Armas farão advertência — Página 339
13. Parlamentares acatam os atos punitivos de Castelo Branco. Renuncia o Presidente da Câmara

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** São Paulo, Editora Cultrix, 3ª edição, S/d.

CHAUI, Marilena. **O que é Ideologia.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo, Editora Brasiliense, 1984

DUARTE JÚNIOR, João — Francisco. **O que é Realidade.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1984

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1972

EMIR, Rodriguez Monegal, Maria Lúcia P. de Aragão, David Hayman et alii. **Sobre a Paródia.** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1980

FOUCAULT/Rouanet/Escobar/Lecourt. **O Homem e o Discurso** (A Arqueologia de Michel Foucault), Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1971

FREUD, Sigmund. **El Malestar En La Cultura.** Madrid, Alianza Editorial, 2ª edição, 1973.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LINS, Osman, **Avalovara.** São Paulo, Melhoramentos, 1973.

LYRA, Pedro. **Literatura e Ideologia.** Rio de Janeiro. Editora Vozes Ltda., 1970

MACHEREY Pierre. **Para uma Teoria da Produção Literária.** Lisboa, Editorial Estampa, 1971

PINHEIRO, Amálio. **A textura Obra/Realidade.** São Paulo, Cortez Editora, 1983

SANTOS, Laymert G. Dos. **Alienação e Capitalismo.** São Paulo, Editora Brasiliense, 1982

WILHELM Reich, Eugène Enriquez et alii, **A História e os Discursos** Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1974

VAZQUEZ, Adolfo Sánchez. **As Idéias Estéticas de Marx.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

RL

revista literária

RESENHA

Em dezenove concursos, a estatística da RL está assim:

ESTATÍSTICA RL				
ANOS	ESTUDANTES	TRABALHOS RECEBIDOS		
		CONTOS	POEMAS	TOTAL
1966	61	18	146	164
1967	102	57	198	255
1968	46	38	131	169
1969	121	76	265	341
1970	105	131	221	352
1971	161	68	257	325
1972	123	118	231	349
1973	199	144	238	382
1974	269	172	478	650
1975	92	96	230	326
1976	76	57	275	332
1977	140	108	515	623
1978	77	54	295	349
1979	123	90	560	650
1980	185	159	720	879
1981	126	84	530	614
1982	123	54	545	599
1983	107	80	403	483
1984	96	30	429	459
TOTAL	2332	1634	6667	8301

19.º CONCURSO DE CONTOS E POEMAS - 1984

A relação dos 459 trabalhos recebidos, com os respectivos pseudônimos, é a seguinte:

CONTOS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 —	O matador de formigas Perambulando Comuin	Argos
02 —	O Barbeiro E Bandeiras Gatinhas e Gatões	Borba Gato
03 —	O Vesúvio Papairanóico filhaalcoólica Rei Midas	Gabriel Cérbero
04 —	Carro de Praça Mormaço também queima Na seqüência	Jokerman
05 —	Semiótica Dialética Metafísica	Maria Bonita
06 —	«Meta-Paixão» Do Mensageiro Triste para o seu Grande Amor ou El Dia en que me Queiras Fuga	Mariluz
07 —	Rosas na Catedral Uma História Incrível O Fantasma de Raul Tomásio	Noel
08 —	A Verdadeira História da Formiguinha Doce Primavera Musical A Efêmera Glória de Evans	Rúlio Gomes
09 —	O Cidadão Tobias Luar A Culpa	Tupaque
10 —	«Cheque-Mate»	Nodo

POESIAS

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
01 —	Inacabado	Apsara
	Reflexo	
	Ocaso	
	Noturno	
	Brumas e Almíscar	
02 —	Contagiante	Açucena
	Loucura	
	Fundamental	
	Preencher	
	Os olhos teus	
03 —	Carinho	Alíciade Castro
	Decifrando o ignóbil	
	Tom de Lua	
	Fio de Seda	
	Matéria do Absurdo	
04 —	Minha Criança	Amorim Kris
	Eu	
	De Repente...	
	Você	
	Infância	
05 —	Os Ídolos	Anímula
	A Montanha Azul	
	Não tem nada a ver	
	Poesia Vazia	
	O Rapaz	
06 —	Profissão de Fé	Antônio Biblos
	Dúvida Existencial nº 6836	
	20 anos que parecem 200	
	Advertência Muda	
	A Ordem Sobrenatural das Coisas	
07 —	Tecnologia	Arcanjo
	Tateando a Noite	
	Cinematógrafo	
	Cinco Minutos	
	Memórias	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
08 —	Palavra	Aro
	Pátria	
	Fogo das Mãos	
	Sentimentos e Desejos	
	Encadeamentos	
09 —	Comercial II	Arquétipo
	Consolai-vos	
	Nós	
	Sem Título	
	Sem Título	
10 —	Ausência	Asterix
	Temporal	
	1985	
	Evocação a Poesia e a Loucura	
	Megalomania	
11 —	Manhã	Benjamim
	Concepção	
	Alegoria	
12 —	Mariuce	Bidiço
	Marina	
	Minas	
	Toda Insensatez	
	Por que a cicatriz ainda existe	
13 —	Composição	Cadinho
	Desconhecido	
	Poema em Branco	
	Angústia	
	Gramática Verbal	
14 —	Superficialidade	Carla Souto Werneck
	Sede Surrealista	
	Fome Teatral	
	Artigos Definidos	
	Aglutinação, Justaposição	
15 —	Solidão	Celinho
	Bar	
	Criança	
	Mulheres Grávidas de Cubatão	
	Terra	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
16 —	Menino	Cotrim
	Pluriverso	
	Belo Horizonte	
	A Outra	
	Das palavras	
17 —	Ilusão	D. Jottele
	Menina	
	Desencontro	
	Devaneio	
	Momentos	
18 —	Revelação	Daedalus
	Único	
	Só	
	Poema	
	Motivo	
19 —	Festa	Di Portes
	Lembrança	
	Momento	
	Tempo de Acordar	
	Invasão	
20 —	Poesia	Dilson Piccin
	Beijos	
	Amigos e Poesias	
	Frígida	
	Reflexos	
21 —	Etérea	Dom Quixote
	O início, o fim, o meio	
	Emoção	
	Liberdade	
	Alma	
22 —	Único	Elisa Vianna
	Sensações	
	Linguagem Subvertida	
	Desabafo	
	Mulher Mistério Mulher	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
23 —	Quem é	Edinho
	Que país é este?	
	Restos do Deserto	
	Cidade sem Gente	
	Ou la la sex sex	
24 —	Caos	Eros
	Poema Revolução	
	Imperativo	
	Natureza	
	Fascinação	
25 —	Algo	Fanc
	Ferido	
	Minas	
	Insônia	
	Um Tempo Livre	
26 —	Isca	Felício Delícia
	Bode	
	Gosta	
	Ufanagem	
	Crepúsculo	
27 —	Como um Peixe fora D'água	Fernando de Macedo
	Uma Pedra no Sapato	
	No Escuro da Noite morrem os Girassóis	
	Quando tudo de nada adianta	
	Afogando	
28 —	Paixão	Gaia
	Quintessência	
	Renascer	
	Caostidiano	
	Platônico	
29 —	(sem nome) (do peixe)	Gláucia
	(sem nome) (da janela)	
	(sem nome) (dos camalões)	
	Os espelhos	
	de modo	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
30 —	A vida e o amor	Graniscos
	Um minuto de felicidade	
	Criança	
	Desilusão	
	Infinito de amor	
31 —	Quem me dera	Guanumbi-Mirim
	Fonte dos desejos	
	Raízes	
	A volta	
	Literatura I	
32 —	A morte da rosa	Hélio Adriano
	Sinais	
	Tempo partido	
	A qualquer tempo	
	Vida	
33 —	Ali	Isa Dora
	Fim de tarde	
	Hora do café	
	Materiais na arquitetura	
	Minha avó	
34 —	Poesia oculta	João
	Mãos suadas	
	O inventor	
	O rítimo da vida	
	«Simão»	
35 —	Nova	Juca Ponte
	Reflexões	
	Cor-alma	
	O vento viaja	
	Renúncia	
	Exílio corporal	
36 —	O trem	Lalu Menezes
	Boiando sem destino	
	Conciso	
	Dúvida	
	Avó	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
37 —	Integração passada	Lara
	Todo dia	
	O que clama meu povo	
	Pequeninas	
	Vontade	
38 —	Espetança	Lauro da Liça
	Supraterrâneo	
	Sujeito oculto	
	Consterlar	
	Xingu um palavrão	
39 —	Limpidez	Lisarb
	Minas Gerais	
	Pedra e pó	
	À querida flor	
	Para Juju	
40 —	O limite do sonho	Lininha
	Previsão	
	O quarto imbatível	
	A palavra	
	Trabalho	
41 —	Entre lágrimas	Loupin
	Funesta poesia	
	Miragem	
	Realidades	
	Sem partido	
42 —	Do verde a palha	Lua
	Das praças	
	Os ventos de minha infância	
	A volta	
	A cortina da sala	
43 —	Poema do encontro geral	Lua Lage
	Natureza ainda que tardia	
	Cecília e aterra	
	Canto para a amiga	
	A estética do crime	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
44 —	Eu	Mahatma
	Madrugador	
	Corpo	
	Reflexos e reflexões	
	Sahel nordestino	
45 —	Sem títulos	Maira-Mara
46 —	«In natura»	Margarida
	Imensidão	
	Sonhos	
	Estampas	
	Ilusão crepuscular	
47 —	Amor fugidio	Maria Eulália Câmara
	Você	
	Mulher	
	Desejos	
	Lágrimas de saudade	
48 —	Bagunça na feira	Mariana Serra
	Se tu não vens	
	Cabecinha revirada	
	Campo de batalha	
	Luz da vida	
49 —	Eternidade	Mário III
	Amor eterno	
	Contraste	
	Influxo	
	Ilusão de um sonho	
50 —	Leitmotiv	Marina Lago
	A rede	
	A arma	
	Amar amor raro	
	Reunião	
51 —	Rio Jequitinhonha	Marionete
	Passagem	
	Rua Guaicurus	
	Noturno	
	Espaço minado	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
52 —	Guardiã	Melu
	Eclipse	
	Segredo	
	Nave	
	Cidade II	
53 —	Outono	Mequetrefe
	Eternidade	
	A vida.	
	Existência	
	Outro amor	
54 —	Da descoberta do amor	Mila Meireles
	Anseios	
	Até logo, amor	
	Licença	
	Se soubermos ver	
55 —	Fase-se	Molina
	Momentos	
	Necessidade	
	O menino	
	Prato domingueiro	
56 —	Sandino general dos homens livres	Nenzin do Nelo
57 —	Notícias do socialismo	Nome Suposto
	Traduzindo o verbo essere	
	Não é uma pergunta boba?	
	Maravilhas do capitalismo	
	História do mar, para crianças	
58 —	Um homem entre muitos	O Eterno Palhaço
	Desligue a televisão	
	Elas	
	A morte do poeta	
	Corpo quebrado	
59 —	Trindade	Olga
	Segunda mão	
	Consulta	
	Chinatown	
	Sem título	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
60 —	Ir dormir	Olívia Cercs
	Profissões	
	Incesto	
	Leviana	
	Mágica	
61 —	Cheiro	Orgo Laspro
	Alívio eterno	
	Colocação	
	Aliás	
	Simples - orga laspro???	
62 —	Irene	Pascual
	Mujer II	
	Fuga	
	Duerme mi pequeña, no vale	
	la pena despertar	
	Sem título	
63 —	Blitz	Patafufo
	Interior	
	Menino	
	Pacto	
	Sinais de luxúria	
64 —	E lá Luzia a luz luzíada	Pseudo Nome
	Um Delfim Neto em potencial	
	Complexo de Freud	
	Poetar (para Guto)	
	O regulamento exige cinco	
65 —	Chamando você de mim mesmo (I,II,III,IV,V)	Quincas Borba
66 —	Tudo normal	Raoni
	Revoada	
	Serra do Cural del Rey	
	Jogo	
	Covardia	
67 —	Reza brava	Renata Amara Rodrigues
	Ave em brasa	
	Foto-Poema	
	Trajetória	
	Ensalo	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
68 —	Pai	Rio Espera
	Carta a von Recjkubghaysen	
	Pomar	
	Aconteceu em Gothan City e em outros lugares	
	Para aqueles que são poetas sem querer...	
69 —	Lírico	Romão Canoa
	Barroco	
	Cantata	
	Verso Bárbaro	
	Comentário	
70 —	Mãos	Ruda
	Soneto (...)	
	Estrada II	
	Espelho	
	Gosto de liberdade	
71 —	Silêncio para a tristeza	Russo
	Desatinado	
	Fuga	
	O fim	
	A fonte	
72 —	Fim de tarde	Sagita
	A verdadeira loucura	
	Pensando em você	
	Triste canção	
	Filme vivo	
73 —	Pescador	Sérgio Vieira
	Carestia	
	Sacro poder poético	
	Poema amor	
	Quintal	
74 —	Todo chão em tempo	Serpente
	Morro dois irmãos	
	Previsão da andarilha	
	Coluna	
	Espiral	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
75 —	Flor selvagem	Sherazade
	Vestes-sentinela	
	Lua minguante	
	Fogo-fátuo	
	Da condição humana	
76 —	É verão	Sílvia Maia
	Meu querer	
	Noite	
	Creio	
	Íntimo prazer	
77 —	Oferenda	Terêncio Lopes
	O vulto adiante, na garoa	
	O poeta joga ping-pong	
	Meu palimpsesto franciscano	
	Carta a uma uruguaia	
78 —	Alma perdida	Terra Livre
	Invernia	
	Palmilhando a lembrança	
	Orgulhoso papel	
	O trem das gerais	
79 —	Pausa	Toinha
	Escuta	
	Paulinha	
	Tem pressa não	
	Otrec	
80 —	Virtuoso João	Val Paraíso
	É isso aí	
	Roupa velha	
	Meios e fins	
	Serra do Curral	
81 —	Triste cantiga de amor	Verdugo
	O retrato	
	Elegia nº 1	
	O pequeno cofre encantado	
	Compreensão	

Nº	TÍTULO	PSEUDÔNIMO
82 —	Travessia	Vezúltima
	Rio Jequitinhonha	
	Mina de Morro Velho	
	Noturno	
	Lugar	
83 —	Sobre a forma	Vimaranes
	Amor de três	
	Estado passional	
	A casa do beijo da moça	
	O pé	
84 —	Sem título os cinco poemas	Vita Skerner
85 —	Os derradeiros	Zé Prequeté
	Doença	
	As moradas	
	Os vendedores	
	28 de outubro	
86 —	Poeminha V	Zoé
	Entrada	
	Descrição	
	Despedida	
	Abre campo	

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Stromata, da Faculdade de Filosofia e Teologia, Universidade de Salvador, São Miguel, Argentina, Ano XL — julho/dezembro de 1984, nºs. 3/4

Domando Perplexidades, de Eno Teodoro Wanke, edição Plaquette, Rio, julho de 1984

Botija Parda, nºs 752, 754, 770, 774, 780, Araguari, 1985

Autores Gaúchos, Instituto Estadual do Livro, Porto Alegre, 1985, nº 9

The Centennial Review, do College of Arts and Letters, Michigan, EUA, summer 1984, nº 3

Em meu Peito de Urso, meu Grito de Mulher, de Jaumir Andrade, edição do autor, São Paulo, 1984

Dimensão, Revista de Poesia, Uberaba, MG, 1985, nº 10

Britain, an Official Handbook, Central Office of Information, London, 1984

Anuário de Divulgação Científica, da Universidade Católica de Goiás, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, vol. 10, anos 1981/1984, Goiânia, GO

C'est la Vie, de Eno Teodoro Wanke, Edições Plaquette, Rio, 1985

VI Antologia Literária Infanto-Juvenil «Vinícius de Moraes», do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, Uberaba, MG, 1984

Pensamentos Moleques, de Eno Teodoro Wanke, Folha Carioca Editora Ltda., Rio, 1982

As Paredes da Paisagem, de Eno Teodoro Wanke, Folha Carioca Editora Ltda., Rio, 1984

Novos Caminhos, da Associação dos Professores Universitários de Belo Horizonte, 1985

Queima de Arquivo, de Regis Gonçalves, edição do autor, BH

No Trampolim da Terra, de José Pinheiro Fernandes e Manuel Antônio Pinheiro Fernandes, Editora Valença, Valença, RJ, 1985

The Centennial Review, do College of Arts and Letters, Michigan, EUA, Fall 1984, nº 4

The Centennial Review, do College of Arts and Letters, Michigan, EUA, Winter 1985, nº 1

Pliego de Murmurios, de Juan Luiz Pla Benito, ano V, 1985, nºs 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44 e 45, Sabadell, Espanha

Botija Parda, nº 759, Araguari, 1985

Grã-Bretanha Hoje, Central Office of Information, janeiro/fevereiro, 1985

Grã-Bretanha Hoje, Central Office of Information, Março/abril, 1985

The Yale Review, Yale University, New Haven, Connecticut, USA, Spring, 1985

Courrier du Centre International D'Études Poétiques nº 168, **Ezra Pound (Inédit)**, Dannie ABSE, Octobre/Décembre 1985, Bruxelles, Belgique

Grã-Bretanha Hoje; Central Office of Information, Maio/junho/julho, 1985

The Centennial Review, College of Arts and Letters, Michigan, EUA, Fall 1985, nº 4

Jornal da Taturana, poesia, Prosa e quadrinhos, nº 33, Editora Taturana, Santo André — SP, 1984

Diário da Manhã, ano VI, nºs. 1219 e 1224, Corumbá, MS, 1984

Jerusalém, ano II, nºs. 29 e 31, SP, 1984

CARTAS

Algumas críticas à Revista Literária do Corpo Discente da UFMG

«**Uma Publicação Literária**, das melhores que existem e que ainda resistem dentre tantas que surgem e desaparecem».

Eduardo Curi — O Estado de Minas — BH

«Parabéns por mais este número repleno de criatividade e de tão boa qualidade. Avante! Minas dá um exemplo para o Brasil.

Prof. Dr. Eticar Kuhn — UNESP — SP

«Graficamente está excelente, apresentando trabalhos (prosa e poesia) de muito boa qualidade.»

Wilson Alvarenga Borges — RJ

«Meus cumprimentos à Comissão Editora pelo excelente trabalho».

DEPUTADO JOSÉ APARECIDO DE OLIVEIRA
Governador do Distrito Federal

«Para grata satisfação de todos aqueles que têm visto surgir, ao longo dos anos, tantos grandes nomes e tantos textos de inegável qualidade na Revista Literária do Corpo Discente da UFMG, foi finalmente editado, depois de longo e tenebroso inverno, o nº 18».

O Estado de Minas — 24/07/85

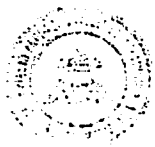
«Não desejo de forma alguma perder um elo que seja da «corrente de expressão cultural» que é a Revista Literária».

Gislene C. Campestrin — SP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

IMPRENSA UNIVERSITARIA

Caixa Postal 1621 — 31270 Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

Edição da

REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS